

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANTONIO GARCIA NETO

**A PSICOSE COMO CRIAÇÃO NA OBRA DE PIERA
AULAGNIER E CORNELIUS CASTORIADIS**

CAMPO GRANDE – MS
2015

ANTONIO GARCIA NETO

**A PSICOSE COMO CRIAÇÃO NA OBRA DE PIERA
AULAGNIER E CORNELIUS CASTORIADIS**

Dissertação para apresentar à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), como requisito final para a obtenção do título de Mestrado em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Epistemologia e Teoria Psicanalítica.

Mestrando: Antonio Garcia Neto.

Orientador: Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro.

CAMPO GRANDE – MS
2015

A PSICOSE COMO CRIAÇÃO NA OBRA DE PIERA AULAGNIER E CORNELIUS CASTORIADIS

Orientador: Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro

Dissertação apresentada como exigência final para a obtenção do título de Mestre em Psicologia à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Campo Grande.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro (UFMS/Orientador)

Prof. Dr. Henrique de Oliveira Lee (UFMT)

Prof^ª. Dr^ª. Inara Barbosa Leão (UFMS)

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (UFMS/membro suplente)

Campo Grande – MS, Novembro de 2015.

*Dedico o trabalho a todos meus analisandos, pois eles
me ensinam constantemente o que é Psicanálise.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus pelo fôlego de vida. Aos meus pais, pelo incentivo em iniciar o mestrado e também pela compreensão que tiveram ao longo desses dois anos, por minha ausência em algumas ocasiões. Mas por estarem sempre ao meu lado nos momentos bons, bem como nos mais difíceis.

Ao meu orientador, David Victor Emmanuel-Tauro, pela paciência e disponibilidade em me ensinar como se produz uma discussão de um modo muito tranquilo. Ao seu incentivo e sustentação em torno da pesquisa, mantendo com clareza os objetivos, e exercendo de fato com mestria a transmissão do conhecimento.

Ao programa de pós-graduação em Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a todo corpo docente e em especial a Professora Dra. Inara Barbosa Leão, com quem aprendi sobre Psicologia com muita clareza e objetividade, embora com extremo grau de exigência, me ensinou as sutilezas necessárias para a construção do conhecimento. Meu muito Obrigado Inara, por sua paciência, acolhimento e gentileza isso ficará para minha posterioridade.

A Giovana Guzzo, pelo sentimento fraterno, atenção, e disposição em ouvir meus anseios despertados na pesquisa, e que não me deixou desanimar e me apoiou em vários momentos desses dois anos, comemorando comigo cada conquista. E principalmente, com sua paciência frente às coisas que demandam tempo, me ajudou a ser paciente e persistir. Ao mesmo tempo crescemos juntos nesses dois anos tão significativos na minha vida.

Aos meus amigos, Hamilton Romero, por sua escuta atenta, seu apoio às condições de pesquisador iniciante, e tamanha disposição para acolher meus inquietamentos com a Psicanálise. A Leticia Bertoldi por me iniciar na literatura e apontar que nada precisa fazer sentido para ser belo, e que o caminho só se faz caminhando, e isso que me instigou a investigar a Psicose. A Gislaine Matos, amiga e irmã, coautora das minhas vitórias e parceira nas aflições, por me encorajar a ser otimista frente às dificuldades que o mestrado apresentou, sempre com palavras de otimismo, e me arrancando um sorriso diante da cada frustração.

À minha psicanalista Janaína Bianchi, que suportou bravamente todas as minhas queixas, e apostou na possibilidade de que eu encontrasse um caminho próprio na Psicanálise, e nele pudesse caminhar com leveza, transmitindo o que se aproxima de um tratamento pelo amor.

Aos meus pacientes, especialmente aos psicóticos que permaneceram e permanecem constantemente me indicando que as certezas da vida sejam elas delirantes ou não, só atestam

de que não há garantia de nada, exceto a da morte, e que isso não impossibilita a celebração, construção e criação de um belo percurso nessa existência.

Meu agradecimento especial ao Grupo de Trabalho Cornelius Castoriadis, o qual minhas ideias foram amadurecidas, muitas formulações dissolvidas, para que pudesse construir além de suposições frágeis, meu muito obrigado.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar a formação do eu na psicose, enfatizando especificamente no tipo clínico da paranoia e seu funcionamento no aparelho psíquico. O método adotado para análise foi a Psicanálise destacando a classificação de doenças diante da nosologia atual e interrogando os sintomas e suas manifestações. Partindo de princípios teóricos da Psicanálise sobre o mecanismo de formação das psicoses a singularidade de suas manifestações na paranoia, com proposta de elucidação sobre os desdobramentos clínicos. Estas articulações abordaram as formulações que norteiam o tema especificamente enfatizando a estrutura do delírio como marco diferencial que a Psicanálise oferece ao discurso da normatização. O percurso abordou a epistemologia do conceito, incluindo desde a direção ao método de tratamento, dispondo das principais bases de compreensão do fenômeno. Foi tomado como referência a Psicanálise, até as contribuições de Cornelius Castoriadis e o desenvolvimento psicanalítico realizado por Piera Aulagnier. Como resultado desta pesquisa, apontamos a emersão do sujeito da Psicose – paranoico- para além de uma patologia clássica. Podendo, assim, colocar outras perspectivas da atuação psicanalítica, tendo como perspectiva o resgate do processo subjetivo de formação do eu e o advento do sujeito na paranoia, o qual constrói sua própria modalidade de existência.

Palavras-Chaves: Psicanálise; Psicose; e Paranoia.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the formation of the self in psychosis, focusing specifically on the clinical type of paranoia and its operation in the psychic apparatus. The method adopted for analysis was psychoanalysis highlighting the classification of diseases on the current nosology and questioning the symptoms and manifestations. Starting from the theoretical principles of psychoanalysis on the formation mechanism of psychosis the uniqueness of its manifestations in paranoia, with proposal for clarification on clinical outcomes. These joints have addressed the formulations that guide the theme of the delusion specifically emphasizing the structure and distinguishing feature that psychoanalysis offers to the discourse of regulation. The course addressed the concept of epistemology, ranging from the direction of the treatment method, disposing of the main bases of understanding of the phenomenon. It was taken as a reference to psychoanalysis, to the contributions of Cornelius Castoriadis and the psychoanalytic development conducted by Piera Aulagnier. As a result of this research, we point to the emergence of the subject of psychosis - paranoico- beyond a classical pathology. And thus can put other perspectives of psychoanalytic activity, with the prospect the rescue of the subjective process of formation of the self and the advent of the subject in paranoia, which builds its own mode of existence.

KeyWords: Psychoanalysis; Psychosis e Paranoia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A PSICOSE: DA PSIQUIATRIA Á PSICANÁLISE	15
2.1 AS PSICOSES	17
3. A FORMAÇÃO DO EU NA PSICANÁLISE	22
3.1 O EU NA TEORIA FREUDIANA	22
3.2 CONTRIBUIÇÕES DE JACQUES LACAN	44
4. A PSICANÁLISE DE CORNELIUS CASTORIADIS DA MONADA A PSICOSE	54
4.1 DA MONADA PSIQUICA Á SUBLIMAÇÃO	56
4.2 A PSIQUE: DO INDIVIDUO SOCIAL AO SUJEITO.....	59
4.3 O SER DA PSIQUE E SEUS FUNDAMENTOS.....	66
4.4 CASTORIADIS E AULAGNIER E A PSICOSE.....	69
5. A PSICOSE EM PIERA AULAGNIER	77
5.1 O PICTOGRAMA E A PSIQUE.....	79
5.2 A CRIAÇÃO DO DELÍRÍO	85
6. CONCLUSÃO.....	100
7. REFERÊNCIAS.....	103

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa traz como eixo central uma questão que marca a gestação da Psicologia e que atravessa o campo da Filosofia, da Psicanálise e da Ciência, dando indícios sobre a metodologia implicada na compreensão de seu objeto de saber: o homem. Dentro dessas áreas de compreensão, nota-se um nó na construção do que caracteriza a normalidade e a patologia psíquica. Ressaltaremos o percurso da história da loucura, segundo a qual o aspecto patológico requer um olhar além para os sintomas, colocando em pauta o sujeito como um ser além de sua inscrição nosológica.

O pensamento filosófico que definiu o homem ao longo dos séculos e as evidências sobre loucura, afirmando que desde a Grécia era considerada uma época em que prevalece a ideia do homem criado por um ser divino. A concepção do divino e sua relação com o homem apontam suas características como sendo também composta por manifestações desse ser. Este dado de importante relevância implicara no ponto de crucial da pesquisa, pois marca um período em que a concepção do homem definia-se como um indivíduo que possui características de ser divino que o criara, ou seja, uma semelhança com o Deus de cada época.

Desde as primeiras formulações idealistas de Platão sobre a condição do homem, permitiram elaborações sobre a característica da psique e a forma de acessar o conhecimento. As consequências foram fundamentais para o desdobramento da vida do homem. Podemos citar como um exemplo algumas marcas desse pensamento. Platão diferencia e separa radicalmente duas formas de conhecimento: o conhecimento sensível (*doxa* e opinião) e o conhecimento intelectual (raciocínio e intuição) afirmando que somente o segundo alcança o Ser e a verdade (PLATÃO, 1996).

O conhecimento sensível alcança a mera aparência das coisas. O conhecimento intelectual alcança a essência das coisas e das ideias. Já na lógica de Aristóteles (CASTORIADIS, 1987), distingue outras formas de conhecimento como sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição. Aristóteles (2001), ao contrário de Platão, o conhecimento vai sendo formado e enriquecido por acumulação das informações trazidas por todos os graus, ao invés de uma ruptura entre o conhecimento sensível e o intelectual, Aristóteles estabelece uma continuidade entre eles.

Embora um percurso ao longo da história possa mostrar uma reflexão sobre a construção teórica da psique, pontuaremos a perspectiva idealista. A partida vai desde os

filósofos clássicos como Sócrates e seu método de conhecer nomeado de maiêutica socrática, até Descartes. O autor francês René Descartes (1560-1650), com discurso sobre o método, acentua as considerações sobre a dúvida. Colocamos na obra de Kant o ápice do lugar da dúvida, com os limites do conhecimento e status da verdade, que influenciou o nascimento de Psicanálise (JÁPIASSU, 1981).

De outro lado temos o surgimento do pensamento nascido na Europa, nos meados do século XIX tendo com protagonista Augusto Conte, conhecido com o movimento positivista, o qual estabelece um método em que a observação e a experiência, tornaram-se critérios exigíveis para que o conhecimento fosse reconhecido. Tal pensamento trouxe também um impacto para o desenvolvimento na Psicanálise, e fez com que Freud dirigisse seus esforços para atender tal condição, para que seus escritos fossem reconhecidos nesses termos.

Segundo Jápiassu (1981), um fato que não pode ser desconsiderado na compreensão do desenvolvimento de uma lógica acerca do homem, é seu contexto cultural, no qual a perspectiva cristã introduziu algumas distinções. A inserção desta característica ocasiona o rompimento com a ideia grega de uma participação direta e harmoniosa entre o nosso intelecto e a verdade, nosso ser e o mundo.

O cristianismo fez distinção entre fé e razão, verdades reveladas e verdades racionais, matéria e espírito, corpo e alma; afirmando que o erro e a ilusão são parte da natureza humana em decorrência do caráter pervertido de nossa vontade, após o pecado original. Aliando-se a essas afirmações, outras características surgiram e se proliferaram pelo ensino e consolidação realizado pela igreja. A expansão ocorreu velozmente ao mundo produzindo assim outra constituição de sujeito, ou seja, uma concepção normativa para o homem segundo os postulados da instituição religiosa. (FIGUEIREDO, 1981)

O surgimento dessa instituição enquanto formadora do homem implicou em uma caça às bruxas literalmente, momento marcado por uma erradicação do sujeito. A caçada tinha como alvo o homem que não atendia as características da ideia de divino implantada por meio do cristianismo, e nesse processo mais uma vez, a loucura é colocada em holocausto.

Os problemas metodológicos se instalam com a dita loucura e não datam de hoje, porém atravessam a história. Desde a Grécia Antiga a loucura era considerada uma manifestação divina, e o louco era então concebido como uma excentricidade necessária e supersticiosa, dotado de determinada sabedoria profética e transformadora.

Não havia a segregação declarada dos loucos, mas aí já mostrava que sabia demais. Já no século XV, na Idade Média, a loucura era vista como algo diabólico, não humano, ao mesmo tempo em que atraente, uma vez que ela possui um saber enigmático ou profético e,

portanto, não sendo concebida como doença (ROUDINESCO, 1989).

No período do Iluminismo, século XVII, com a ênfase racionalista e a predominância do modelo mercantilista, a repressão religiosa à loucura cede espaço a uma segregação de marco econômico, com a criação de abrigos àqueles sujeitos tidos como não produtivos. A loucura passou a ser entendida como desrazão vinculada a aspectos desqualificantes. Mesmo com a Revolução Francesa (1789-1799), que privilegiou direitos de igualdade aos excluídos ou desassistidos, os loucos ainda foram mantidos à margem da sociedade, escravizados em seus estigmas e com isso chamam a atenção da ciência, na qual figurava a Psiquiatria, gestando o promissor futuro da psicopatologia (LEADER, 2013).

Durante o final do século XVII a psicopatologia abundou do o campo da psiquiatria figurando predominantemente como parte da história da medicina com especulações sobre a o funcionamento das doenças mentais graves e delas se ocupava. Desde os estudos do século XVIII com as formulações do médico Xavier Bichat (1771-1802), fundador dos estudos sobre a anatomia das doenças, professor de Pinel, instalou-se a noção de que era possível investigar o funcionamento da mente abrindo o corpo. Embora este modelo de investigação colocasse em crise o discurso religioso da inviolabilidade do corpo humano, algumas tentativas foram realizadas, na direção de estabelecer nexos entre componentes biológicos e processos psíquicos. Porém, sua morte precoce, aos 32 anos talvez tenha deixado essa possibilidade aos discípulos vindouros (ROUDINESCO, 1989).

A Psiquiatria tem um papel fundamental na evolução da compreensão psicopatológica o que acabou desencadeando reflexões sobre o método de conhecimento, implicando na própria construção da ciência dita humana. Tomando como marco o século XVIII, a própria especialidade da Psiquiatria Clínica, que inaugura-se com o médico francês Philippe Pinel (1745-1826) na França, onde publica em 1801 o *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*¹, sintonizado com os ideais revolucionários dos franceses de liberdade, igualdade e fraternidade. Pinel preconizou o tratamento moral para os alienados e desacorrentou os loucos em Paris. Sua prática médica exercida durante os anos em que chefiou os hospitais em *Bicêtre* e *La Salpêtrière* na França, aliada a sua profunda reflexão sobre a alienação mental, concorreram para inaugurar a Escola dos Alienistas Franceses. Nesse cenário também figurava a importância dos feitos de Jean-Etienne Esquirol (1770-1842), que também contribuiu para a construção do conhecimento no campo da psicopatologia (ROUDINESCO, 1989).

Em seguida com as inquietações que a loucura provocava, registramos para fim

¹ Tratado médico filosófico sobre alienação mental e mania.

didático a segunda fase que se deu num período de 1900-1950. Surge com os estudos de Pinel e Esquirol os fundamentos da Psiquiatria Clássica marcada por funções descritivas, da qual os principais nomes foram Morel, Falret e Bayle, que atuam classificando as principais doenças mentais (LEADER, 2013).

Partindo do método de pesquisa da Psicanálise, que consiste na observação clínica registrada na construção teórica e do estudo de caso do próprio Freud, sustentou a elaboração da pesquisa. No percurso foi realizado inicialmente um levantamento de dados o qual consiste na investigação de textos freudianos. A obra de Freud composta por vinte e quatro volumes, sendo utilizados 14 textos. O recorte foi organizado pela cronologia de sua elaboração, possibilitando uma visualização do desenvolvimento dos aspectos teóricos da formação do eu. Recorremos também a psicanalistas e pesquisadores do tema que produziram clássicos que auxiliaram a escrita como Laplanche (1997), Gay (1989). Julien (1999). Após a leitura de Freud, foram utilizados os seguintes seminários de Lacan, II, III e XX.

Ainda no levantamento de dados, foram utilizadas as obras de Cornelius Castoriadis, a obra das Encruzilhadas do Labirinto composta por 06 volumes dos quais foram analisados os seguintes: I, II, III e IV e as obras como o “A instituição Imaginária da Sociedade” e o “Sujeito e Verdade: no mundo social-histórico”. Em continuidade a lógica de pensamento houve a necessidade de compor o campo de investigação as formulações de Piera Aulagnier para isso foi verificado as obras de “A violência da Interpretação: do pictograma ao enunciado”, a obra de dois volumes de “Um intérprete em busca de sentido” e o “Aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro: do discurso identificante ao discurso delirante”, bem como percorremos os interlocutores do pensamento de Aulagnier no meio acadêmico como a Mijolla-Millor (2001) e Hornstein (2001).

Após o levantamento verificaram-se as inconsistências teóricas sobre a psicose, segundo escopo psicanalítico. Observou-se imprecisões sobre as hipóteses de que o delírio fosse específico de processos psíquicos, ou ainda um déficit em sua formação, como se isso colocasse ao sujeito da psicose numa condição inferiorizada diante de funcionamentos predominantemente neuróticos. A construção da pesquisa caminhou no sentido de atravessar a compreensão de Freud, os apontamentos de Lacan, e debruçou-se na crítica e formulações de Castoriadis e Aulagnier, bem como a de seus comentadores, na aposta de que se trata apenas de posições diferentes diante da existência e disso não há nada de déficit.

Assim, a elaboração da dissertação foi dividida de um modo gradativo em 05 capítulos, sendo eles divididos em subitens para alcançar maior clareza do tema. Iniciamos com o Capítulo I, nomeado Psicose: da Psiquiatria à Psicanálise, com apenas um subitem que aborda

a pluralidade das psicoses. O primeiro capítulo tem o objetivo de explorar o conceito de psicose com anterioridade a Freud, tecendo as articulações entre a cultura e a produção do conceito de loucura. O Capítulo III disserta sobre a formação do Eu na psicanálise, visando as explicações de pesquisa freudiana e os principais conceitos, com 02 subitens, atentando para as formações do Eu na teoria de Freud, e as contribuições de Jacques Lacan. Na continuidade do desenvolvimento formulamos o Capítulo IV sobre A psicanálise de Cornelius Castoriadis: Da monâda à Psicose, que introduz a marca da diferença entre o pensamento de Castoriadis e Lacan, principalmente a respeito das diferenças nas significações de conceitos duros, como por exemplo, o imaginário e sublimação. Dessa forma, esse capítulo está desenvolvido nos seguintes subitens: Da monâda psíquica à sublimação, A psique: do indivíduo social-histórico ao sujeito, em seguida o subitem O ser da psique e seus fundamentos e para finalizar Castoriadis, Aulagnier e a Psicose. O Capítulo V sobre A psicose e Aulagnier especificamente deteve-se na construção da metapsicologia da psicanalista e sua fundamentação ao pensar a paranoia fora dos moldes da escola de Lacan, está dividido em dois subitens, sendo eles o pictograma e a psique e o outro A construção do delírio. Por fim, o último capítulo VI, referente à conclusão aborda os pontos iniciais marcados os avanços e os efeitos da pesquisa na construção do conhecimento a respeito da paranoia.

2. A PSICOSE: DA PSIQUIATRIA A PSICANÁLISE

Depois de uma grande movimentação no meio científico no final do século XVII, aproxima-se o tempo das luzes. Evidencia-se o contorno da era clássica da psicopatologia pelos psiquiatras alemães Richard Von Krafft-Ebing e Emil Kraepelin, para a sistematização e organização dos conceitos, partindo do modo descritivo ao analítico (ROUDINESCO, 1989).

Por esse caminho a Psiquiatria moderna foi tomando forma, vinda de um movimento investigativo do método entre bio-psíquico que conta como os nomes de Freud, Janet, Bleuler, Jaspers e Basaglia apontando para condição de sujeito e sua singularidade. Esses autores buscavam a explicação causal para as reações que poderiam desencadear as patologias, esse método que tem seu principal marco no início do século XIX, quando a Psicanálise penetra no âmago dessa discussão para jamais sair de mãos vazias.

Nesse âmbito surgiram diversas ramificações, daquelas que partiam dos estudos do cérebro tomando o córtex como esperança de lá encontrar as respostas para as indagações que a loucura propunha. As ideias até o momento articuladas eram dissidentes da linha organicista de pensamento e também os que apostavam nas construções freudianas de um mecanismo psíquico, raiz da vida psíquica.

Para compor a discussão presente recorreremos às postulações realidades pelo psiquiatra alemão Karl Jaspers (1965, p. 102), que afirmara consistentemente a seguinte proposição:

É só depois de dois séculos para cá que a realidade das doenças mentais – esse limite do existir humano se apreende em sua gravidade; realidade ora reconhecida metodicamente por forma que excede de muito e em muitos aspectos todas aquelas vigerantes no passado; percebida em seu significado filosófico para a concepção do mundo; e apresentada concretamente. Na multiplicidade de fatos impressionantes

Assim, a psicopatologia em termos de loucura foi construindo na história várias formulações e com explicações das mais diversas ordens, seja uma disfunção biológica defendida por Charcot nos moldes do positivismo conteano e/ou até mesmo com a doutrina do próprio Freud. Vale ressaltar que existiam também teorias que apontavam para a ideia das crenças de possessão espiritual defendidas pelo cristianismo ocidental, e sobre a as marcas podem ser encontradas na arte e que acabam contando um pouco do percurso histórico-cultural a respeito da loucura e da nau dos loucos.

Pode-se dizer assim:

Através dessa dupla preposição ele (Kraepelin) renovou o gesto de Pinel:

desacorrentou as “loucas” e lhe ofereceu grilhões de uma nosologia adequada. Para consumir esse ato, convocou os grandes princípios da clínica anatomopatológica e da fisiologia e construiu uma nova neurologia cujo funcionamento inscreveu na hereditariedade, ao preço de reevocar o sexo, noção vaga e embaraçosa descoberta nos corredores de Salpêtrière (ROUDINESCO, 1986, p. 21).

O objetivo da pesquisa pretende levantar alguns questionamentos sobre uma psicopatologia em específico, hoje dada como Psicose. A definição de psicose assume a seguinte explicação.

O termo foi introduzido em 1845 pelo psiquiatra austríaco Ernst von Feuchtersleben (1806-1849) para substituir o vocábulo loucura e definir os doentes da alma numa perspectiva psiquiátrica. As psicoses opuseram-se, portanto, às neuroses, consideradas como doenças mentais da alçada da medicina, da neurologia e, mais tarde, da psicoterapia. Por extensão, o termo psicose designou inicialmente o conjunto das chamadas doenças mentais, fossem elas orgânicas (como a paralisia geral) ou mais especificamente mentais, restringindo-se depois às três grandes formas modernas da loucura: esquizofrenia, paranoia e psicose maníaco depressiva. (ROUDINESCO, 1986, p. 621)

No entanto, entendemos que alguns esclarecimentos se fazem ainda necessários na busca de uma compreensão do fenômeno da psicose atualmente. Por exemplo, tentar responder às seguintes questões: como o sujeito se torna um psicótico? A Psicose deve ser tratada como uma patologia ou como um tipo de personalidade? Qual a linha que separa o ser louco de ficar louco?

Desses questionamentos nasce a proposta de buscar uma direção, longe de respondê-las conclusivamente, porém apresentando um caminho de construção. Como dizia Castoriadis (1999), resposta que decorre de uma decisão não somente metodológica ou epistemológica, mas propriamente filosófica e mais precisamente ontológica. Para dar conta desse trabalho árduo a história da Psicanálise perpassa a trajetória da clínica das psicoses até os dias atuais.

Ao final do século XIX, o termo psicose abarcava toda a gama das doenças mentais. Eles eram assim denominados porque atingiam a totalidade da personalidade, e eram distinguidas das neuroses ou doenças dos nervos, que só afetavam uma borda da personalidade e se caracterizavam por funcionais sem lesões neurológicas. Ainda que se reconhecesse o caráter psíquico de todas essas afecções, elas continuavam subordinadas a uma classificação organicista encravada no quadro da hereditariedade (ROUDINESCO, 1986, p. 116).

O importante nesta discussão apontada pela historiadora Roudinesco (1987), é colocar em relevância aquilo que escapa a normativa e o que a Psicanálise coloca em jogo o que existe por traz das amarrações da história. Os questionamentos psicanalíticos permanecem até os dias atuais, recolocando sempre a importância do sexual, ou seja, o princípio do prazer.

2.1 As Psicoses

Ainda numa tentativa nosológica de classificar a Psicose, o psiquiatra alemão Emil Kraepelin foi quem conseguiu organizar o conhecimento de modo a atender a racionalidade descritiva. Nos princípios da classificação existe mais de uma modalidade, sendo assim trata-se de uma pluralidade, ou seja, teorização das psicoses: paranoia, a loucura maníaco-depressiva e demência precoce. Contudo não cabe aqui adentrar no conceito dessas classificações, exceto pelo fato desde já imprescindível de que em todos os quadros o delírio compõe substancialmente o quadro diagnóstico.

Porém, nem com os avanços de Kraepelin, os loucos escapavam de sua prisão, seja tanto no sentido simbólico quanto da realidade, ocupando o lugar de sujeitos ameaçadores a sociedade e por consequência, a necessidade de isolá-los ou também de tratá-los é um modo de compreender esses doentes em instituições competentes. A problemática que a questão das psicoses propõe não é localizada apenas em Freud. Mas, em toda a história do movimento Psicanalítico, e que resposta temos para esse desatino que insiste?

Primeiramente vejamos a classificação utilizada por Freud sobre as psicoses para explicar os fenômenos, visto que Freud abre a suposta possibilidade de compreensão de mecanismos psíquicos para o surgimento das psicoses. Inicialmente o nome aparece no plural porque se refere às classificações de paranoia e a parafrenia, já que quem inaugurara o termo de esquizofrenia foi Breuer em 1911 (ROUDINESCO, 1986).

Portanto, a tarefa seria retomar os estudos sobre as psicoses no sentido de tentar decifrar ou esclarecer a classificação de Kraepelin como a de Freud foi possível. Localizamos aqui talvez uma lacuna teórica, porém vai se anunciando nas discussões filosóficas latentes ou não, ainda assim:

Emil Kraepelin e muitos outros psiquiatras do fim do século XIX e início do século XX concederam um lugar especial a psicose: o curso da doença determinaria sua forma de classificação. A *dementia praecox*², por exemplo, caminharia para o empobrecimento cognitivo e afetivo. O termo “demência” implicava uma decomposição, a intromissão mórbida, na psique, de um processo orgânico que seguia suas próprias leis irreversíveis. Senão seguisse, não seria *dementia praecox*. (LEADER, 2013, p.23, grifo do autor).

Sobre as psicoses, tomaremos a mesma direção freudiana que é de estudar a paranoia, visto que foi a mesma que Freud elegeu para observar os fenômenos em seus estudos. Os

² Demência precoce.

estudos sobre a psicose foram de extrema importância para Freud, pois ocasionaram um evento não menos importante que a neurose histérica. Se por um lado temos a histeria como inauguração da Psicanálise, a psicose revolucionou, construiu laços e decom pôs outros, desde rupturas de Freud e Jung a ligações entre Psicanálise e a Psiquiatria, como abaixo descrito:

[...] abordou o campo das psicoses a partir de uma concepção do aparelho psíquico baseada no fato inconsciente. A loucura na perspectiva freudiana escapou ao domínio da doença mental, assim como a histeria escapara ao da doença dos nervos. Recebeu então uma definição não normativa: a neurose era resultado de um conflito, a perversão era a negação da castração e a fixação na sexualidade infantil, e a psicose era a reconstrução de uma realidade alucinatória (ROUDINESCO, 1986, p. 126).

Afloravam-se os aspectos das psicoses que estariam em oposição ao próprio conceito de Kraepelin de que haveria uma degeneração psíquica. Segundo Leader (2013) o próprio Kraepelin reconheceu que a doença podia ser contida, ou a rigor, em alguns casos, curada com uma recuperação completa e duradoura. Foram realizadas críticas na obra *La Confusion Mentale Primitive: Stupidité, Démence Aigue, Stupeur Primitive*³ escrita pelo médico psiquiatra que trabalhou anos no Hospital *Salpêtrière* chamado Philippe Chaslin (1923) e atendeu diversos casos de esquizofrenia afirmam que em alguns casos a *dementia* não piorava rapidamente. Assim como outros psiquiatras, ele insistiu que o sujeito psicótico era capaz de preservar todas as suas faculdades mentais, e questionou claramente as formulações kraepelianianas (LEADER, 2013).

O que alguns contemporâneos de Kraepelin já haviam levantado como hipótese, no caso da psicose a qual era entendida como um tipo de demência, eram as suspeitas de que a *dementia praecox* não estava necessariamente ligada a causas orgânicas, ou seja, não era uma condição *sine qua non*.

Sobre a discussão da loucura na modernidade, partindo de 1900 em diante, o psicanalista francês Phillippe Julien (1999) já ressaltara em suas formulações a respeito da pesquisa na teoria psicanalítica no que tange a loucura, que:

[...] o decisivo é a invenção de um terceiro paradoxo, aquele em que esta preso o homem moderno. A novidade em Lacan é sair da psiquiatria, isto é, de uma nosografia geral e atemporal que quer definir um psiquismo humano em qualquer tempo e em qualquer lugar. A historicidade do ser humano deve ser levada em conta. É por isso que Lacan tem um acento tipicamente heideggeriano ao fazer a descrição do homem moderno, mostrando “a semelhança desta situação com a alienação da loucura” pelo fato de que para uma e outra o sujeito é falado, mais do que fala (JULIEN, 1999, p. 17).

³ Confusão Mental Primitive: estupidez, Demência aguda, Medo primitivo.

Julien (1999), como outros comentadores tanto de Lacan quanto de Freud levantou essa investigação sobre o construto teórico que visa apontar não uma falta de respostas, mas sim exercer um saber na teoria psicanalítica. Todavia, o objetivo era estabelecer uma reflexão buscando muito mais cautela sobre o nome que se utiliza para o sujeito, que como já foi escrito é mais falado do que fala. O que Julien (1999) retoma nada mais é do que discussão já ressaltada pelo Chaslin (1923), e os opositores de Kraepelin

Deste modo, a Psiquiatria compareceu efetivamente nessas formulações investigativas no campo das Psicoses, seja com ênfase em seu funcionalismo biológico ou nos termos mentalistas. Na vertente psiquiátrica, é fundamental citar o psiquiatra alemão Karl Jaspers (1965), que marca a história da psicopatologia deixando sua impressão da filosofia de alguns pensadores como o filósofo e teólogo dinamarquês Kierkegaard. Jaspers apontava seus estudos na direção das categorias psíquicas irredutíveis a seus sintomas, o que ficou claro em sua extensa obra de Psicopatologia Geral em dois volumes, que tal prática tem por essência a inserção de uma *práxis* reflexiva quanto aos modos de sofrimento do homem. (JASPERS, 1965).

Na história da Psicanálise temos achados raros, nem sempre lembrados, por isso é importante recorrer aos fatos desse percurso para compreender a trajetória inicial antes de adentrar nas questões constitutivas do inconsciente. A boa aventura da Psiquiatria com a entrada de Jaspers foi propor um questionamento relevante e raro no campo da medicina que trata de indicar outras vias de acesso ao conceito de psicopatologia. Jaspers (1965) psiquiatra alemão aproximou-se das raízes psíquicas do homem, embora se posicione baseado na metodologia fenomenológica de Husserl, o que não faz perder o valor de sua reflexão. Jaspers (1965), ainda aponta a existência de imprecisões no saber de ciência médica e que ela não detém todos os argumentos para explicar as causas desses fenômenos, afirmando o seguinte:

A psicopatologia segue o psíquico até os limites da consciência, mas nestes limites não consegue encontrar, de forma alguma, processos somáticos diretamente correlacionados com as ideias delirantes que surgem espontaneamente, com os afetos espontâneos, com as alucinações etc. Em inúmeros casos que aumentam com o progresso do conhecimento, põe-se causa das alterações psíquicas nas enfermidades cerebrais, mas logo aparece que nenhuma alteração psíquica determinada se acha vinculada com estas enfermidades cerebrais e, ao contrário que nela ocorrem quase todas as alterações psíquicas possíveis embora a frequência varie (JASPERS, 1965, p. 15).

Em seu estudo Jaspers (1965, p.27) sabiamente afirma que o homem se trata de um modo subjetivo, segundo ele o homem ocupa uma posição especial, está se referindo nesse sentido à nível de espécie animal, e assegura que esta especialidade é a dimensão da

complexidade da psique, revelando o cerne desta pesquisa, sem sua própria palavras “[...] a questão é saber como essa posição do homem determina também a sua enfermidade” (Jaspers, 1965, p. 28) deste modo sutil de perceber que existe uma lacuna, e apontar os aspectos fronteiriços no homem sobre o conceito, destaca-se

[...] o conceito de enfermidade mental, porém recebe no homem uma dimensão inteiramente nova. O não ser acabado, o ser aberto e livre, a possibilidade ilimitada constitui para o homem fundamento de doença (JASPERS, 1965, p. 20).

Neste ponto, a Psiquiatria avança no caminho da produção do conhecimento visando o caráter científico, deixando a dicotomia entre subjetividade e objetividade em detrimento de métodos que possam alcançar a causalidade da psicopatologia abrindo mão de uma fonte do conhecimento, que no determinado momento imperava sendo medicina. Jaspers sabia dessas oposições, embora utilizasse em demasia o conceito de alma para dar conta do conteúdo que escapava a lógica positivista.

Destes desencontros que são visíveis, entre o que pode ser apreendido ou não, das coisas que não tem nenhuma relação uma com as outras, tais como células do córtex e imagens da memória, são complicações derivadas dos momentos da história e da cultura em que passava a produção do conhecimento, datados ainda do século XIX. Ainda nessa construção histórica do homem e sua relação com a enfermidade, Jaspers (1965) abre uma discussão ao afirmar que o delírio provém de uma experiência primária de significação a qual não é acessível a terceiros. Na enfermidade mental existe algum momento de convicção que depois pode ser reconhecido pela maneira como a pessoa procura consubstanciá-lo e não por seu conteúdo. Trata-se então de uma experiência psíquica do sujeito que se configura inclusive no modo de investigação sobre as psicoses, a ausência no nível da significação que se transforma numa certeza de significação (LEADER, 2013).

Nos manuais temos algumas definições de psicose, que vão da Psicologia à Psiquiatria, como as descritas no CID-10 (Código Internacional de Doenças). O manual citado relaciona diferentes tipos de psicose, como os transtornos psicóticos agudos e transitórios, esquizofrenia, polimorfa, esquizo-afetivos, esquizotípico, delirante induzido, confusão mental, retardo psicomotor, sempre, ou pelo menos em algum momento acompanhados de descrições quantitativas de alucinações e delírios, sendo assim oferecem apenas características que em nada contribuem para a compreensão do sujeito para além de suas manifestações sintomáticas. Nesta condição, formulamos a questão, onde fica o sujeito nesse processo? Como explicar um funcionamento psicótico?

É justamente nesta prioridade que a pesquisa visa avançar, isto é, em um levantamento conceitual histórico-cultural da aplicabilidade da Psicanálise e sua lente sobre as Psicoses, utilizando como parâmetros as perspectivas teórico-metodológicas de Sigmund Freud e Jacques Lacan, Cornelius Castoriadis e Piera Aulagnier. Apesar que tenha cada um sua particularidade, salientamos que é nesta intersecção de diferenças singulares que buscaremos a possibilidade de pensar o escopo da psicanálise diante da complexidade que nas Psicoses, não se trata de uma limpeza pela chaminé⁴.

Abordadas dentro das classificações epistemológicas, a psicose não pode e não deve ser engessada nas rubricas instituídas. A elucidação que esta dissertação pretende realizar busca, portanto, não uma mera repetição ou reedição dos achados, na área da Psicanálise, sobre o tema das psicoses, porém entender o que os fez tropeçar, destacando o quanto esse objetivo também comporta impasses. A hipótese que queremos demonstrar nesses escritos é que há sempre algo além da irredutibilidade de uma patologia a seus traços, mas sim um funcionamento.

⁴ A expressão foi utilizada por Josef Breuer médico co-autor da criação da psicanálise, que significa a cura pela palavra. Breuer atendeu o famoso caso de um jovem de nome Bertha Pappenheim, que foi publicado em 1895 sob o nome Anna O nos textos pré psicanalíticos, na coleção de Estudos sobre a Histeria, os textos pré-psicanalíticos, (FREUD, 1895)

3. A FORMAÇÃO DO EU NA PSICANÁLISE

3.1 O Eu na Teoria Freudiana

Freud (1895) começa a se distanciar da compreensão de Charcot sobre o inconsciente, porém continua embaraçado com seu desejo de explicações biológicas para as possíveis manifestações da mente, endereça cartas, escreve rascunhos a Fliess, e suas correspondências continham o nome da Psicose mantida ainda refém de sua elaboração da neurose. Freud redigiu o texto como “As Neuropsicoses de defesa” (1894), no qual entendia como alucinações que atuam em defesa aos conteúdos que ameaçariam o eu.

Depois de dedicar-se a um longo período de construções teóricas conceituais verificáveis de 1891 a 1910, época que se localiza a produção de publicações de valor imensurável e marcantes como, a “Interpretação dos Sonhos” em 1900 e “Os Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade” em 1905. Freud atravessa um caminho contornando o inconsciente e conseqüentemente o ápice das psicoses, falando dela paralelamente a histeria, casos de fobia, talvez sem dar-se conta do alcance que se propunha.

Já, em 1915, outras preocupações começam a guiar a pesquisa de Freud, visualiza-se um período em que investe seus esforços numa tentativa de estabelecer normas sobre a técnica e parâmetros para o exercício da Psicanálise na sociedade vienense. Neste momento, coloca-se em evidência sua constante preocupação com o futuro da Psicanálise, assim, ficou impulsionado a dar continuidade aos trabalhos, iniciando com a publicação da obra “O caso Schreber e Artigos sobre a técnica e outros trabalhos”, de 1911, volume que revela evidentemente seu posicionamento diante da paranoia.

Um fato interessante sobre a obra supracitada de Freud, é que foi a leitura de um texto, publicado 1903, de Daniel Paul Schreber intitulado “Apresentação das memórias de um doente dos nervos”, e que quando lançado não chamou a atenção do pai da Psicanálise de imediato, levou aproximadamente oito anos para que Freud pudesse escrever algo a respeito. Este fato introduz a necessidade de rever conceitos psicanalíticos como recalque e pulsões para que houvesse a possibilidade de explicação para tais fenômenos.

Cabe aqui mencionar a relação de Freud, com a sua percepção da loucura e com a arte, nas entrelinhas da história revelada de Octave Manonni, Ernest Jones, Peter Gay e Elizabeth Roudinesco, evidencia-se tanto na história da Psicanálise quanto na própria escrita freudiana seu fascínio com a arte, como se ela comportasse uma dimensão do inconsciente, seja na escrita poética ou pictórica, o que aponta a transcendência de um conhecimento. Para Freud,

era custoso adquirir a aproximação com as conexões que a psicanálise propunha, sob esse aspecto, a loucura esta para ele como um nível de conhecimento ainda enigmático e indizível, por isso apresenta sua dificuldade.

Mesmo com um caminho tão sinuoso é necessário atentar ao método freudiano para elucidar as questões primárias em relação às psicoses. Destarte, podemos tomar as observações de Freud quando este começa a investigar o padrão normal por meio do patológico, sendo que esta subversão permitiu um grande avanço anunciado em seus Estudos sobre a histeria de 1893-1895.

Freud exhibe uma leitura do homem que resgata os aspectos fora de um padrão, daí a inauguração revolucionária do inconsciente, e que permitiu o advento da Psicanálise cruzar o campo das psicoses na formulação sobre a paranoia. No contexto da história da criação da Psicanálise, propomos uma linha do tempo, em termos didáticos que nos auxilia sobre a compreensão do movimento e suas transformações. Situamos preliminarmente um período de 1891-1899 em que a cura era proposta com o método da hipnose, ou seja, a eliminação dos sintomas era relembrar conteúdos psíquicos. Do período de 1900 a 1920, o método de cura viria por técnicas de interpretação, como aponta sua obra da “Interpretação dos Sonhos”, por isso implicava em certo *modus operandi* de interpretação, e o que acarretou diversos ônus ao processo de fundação da Psicanálise.

Em último tempo temos o período de 1920 em que a introdução do conceito de pulsão de monte evidência a dualidade pulsional, acaba por dissolver mesmo que não totalmente a ideia de uma cura. Não é mais entendido como uma eliminação total, mas sim em uma reorganização das saídas pulsionais.

Vemos que a investigação de Freud, com o método de associação livre que surge na relação psicanalítica com as neuroses histéricas, e sofre diversos efeitos, prevalecendo como regra de ouro, incondicionalmente, a fala livre, permitindo o avanço de um modo de construção do conhecimento a partir de um sujeito que acolhe os sintomas, ouve a queixa e permite a fala.

Inicialmente Freud (1905) acreditou que estes sintomas e/ou sofrimento faziam parte de uma cena de encontro com o sexual, não em relação ao coito, no entanto de um encontro com o prazer e suas zonas corpóreas, esse nomeado por Freud como o trauma. Segundo as postulações de Freud, esse encontro, que ocasiona o trauma, tem diferentes desdobramentos em cada sujeito, no neurótico era retirado da consciência por um mecanismo psíquico nomeado na língua alemã de *Verdrängung* e traduzido como recalque. Em seguida, retornando com outra forma, a do sintoma, como síntese do processo de retorno do recalcado,

implicando em uma satisfação substituta.

Freud demonstra isso em seus escritos do Rascunho K, oferecendo um primeiro esquema de formação da neurose vejamos na integra:

O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento é, em geral, sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e deve ser recalçada. (2) Seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança correspondente; ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário. (3) Um estágio de defesa bem-sucedida, que é equivalente à saúde, exceto quanto à existência do sintoma primário. (4) O estágio em que as ideias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dito: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação com uma malformação (FREUD, 1896/1996, p. 269).

Serve como ressalva essa explicação, porque Freud também afirma que a paranoia, nome pelo qual ele chama as manifestações delirantes, seria resultado de um recalque, “na paranoia o recalque se dá após um processo de pensamento consciente e complexo” (*op.cit*, 1896, p. 275), pois existe uma perda de realidade que desliga a representação. Nota-se que Freud colocava tanto a neurose quanto a psicose com a mesma operação, ou seja, ambos submetidos ao recalque.

É muito importante apontar no trabalho realizado por Freud de certo ponto universal para a criação humana sobre o fato de que na vida psíquica o autor declara que a realidade é perdida, por apontar o encontro com o intolerável e que essa situação vivida na infância acontece tanto para as neuroses quanto para as psicoses, ou seja, para todo sujeito. Tratando-se de modalidades clínicas e posições subjetivas de cada sujeito com o inconsciente, situamos a diferença singular na reconstrução da realidade psíquica de cada sujeito e que será tratado especificamente nos capítulos seguintes.

Chamamos atenção para uma lógica ao pensar a formação do Eu na psicose tendo como especificidade a paranoia, não apenas indicar que determinada estrutura é assim ou de tal modo, mas pensar no que antecede, a saber, a pulsão. Buscamos retomar um circuito pulsional que está no engendramento de toda criação humana, quer dizer, discutir a formação do eu na paranoia é pensar sobre a criação do circuito pulsional desse sujeito.

Um conceito muito discutido em Freud (1915) e que permeia esta investigação é sobre as saídas pulsionais e suas relações no inconsciente, conseqüentemente, a renegação enquanto mecanismo que Freud chamou inicialmente de *verwerfung*, que é o engendrador da discussão sobre a operação inconsciente. A formulação do conceito de *verwerfung*, coincide com a história do movimento psicanalítico inaugural na França, na discussão entre Freud e seu

discípulo René Laforgue, que teve papel fundamental no movimento psicanalítico na França na década de 1930.

Torna-se fundamental abordar a importância da relação entre os dois apenas no tocante as divergências teóricas, uma vez que é o questionamento de Laforgue que faz com que Freud retome um conceito que parecia claro, o da renegação. A diferença em questão se dá à medida que Laforgue afirma que *escotomização* seria uma forma de renegação, endereçando diversas cartas escritas de 1923 a 1930 manifestando diversos apontamentos nesse sentido, e a similaridade sobre a renegação e a dita escotomização fica balizada com a noção de alucinação negativa, com a seguinte descrição:

A expressão de alucinação negativa foi criada por Berhien em 1884 e empregada por Freud de 1895 e 1917, quando foi definitivamente e abandonada por ele. O conceito de renegação (*Verleugnung*, em alemão e *déni*, em francês), criado por Freud em 1914, em seu sentido amplo é o equivalente da alucinação negativa e, no sentido restrito designa uma processo de não-reconhecimento e de conhecimentos simultâneos de uma percepção traumatizantes. (BOURGUIGNON, 1991, p. 8).

O autor se refere ao conceito que Freud já havia utilizado, o de renegação, como sinônimo de alucinação negativa e que concerne à possibilidade de operacionalizar o mecanismo da psicose. Os questionamentos incansáveis de Laforgue sobre a renegação, e como esse processo de alucinação negativa, são as similaridades da renegação de que Freud propõe, discussão essa que trouxe luz aos escritos freudianos mais detalhados sobre esse processo.

Laforgue, nascido na Alsácia em 1894, durante a ocupação alemã, fizera seus estudos em alemão e serviu o exército militar de 1914 a 1918, interessou-se muito pela Psicanálise, principalmente sobre temas específicos como o trauma do nascimento, o narcisismo, a técnica psicanalítica e a escotomização. Doravante realizaremos algumas incisões nesse contexto entre Freud e Laforgue, sobre a questão da escotomização, pois daí advém o precioso conteúdo para compor nossa discussão.

Segundo Bourguignon (1991), a discussão fomentada entre Laforgue e Freud, seria apenas para apontar que o conceito de renegação precisava ser mais esclarecido. É sobre o fato da escotomização ser sinônimo de renegação, que produzia também uma alteração da percepção dos fatos da realidade. Com base na escotomização como um processo de renegação Laforgue escreveu seu livro em 1937 “*Relativité de la Réalité*”⁵, e tinha como efeito a alucinação negativa muito encontrado nas psicoses. Por algum momento esses

⁵ *A relatividade da realidade*. Embora Freud tenha discordado da posição de Laforgue sobre a aproximação de escotomização e renegação, Laforgue continua a sustentar essa posição, e a qual a obra citada traduz.

argumentos encontraram eco nos pensamentos de Freud, porém ele esclarece que não se trata de uma similaridade, visto que não se trata de não perceber, entretanto, da percepção de um não. Observa-se:

[...] termo escotomização parece-me particularmente impróprio, pois desperta a ideia de que a percepção foi completamente eliminada, como nos casos em que uma impressão visual atinge o ponto cego da retina. Ao contrário, a situação que descrevemos mostra que a percepção persiste e que se empreende uma ação enérgica para manter sua renegação (FREUD, 1927/1996, p.167).

Realizado este percurso no qual alguns teóricos, como Laforgue incitaram em Freud algumas questões, evidencia-se que é de uma percepção da realidade psíquica que circunscreve o advento do eu no sujeito. No caso das psicoses iremos delineando o quanto o conceito de renegação de Freud passa a ser entendido.

A reconstrução que acontece nas psicoses toma como pivô uma defesa mais radical, Freud chega a dizer com precisão “um sonho, então, é uma psicose, com todos os absurdos, delírios e ilusões de uma psicose” e explica o porquê dessa comparação “vimos acontecer no sonhar que quando o ego se desliga da realidade do mundo externo, desliza, sob a influência do mundo interno para a psicose” (FREUD, 1896/1996, p. 187), implicando na renegação da experiência traumática vinculada a castração. Nesse sentido a castração é percebida como uma ausência de sua inscrição o que modifica a construção do próprio eu, observemos.

Nesse ponto, com o retorno do recalado sob a forma distorcida, a defesa fracassa de vez, e os delírios assimilatórios não podem ser interpretados como sintoma de defesa secundária, mas como o início de uma modificação do ego, expressão do fato de ter sido subjogado (*op.cit.*, 1896/1996, p. 274).

Eis aqui a chave para abrir novos caminhos. Pode-se dizer que, em 1920, Freud afastara-se da ideia de retorno do recalado, no que tange as psicoses, e ela se dissolverá, mas não toda, pois algo retorna dessa experiência que fundou o eu. Torna-se imprescindível destacar que não se trata de um sintoma secundário, mas de modalidades do próprio eu, é uma questão dos diversos de posicionamento dessa instância, ou na palavra freudiana a escolha realizada pelo sujeito.

Freud elabora em seus rascunhos, dos quais ressaltaremos o H (1895), que versa sobre a paranoia e o “Rascunho K” (1896), sobre “As neuroses de defesa” que serve como esteio inicial para pensarmos a questão da vida psíquica e que eminentemente tornam-se precursores do brilhante conteúdo desenvolvido no artigo de “As neuropsicoses de Defesa” de 1896. Considera-se também, que nesta época Freud se empenhou para esclarecer a etiologia das

neuroses, e essas evidências não poderiam passar batidas.

No desenrolar de artigos que foram tão fecundos, investigamos as afirmações sobre o processo que deu origem as primeiras elucubrações de sintoma. Com uma vasta pesquisa, constatou-se que há um processo comum tanto na neurose quanto na psicose no percurso da vida psíquica de todo sujeito, “elas tem várias coisas em comum” (FREUD, 1896/1996, p. 267), embora algumas direções sejam mudadas, acompanhem-nos.

Em ambos os casos até aqui considerados [neurose histérica e neurose obsessiva], a defesa contra a representação incompatível foi efetuada separando-a de seu afeto; a representação em si permaneceu na consciência, ainda que enfraquecida e isolada. Há, entretanto, uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem-sucedida. Nela, o eu *rejeita* a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. *Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose [...]* (FREUD, 1894/1996, p. 63-64 – grifos nossos).

Sobre as constatações do tipo clínico da paranoia. Freud faz uma correção no que escrevera nos rascunhos e primeiras publicações de 1894 a 1896, principalmente sobre a projeção, pois ele diz o seguinte: “o elemento determinante da paranoia é o mecanismo de projeção, que envolve a recusa da crença na autocensura” (FREUD, 1896/1996, p. 275), ela tinha a função de mecanismo utilizado para defesa dos conteúdos incompatíveis com o aparelho psíquico como já comentado. Lá, a projeção aparecia na etiologia da paranoia como provocando uma projeção dos sentimentos de autoacusação do paciente para fora, retornando sob a forma de acusações exteriores. Aqui, Freud altera substancialmente a descrição do processo aí ocorrido, e reconhece afirmando: “foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (FREUD, 1912/1996, p. 95).

Assim, se nas primeiras formulações freudianas, a projeção era confundida com o próprio mecanismo constitutivo da paranoia, na segunda formulação, ela é, no máximo, um momento secundário desse mecanismo. Podemos entender então que o *verwefung* ao implicar uma não-representação da marca perceptiva inaugural, isso a modificaria estruturalmente, tornando-a real.

O conteúdo que deveria ter sido internalizado no contato com o mundo exterior, é rechaçado num primeiro registro de percepção ele não pode se transformar em lembranças conceituais. A partir dessas formulações, Freud (1920) começa a esboçar um esquema da mente, chamado de aparelho psíquico, no qual temos a primeira tópica configurada em inconsciente, pré-consciente e consciente.

Não obstante, Freud (1920/1996) acaba por perceber que essas instâncias se tornavam insatisfatórias, quando se deparava com a dinâmica das pulsões, persistência dos sintomas e a dificuldade de seus pacientes na associação livre, pois o conteúdo psíquico não transitava tão livremente do inconsciente ao pré-consciente. Então, Freud formula no início da década de 1920 o aparelho conhecido como a segunda tópica, que consiste em id, ego e superego e, na qual o id é a instância do princípio do prazer, a exigência da satisfação, o superego as normas externas que passam por uma internalização e o ego é o responsável pela organização dessas forças.

Com essa sistematização do aparelho psíquico, Freud retoma o campo das psicoses utilizando a neurose como referência para sua construção teórica:

Por conseguinte, a diferença inicial assim se expressa no desfecho final: na neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose, a obediência inicial é por uma tentativa adiada da fuga. Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la (FREUD, 1924/1996, p. 207).

Neste momento, na década de 1920, Freud reafirma a diferença entre neurose e psicose, localizada não na perda da realidade, mas insistindo no caminho para restaurá-la. O divisor de águas entre as duas tipologias clínicas. Ainda sobre o funcionamento do inconsciente Freud postula o seguinte, “a neurose é o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o ego e o mundo externo” (FREUD, 1924/1996 p. 167).

Na leitura realizada na obra de Freud (1894, 1900, 1905, 1914, 1915, 1920, 1924, 1926), nota-se que não se pode reduzir a psicanálise às afirmativas absolutas e nem generalizar seus conceitos, massificando-os, esse era um constante alerta do autor. Com este entendimento, a psicose no caso especificamente clínica da paranoia não pode ser tratada como um déficit na relação com o mundo externo e seu processo de interiorização, embora, para ele, a fuga na psicose é tão radical que chega a criar um universo paralelo, ou seja, a criação de outra realidade.

Dessa forma, podemos formular que o modo como o sujeito da paranoia se constitui tem sua gênese em uma modalidade de resposta ao mundo e o delírio como hipótese é um dos meios que possibilita essa relação, observemos:

Com referência ao delírio, à gênese dos delírios, inúmeras análises nos ensinaram que o delírio se encontra aplicado como remendo no lugar em que originalmente

uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo. Se essa precondição de um conflito com o mundo externo não nos é muito observável do que atualmente acontece, isso se deve ao fato de que, no quadro clínico da psicose, as manifestações do processo patogênico são amiúde recobertas por manifestações de uma tentativa de cura ou uma reconstrução (FREUD, 1924/1996, p. 169).

O cerne da questão de Freud era evitar uma produção teórica longe da experiência da prática, muito menos manipulá-las a fim de comprovar suas convicções teóricas. O modo com que Freud operava a construção da teoria trouxe um ganho no conhecimento, ele observa a clínica para compor seus escritos. Freud (1911/1996) explicitara na relação de Schreber com seu médico, no qual não haveria possibilidade de estabelecer transferência, e afirma:

Seu combate com Flehsig (psiquiatra que o tratou) acaba por revelar a seus olhos como um combate com Deus, e devemos ver aí um conflito infantil com o pai, que ele amava. Os detalhes desse conflito (de que nada sabemos) determinaram o conteúdo do delírio. Não faltava a este caso nada do material que a análise traz à luz em outros desse gênero. Em experiências infantis similares, o pai aparece como quem impede as satisfações que a criança busca, geralmente autoeróticas. Mais tarde estas serão substituídas na fantasia por qualquer outra satisfação menos ingloria (FREUD, 1911/1996, p. 76).

E ainda sobre essa questão:

[...] aqui as catexias objetais são abandonadas, restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo de ausência de objeto. A incapacidade de transferência desses pacientes (até onde o processo patológico se estende), sua consequente inacessibilidade aos esforços terapêuticos, seu repúdio característico ao mundo externo, o surgimento de sinais de uma hipercatexia do seu próprio ego, o resultado final de completa apatia – todas essas características clínicas parecem concordar plenamente com a suposição de que suas catexias objetais foram abandonadas (FREUD, 1915/1996, p. 224-225).

Freud coloca a via da transferência no campo da Psicanálise como um impasse no tratamento das psicoses, entretanto, não significa que lhe seja impossível, é notável sua posição perante a psicose e afirma o seguinte: “assim descobrimos que temos que renunciar a ideia de experimentar no plano de cura com os psicóticos – renunciar a ele talvez para sempre ou talvez por enquanto, até que tenhamos encontrado um outro plano que seja melhor” (FREUD, 1938/1996, p. 188). A partir dessas palavras e outras passagens da obra freudiana notamos que é possível o tratamento, porém que deve ser revisto quanto aos modos de operá-lo.

No sentido de observar os tipos de investimento pulsional, o psicanalista pode ser investido e tomado como objeto no tratamento da paranoia, permitindo assim que esse circuito se desenvolva de modo tão peculiar nessa condição. A revelação da pulsão e suas

direções se demonstram na relação com o saber analítico, recolocando sua posição, o que não imputa sua importância na compreensão das psicoses.

Embora Freud deixasse muito claro durante a produção de sua obra que mantinha uma distância segura da loucura, mesmo assim a rondava vigilantemente com o inconsciente. O que lhe atraiu na loucura era secundário, consistiu na condição de sublimação que lhe era inerente, e chega a declarar “saiba que na vida sou terrivelmente intolerante para com os loucos, só vendo neles o que tem de pernicioso, e sou em suma, em relação a esses artistas, exatamente isso que você estigmatiza como rótulo de filisteu e pedante” (FREUD, 1920/1996, p. 89).

Sobretudo, uma questão permanecia para método psicanalítico: trata-se da escuta, pois também disso o psicótico não está excluído e trata-se efetivamente de um modo peculiar de se ajeitar na relação com a linguagem, na fala e na escuta. Freud formula o termo de *Verwerfung* (1984) para explicar a rejeição realizada no registro psíquico, e diz: “o eu rejeita (*verwift*) a representação insuportável ao mesmo tempo que seu afeto e se comporta como se a representação nunca tivesse chegado ao eu” (FREUD, 1894/1996, p. 12), porém este conceito passa por dois momentos. O primeiro momento de *Verwerfung* se dá em 1894 para uma definição pautada nos estudos sobre a etiologia das neuroses, portanto, remete aos estudos do recalçamento no qual a psicose estava também situada, e posteriormente em 1918 em que existe um contraste do recalçamento, inicia-se o estudo da renegação, do qual nos deteremos mais a fundo adiante.

Faz-se necessário marcar um momento na elaboração teórica em relação ao termo de *Verwerfung*, para ressaltar ao que Freud formula já em 1925 sob o nome de *Die Verneinung*, que se encontra traduzido na obra da Imago com o texto A negativa, a qual esclarece os efeitos do recalque no inconsciente. Diante dos dois conceitos tanto de *Verwerfung* e *Verneinung*, percebe-se a proximidade entre ambas “O desejo geral de negar, o negativismo que é apresentado por alguns psicóticos, deve provavelmente ser encarado como sinal de defusão das pulsões efetuada através de uma retirada dos componentes libidinais” (FREUD, 1925/1996, p. 269).

Destarte, essa colocação de Freud situa a negação e a operação da *Verwerfung*, mediante a castração, eis a imprescindível lógica das psicoses o diferencial do diagnóstico das psicoses e sua topologia clínica. Salutarmente relembramos que na clínica encontra-se descritos, como esquizofrenia, paranoia e melancolia.

Na tentativa de sanar as dúvidas sobre possíveis endereços pulsionais que desaguardam nas psicoses, Freud esclarece no texto “A dissolução do Complexo de Édipo” de 1924, a lição

de que é justamente na dissolução do Édipo haveria uma posição do sujeito que o levasse a paranoia. Nesse processo psíquico podemos observar os efeitos já operados e que se manifestam, ou seja, dada a relação do *infans* de rejeitar radicalmente a relação com o mundo externo e criar outra via de apoiar sua existência. Este rechaço desenvolve implicações sobre o desenvolvimento do Complexo de Édipo e, conseqüentemente da castração no que tange aos modos em que o sujeito poderá manejar suas relações simbólicas. Ao longo da pesquisa os questionamentos se apresentavam constantemente durante a apresentação dos resultados em eventos e congressos, a indagação frequente centralizava-se na mobilização operada diante do Édipo e da Castração.

Retomando a via das psicoses em seu percurso constitutivo, o qual não passa pela via do recalque, porque no processo de percepção da alteridade entre o eu e outro ela não se inscreve no inconsciente. A hipótese é de que em relação à diferença ou alteridade vinda do outro, não é dado investimento, ou importância, fazendo com que não haja força recalcante. Salientamos, dessa maneira que a via da castração simbólica não mostra-se necessariamente pelo corpo biológico e que entendemos as posições subjetivas frente à sexualidade tanto de identificações como de objetos não apenas pela inscrição de gênero, isto é, o que torna o sujeito homem ou mulher não é um determinante do gênero apenas. Esclarecendo ainda sobre as posições no psiquismo tomamos, por exemplo: homem que nasceu com seu aparelho reprodutivo masculino e mulher respectivamente nessa lógica, porém de posições no inconsciente de feminino e masculino, que não correspondem necessária a esta ordem.

Destacamos tal como Freud define que “para distinguir entre masculino e feminino, na vida mental, usamos o que é, sem dúvida alguma, uma equação empírica, convencional e inadequada: chamamos de masculino tudo que é forte e ativo, e de feminino tudo que é fraco e passivo” (FREUD, 1938/1886, p. 201), é um diferencial na pesquisa que a psicanálise propõe, uma vez que não se trata de gênero como definição, mas o lado em que o sujeito se posiciona no inconsciente diante da operação de Castração.

Tal compreensão significa, à grosso modo, que não há definições concretas de eleição de objeto de desejo, um exemplo para tentar amenizar a difícil retórica, o sujeito pode ter nascido biologicamente homem, em seu percurso de desenvolvimento psíquico colocar-se predominantemente em uma posição feminina e manter uma orientação sexual (escolha de objeto) heterossexual ou homossexual. Reportando, também, que Freud alertara aos psicanalistas que não há um objeto correto para que a pulsão seja satisfeita (FREUD, 1905/1996)

Abordando a hipótese da constituição do eu na psicose e seus desdobramentos de

rechaço à alteridade, ressalta-se que em decorrência deste processo, há uma relação empobrecida com as representações simbólicas. É como se na paranoia ocorresse uma fixação no ciclo de alienação com o outro. Freud afirma que “ocorre uma ameaça simbólica” (1924/1996, p. 194) referindo as saídas do Édipo tanto para a menina quanto para o menino, e diante da ameaça a paranoia seria um modo de lidar com uma ameaça não apenas dos investimentos pulsionais sobre seu órgão, mas sim a todo seu ser. Freud explica ainda:

[...] somente quando uma nova experiência lhe surge no caminho é que a começa a avaliar a possibilidade de ser castrada, fazendo-o apenas de modo hesitante e de má vontade, não se pode fazer esforços para depreciar a *significação* de algo que ela própria observou (FREUD, 1924, p.195, grifo nosso).

Traduzindo uma formação freudiana da dissolução do Édipo, e conseqüentemente, da castração na tipologia da paranoia, entendemos que é uma resposta a ameaça da Castração e há um processo de significação que ocorre Complexo de Édipo, que a própria criança observou sem relação às diferenças da anatomia às características psicológicas das figuras parentais. Freud (1924/1996) articula sua ideia de paranoia e sua condição diante do Édipo como descreve abaixo:

O processo que descrevemos é, porém, mais que uma repressão. Equivale, se for idealmente levado a cabo, a uma destruição e abolição do complexo. Plausivelmente podemos supor que chegamos aqui à linha fronteira – nunca bem nitidamente traçada – entre o normal e o patológico. Se o ego não conseguiu muito mais que uma repressão do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestara mais tarde seu efeito patogênico (FREUD, 1924/1996, p. 197).

No desfecho deste texto, afirma-se que há uma resolução que ocorre na direção de evitar o encontro com o simbólico que o Édipo impõe, e incidi sobre o processo da Castração, e que exige um trabalho complexo da psique. Sobre as implicações da saída do Édipo na Castração, o sujeito da psicose permanece predominantemente no nível da identificação imaginária com o lugar de falo, em que não há admissão de castração, em uma tentativa radical de escapar das ameaças a sua existência que um encontro poderia causar.

Esta colocação teórica poderia nos auxiliar na explicação do desencadeamento do surto, haja vista que essa lógica funda um funcionamento. No entanto pode não causar de imediato o surto comumente caracterizado pelo aparecimento do delírio. Sendo assim, na ordem subjetiva do ser, o surto poderá aparecer quando ele sentir ao menos cheiro da ameaça deste encontro com a Castração, o sujeito poderá encontrar saídas delirante para se haver com este desatino.

Cabe ainda um recorte não menos importante sobre o modo como se opera a formulação da teoria do eu em Freud. Antes de prosseguir menciona-se que tal via de construção segue um estilo, na infundável tentativa de preservar a via da produção teórica partindo das observações clínicas seja de Lacan ou Aulagnier e de Castoriadis, e não de qualquer fórmula de aplicação sobre o sujeito causando modalidades de seu emolduramento.

Para iniciar em Freud (1984/1996), houve um cuidado com a determinação histórica e cronológica que marca suas referências no nascimento da Psicanálise. Nesse início não é possível deixar de mencionar alguns pares, ou seja, colocar em relevância a importância de alguns nomes que contribuíram para a criação e o avanço de Freud.

Alguns psicanalistas que estiveram presentes no círculo vienense, como as cartas de Freud endereçadas a Josef Breuer. Cabe destacar que Josef Breuer, 1842-1925, foi muito importante para o cenário da Psicanálise, atendeu o famoso caso Anna O., foi companheiro de Freud na investigação sobre a Psicose, o qual, inclusive utiliza em 1911 com o termo da esquizofrenia. Freud não gostava do termo esquizofrenia ele estava muito mais próximo do termo parafrenia que era uma nomenclatura utilizada por Kraepelin (ROUDINESCO, 1989).

Segundo Roudinesco (1989), Breuer teve um papel fundamental no campo das Psicoses, uma vez que este tinha bem mais afinidade que o próprio Freud neste campo. Breuer realizou estudos no hospital francês *Salpatrière*, foi quem permitiu a Freud indagações muito pertinentes quanto às teorias de base e que podem ser encontradas no esboço para a “*comunicação preliminar*” de 1893. Essa conversa sobre a loucura já estava germinando no contexto psicanalítico mesmo que não pudesse aparecer como tal.

Em seguida temos no cenário teórico a cautela da qual o médico otorrinolaringologista Wilhelm Fliess (1858-1928) alertara Freud nas diversas correspondências da profundidade teórica contida em seus rascunhos. Freud em contrapartida, fez-lhe confidências pessoais, e sem nenhum receio despiu-se de suas dúvidas teóricas as quais a vasta produção psicanalítica lhe causava (ROUDINESCO, 1989). Alguns biógrafos chegam a afirmar que Fliess teria sido o homem a quem Freud teria se aproximado para uma demanda analítica (GAY, 1989).

Podemos levantar alguns pontos importantes já notados na pesquisa, trata-se de que na Psicose não é possível explicar a organização tal qual na neurose, os mecanismos psíquicos que regem seus princípios não são os mesmos. Nesta perspectiva, é questionável repensar inclusive se é lógico nomear sintomas na psicose, já que na Psicanálise supõe o sintoma como um processo que sucede a operação recalcante.

Essas questões serão elucidadas à medida em que o processo de formação inconsciente do sujeito da psicose for colocado em questão, e se elas existem é certo que operam em outra

modalidade. No início de seus rascunhos Freud entende as psicopatologias como uma parte do aparelho psíquico que ficou prejudicado nas primeiras relações que o sujeito pode ter, ou seja, na infância.

Superada nesta pesquisa a discussão sobre a vertente freudiana se pautar ou não na visão biológica, ou naturalista, que ainda continua sendo alvo de críticas, objetivo é mais além: estender-se a algo que não é biológico afeta diretamente o *bios*. Foi essa uma das lições e a máxima que pode ser retirada de experiência com o famoso médico francês e professor de Freud, Jean-Martin Charcot (ROUDINESCO, 1989).

Posteriormente, Freud revisitara a teoria do trauma, ao afirmar que este encontro tem como base o princípio do prazer, e o momento em que no prazer encontra altos níveis de excitabilidade no aparelho psíquico, o efeito nesse percurso é que algo causaria uma inversão tornando-se desprazer. Ainda sobre a relação do prazer-desprazer, Freud (1920/1996) afirma estar atrelada a função do superego que originaria a culpa atuando como inquisidor dos modos de acesso ao prazer (FREUD, 1920/1996), ou seja:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio de prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer (FREUD, 1920/1996, p.156).

Dessa maneira o trauma ocupa a função de marca que o sujeito carrega deste encontro que permanece oculto, num jogo de lusco-fusco que a psicanálise tende a possibilitar esclarecimentos.

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Essa última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer, porque, se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, como desagradável. O princípio do prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer (FREUD, 1920/1996, p. 26).

Portanto, temos aqui uma exposição do método como Freud compreendia o funcionamento psíquico por explicação econômica da dicotomia de prazer/desprazer, e o que o levava desde as formações da libido as fontes da pulsão. O que veremos a seguir com as postulações além do princípio do prazer, é a interface, de que este aspecto da vida mental

também pode apresentar-se como desprazer, por meio desse que Freud encontra a chave para avançar com a pesquisa psicanalítica.

O que se torna necessário entender aqui é que Freud nos leva a pensar a formulação do Eu, enquanto defesa. E isto implica na formulação do corpo, e sobre esta hipótese ele afirma o seguinte:

[...] na hipótese de trabalho que utilizei nesta exposição das neuroses de defesa. Refiro-me ao conceito de que, nas funções mentais, deve-se distinguir algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo (FREUD, 1894/1996, p. 234).

Freud (1894/1996) tenta explicar ainda sobre os modos que o prazer se apresenta, e nesse momento, em termo de quantificação. O método quantitativo de apresentação do prazer interfere em sua realização, ocasionando para Freud (1905/1996) a possibilidade de estabelecer a base dos conflitos e patologias psíquicas sob a égide do distúrbio de ordem sexual. Primeiramente Freud diz “a causa da agorafobia, assim como de outras fobias, está não na hereditariedade, mas na anormalidade da vida sexual” (FREUD, 1894/1996, p. 181). Podemos tomar como exemplo de que algo da ordem psíquica e subjetiva atravessa o corpo biológico. A partir desse percurso e seus efeitos que Freud, dá o nome de um mecanismo nomeado em alemão como *Verdrängung* traduzido como recalque, o qual afirmará que sobre ele repousa todo o corpo da psicanálise, e formulará as organizações psíquicas, das neuroses e psicoses inicialmente, agrupadas na mesma categoria.

É possível curiosamente perceber isso na teoria como, por exemplo, os títulos de “Neuropsicoses de Defesa” e a mudança que ocorre para psiconeuroses, ficando claro que essa junção categórica se dissolve. Freud separa essas modalidades elaborando seus Rascunhos sobre a regulação do princípio de prazer, e do Eu. Podemos notar essa divisão na obra da Neuropsicoses de defesa de 1894, afirma a tarefa que o “eu se impõe em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como *non-arrivê*, simplesmente não pode ser realizada por ele (FREUD, 1894/1996, p. 56).

Temos uma definição do eu prévia, antes de compreensão do eu em outra posição. Naquela definiu-se como uma massa ideacional consciente, cujo principal objetivo é conservar a vida e reunir conjunto de forças que, no psiquismo, se opõe a sexualidade. Outrossim, o eu freudiano era responsável pelo processo de recalque do representante ideacional do impulso sexual, constituindo-se assim, na sede de pulsões de auto-conservação

(FREUD, 1914/1996).

Como já vimos, em Freud (1914/1996) o Eu tem uma função de mecanismos de defesa. Alguns comentadores criticam a posição inicial de Freud sobre o Eu, entre eles temos o psicanalista e pesquisador da Psicanálise Elia, que afirma o seguinte:

O eu era lugar dado, inato ou intacto, de pulsões vitalistas, lugar que precederia, logicamente a incidência, nele, de pulsões e sua constituição permanecia assim submersa em total obscuridade. Do ponto de vista teórico o eu poderia ser definido como o resumo do esforço de viver, trincheira de um desejo no máximo natural – o desejo de viver e manter-se vivo, campo natural da vida, porém oposto ao sexual este perverso polimorfo, subversivo voltado para o gozo e o prazer, mais do que para a vida (ELIA, 2011, p. 116).

Ao situar o eu como uma instância de defesa, o coloca num lugar passivo diante de um ataque pulsional do qual o corpo seria a fonte, e isso lhe trouxe muitos problemas. Porém no decorrer da obra ele retomará incansavelmente essa posição do eu. Freud com a formulação de 1914 sobre a “Introdução ao Narcisismo”, traz importantes esclarecimentos sobre o Eu, que agora não é apenas uma sentinela sempre na defesa, mas também passa a ser objeto de investimento, o que reconfigura toda questão da formação do eu.

Particularmente, esse texto de Freud (1914) assume fundamentalmente o prelúdio de boa parte de sua obra e que terá reflexos importantes. Dele advém algumas postulações, que a constituição do sujeito é composta por uma energia, com pré-disposição biológica a qual nomeará de instinto e uma outra que, aparecerá posteriormente sob o rótulo de pulsão, em alemão *Trieb*, foi traduzido pela edição Imago como instinto e não pulsão, o que causa até os dias de hoje controvérsias entre os comentadores sobre a conceituação e sua constatação na clínica. Sobre tudo nesta pesquisa por escolha metodológica utilizaremos as palavra pulsão para se referir ao *trieb*

Saindo por um momento desse emaranhado, é essa força pulsional, que move o *infans* a dirigir-se ao semelhante, na maioria dos casos, aquelas que exercem a função materna, sua necessidade de sobrevivência. A pulsão é energia que move o sujeito em sua relação com o outro, e esse movimento torna-se uma primazia na construção psicanalítica para a explicação da constituição psíquica do sujeito. Freud no decorrer de sua prática como clínico depara-se com alguns embaraços, chegando a afirmar que como pesquisador era bem melhor do que propriamente um psicanalista. O pai da psicanálise notara em suas escutas a reminiscência da relação primitiva, ou seja, dos primeiros contatos do *infans* que marca o corpo biológico de todo sujeito, e também foi por meio da queixa do corpo das histéricas que Freud (1905/1996) inaugura um método da associação livre, permitindo que então se aproximasse do

inconsciente (MANONNI, 1994).

Ainda na corrente do termo pulsional na tradução da palavra alemã *Trieb* Freud trará como princípio basilar na composição dos “Estudos sobre histeria” de 1895, o conteúdo sexual, nomeado de libido como uma modalidade do princípio de prazer. É na batalha por estabelecimento de modos de manifestação do prazer que nasce o eu, uma instância que possa manejar esses acessos. E assim, inicialmente, Freud (1914/1996) o tomara como lugar de defesa, defesa que consiste em deixar longe qualquer ameaça aos destinos do prazer.

Freud, (1905/1996) já na obra intitulada “Os três ensaios da teoria da sexualidade”, retoma de forma muito mais contundente a função e o circuito pulsional, por tratar-se de uma teoria da sexualidade que tem sua ancora na pulsão e suas fixações. Freud formula suas hipóteses sobre o eu, e sem presunção a respeito, porém sofreu algumas críticas por não ter construído uma teoria do eu própria, embora elabore o primeiro aparelho psíquico, do inconsciente, pré-consciente e consciente. Freud nota a fragilidade da teoria e continua escrevendo, e pesquisando levando-o a formular em 1920 a obra do “Além do princípio do prazer”, a segunda tópica que é o id, ego, e superego, e tal via de reforma se dá justamente pelo acesso a pulsão como pulsão de morte.

Ainda nessa pesquisa na obra de Freud (1914/1996), podemos chegar ao texto que mais se aproxima da formação do eu, com o título “Introdução ao Narcisismo”. Lá Freud afirma o seguinte:

O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Havelock Ellis em 1898 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades (FREUD, 1914/1996, p. 81).

Nesse sentido, Freud permite a concessão do investimento no próprio eu, e aí afirma que o “eu antes de tudo é corpóreo” (FREUD, 1914/1996, p.58), produzindo uma bifurcação na lógica teórica sobre o eu, a qual agora investe sobre o próprio corpo a pulsão. A possibilidade de ter o corpo como próprio objeto a ser investido, recoloca os termos de satisfação. A fonte do prazer esta em si e a saída também, eis aqui uma manifestação contundente do Eu, o que Freud chamou de narcisismo primário. A partir do investimento pulsional, o Eu sai de uma posição de defesa das pulsões que requerem uma homeostase completa, para outra função, que seria de elaborá-las e administrá-las segunda a experiência que desfrutou com o prazer.

A partir das constatações de que a libido tem duas direções: primeiro a de objetos e a

segunda no próprio eu, Freud pode concluir que:

O valor dos conceitos “libido do ego” e “libido do objeto” reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada aos objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência (neurose de histeria e obsessiva) compeliu-me a fazer essa distinção e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferas (FREUD, 1914/1996, p. 85).

Nesta perspectiva da pulsão, que agora tem seu direcionamento para o que está no interior podemos pensar em uma condição de advento do eu. O interessante e que torna a leitura de Freud, ora aprazível, e ora obscura, é sua liberdade de expressar sua dificuldade e despreensão conclusiva. Tomando este princípio, voltar-se-á para a organização de funcionalidade da paranoia.

Freud escreve sobre os investimentos da pulsão sobre o próprio corpo em 1914, pois até então isso não aparece claramente. Ao escrever sobre a Psicose, Freud (1914/1996) convocava teoricamente o anúncio de Eu que tinha como investimento o próprio ser e não meramente o objeto, sua declaração de insuficiência diante dessa dicotomia se atesta em ato na recusa e recuo na psicose (FREUD, 1911/1996).

Numa tentativa de corroboração para o texto que precede os estudos da histeria, debruçamo-nos sobre os escritos de 1894 quando Freud chama atenção para alguns pontos, como:

O eu rejeita a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser qualificada como “confusão alucinatória” (FREUD, 1894/1996, p. 64).

E segue afirmando o seguinte:

O fato para o qual desejo agora chamar atenção é que o conteúdo de uma psicose alucinatória desse tipo consiste precisamente na acentuação da representação que era ameaçada pela causa precipitante do desencadeamento da doença. Portanto é justificável dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose. O processo pelo qual isso é conseguido escapa, mais uma vez, à autopercepção do sujeito, assim como escapa a análise psicológica-clínica. Deve ser encarado como a expressão de uma predisposição patológica de grau bastante alto e pode ser descrito mais ou menos como se segue. O eu rompe com a representação incompatível esta, porém fica inseparavelmente ligada a um fragmento da realidade, de modo que a medida que o eu obtém esse resultado também ele se desliga total ou parcialmente da realidade (FREUD, 1894/1996, p. 65).

Nesses estudos Freud anuncia como ele se posiciona diante da psicose, ele a pensa de modo neurotizado, demonstrando isso com termos que se referem à possibilidade de ativação do recalque, como culpa, esquecimento. Na culpa o eu sente-se responsável por não poder conciliar essas representações de conteúdo sexual.

Na versão feita dois anos depois: “Observações adicionais sobre neuropsicoses de defesa”, de 1896, faz diversas referências às correspondências com Fliess, com quem manteve uma relação muito íntima por mais de uma década sobre o modo de situar a psicose como uma modalidade de defesa, e se continuássemos a percorrer esse momento histórico de Freud constataríamos essa compreensão. Entretanto uma questão que se faz importante em Freud sobre as psicoses, seria a ideia de um impasse dicotômico sobre o contato com o mundo externo, sobre a existência da internalização ou não, uma instância dentro/fora, interior/exterior, mas porque isso se fez questão? Uma das possibilidades de resposta é que Freud deixa como hipótese a verificação no efeito da realidade na constituição do eu, por meio de como o sujeito a internalizou. Essa construção foi abordada por Freud (1894/1996) utilizando do mecanismo da memória, é justamente o que defende e torna-se assunto fundamental da carta 52 a Fliess.

Contudo, Freud logo percebe que esse registro da interiorização da realidade não opera de modo único se tratando do inconsciente. Por isso, a psicose lhe causou algumas dificuldades, pois, na verdade na psicose o problema é deparar-se com um lugar em que não há divisão.

Esses outros estímulos são o sinal característico da existência de um mundo interno, são a evidência das necessidades pulsionais [*Triebbedürfnisse*]. A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia da sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar entre um “externo” e um “interno” (FREUD, 1914/1996, p.147).

Essa passagem pelo início da escrita de Freud sobre as modalidades patológicas ainda que imaturas são necessárias antes de partir para conjecturas de teoria psicanalítica sobre a organização do eu na psicose. Podemos retomar que essas formulações são evidentes no texto de 1915 como pode ser percebido:

Por pressão (*Drang*) de uma pulsão compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa. A finalidade (*Ziel*) de uma pulsão é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. O objeto (*Objekt*) de uma pulsão é a coisa em relação à qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável numa pulsão. Por fonte (*Quelle*) de uma pulsão entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo Estímulo é representado na vida mental

por uma pulsão (FREUD, 1915/1996, p. 127).

Assim, poderíamos esperar que depois desse processo de estudo sobre a pulsão ele continua afirmar em 1924 as condições fundamentais na psicose. E descreve assim: “A primeira arrastaria o ego para longe, dessa vez longe da realidade, enquanto a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id” (FREUD, 1924/1996, p.06).

Por tratar-se de outra lógica e funcionamento, justamente aí existe recuo da Psicanálise de Freud face à Psicose. Continuando as postulações sobre o eu, encontradas na escrita do narcisismo podemos retomá-la com suas incidências sobre o corpo. O narcisismo é uma ação psíquica, praticada pelo sujeito e que tem como efeito a constituição do eu, pelo investimento da imagem do corpo na relação com seus primeiros pares, seja da função materna ou paterna. Freud deixa claro que o narcisismo coincide com o complexo de Édipo, é um *affaire* parental, ou seja, pode se afirmar que o narcisismo da criança torna se uma revivência do narcisismo dos próprios pais, o que permite a Freud a celebre afirmação “a majestade o bebê” (FREUD, 1914/1996, p. 87).

Depois do árduo trabalho de “Introdução ao Narcisismo” de 1914, um marco na construção teórica é “Além do princípio do Prazer” de 1920, que faz Freud repensar tantas questões sobre a organização do aparelho psíquico é a pulsão, a ponto de introduzi-la como base para constituição do sujeito. Haja vista que percebemos uma mudança na trajetória das psicoses quando Freud se refere à fundação. Tratando-se tanto da força de *Verwerfung* ou de *Verneinung*, a realidade se dá como perdida para todos, o que acontece como diferenças nas estruturas, é a subjetivação, ou seja, é o modo de reconstruir a realidade. Vejamos como ele descreve:

Aqui há igualmente duas etapas, possuindo a segunda o caráter de uma reparação. Acima disso, porém a analogia cede a uma semelhança muito mais ampla entre os dois processos. O segundo passo da psicose, é verdade, destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não as expensas de uma restrição com a realidade – senão de outra maneira, mais autocrítica, pela antiga que foi abandonada (FREUD, 1924/1996, p. 206).

Em outras palavras, podemos apontar que a construção da realidade na paranoia é uma invenção a fim de produzir uma possibilidade para a própria existência, partindo de sua rejeição fundamental, fruto da experiência com o campo da alteridade que significação produz. Não poderíamos continuar sem antes tecer as considerações sobre essa compreensão da rejeição, que está no inconsciente, porém a recusa não significa negá-las. Freud traz uma

afirmativa paradoxal, e que por mais complexa que seja não poderia ficar aqui negada, vejamos: “Essa visão da negativa ajusta muito bem ao fato de que, na análise, jamais descobrimos um não no inconsciente e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se exprime numa formula negativa” (FREUD, 1924/1996, p. 267) e isso implica que ao deparar-se com o conteúdo que se rejeita, indica que outra coisa poderá ocupar este lugar, e pontua do seguinte modo:

Em uma psicose, a transformação da realidade é executada sobre os precipitados psíquicos de antigas relações com ela – isto é, sobre os traços de memória, as ideias e os julgamentos anteriormente derivado, de realidade e através dos quais a realidade foi representada na mente. Essa relação porém jamais foi uma relação fechada; era continuamente enriquecida e alterada por novas concepções. Assim a psicose também depara com a tarefa de conseguir para si próprias novas percepções de um tipo que corresponde à nova realidade, e isso muito radicalmente se efetua mediante a *alucinação* (FREUD, 1925/1996, p. 207, grifo nosso).

Freud considerou a manifestação do delírio não apenas exclusiva da psicose já que o neurótico também pode ter fantasias reconstrutoras da realidade, o que ele demonstra em 1915 em “Um Caso de Paranoia que contraria a teoria psicanalítica das doenças”, mas ao contrário, a tentativa de reconstrução – reestruturação – empreendida pelo psicótico ocorre de outro modo. Sobre isso alguns teóricos como Laplanche e Pontallis (2001) trará contribuições específicas sobre um modo de organização da psicose, sem efeitos patológicos, como a psicose branca, psicose lúcida, em que o delírio não caracteriza prejuízo na vida social, já alertado na Psiquiatria das reticências deixada na história e que pode ser conhecida hoje como psicose ordinária, a qual não apresenta prejuízo à vida cotidiana (LAPLANCHE; PONTALLIS, 2001).

Um ponto norteador que deve ser centralizado em Freud está nas formulações da obra dos Três ensaios sobre a sexualidade, na qual formula sobre os investimentos pulsionais e seus desdobramentos e nos complexos de castração e do Édipo. Freud (1894) tomava então o eu como uma instância de defesa, e na Psicose se trata de um tipo de defesa que podemos em suma postular como mais radical. Há em Freud a primazia em torno de um representante de falo, o que trouxe diversos nuances ao movimento psicanalítico, como a formulação do *Penisnoid*⁶, da inveja ao pênis como representante do falo, por fim a lógica falocêntrica predominou em suas construções. É de lá que tiramos material para pensar as implicações que uma rejeição radical deste elemento pode provocar e que esta intrinsecamente embutida na constituição do Eu.

⁶ Palavra que Freud menciona em 1905 na obra intitulada “Os Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade”, para se referir aos sentimentos de inveja que as meninas tinham de pênis no menino.

Freud (1914/1996) nos fornece a fórmula da formação do eu para além das defesas, pela hipótese dos investimentos no próprio eu como descreve na “Introdução ao narcisismo”, e a partir daí, o viés das identificações que desembocam no mito do Édipo, e sua dissolução.

O importante é perceber a relação que as psicoses mantêm com uma saída frente aos complexos, que fizeram o pai da Psicanálise produzir praticamente no mesmo ano “A dissolução do complexo de Édipo” e “A perda da realidade na neurose e na psicose” em 1924. O complexo de Édipo tem diferenças de operação para o menino e para a menina, Freud (1924/1996, p. 159) afirma “no decurso dessas pesquisas a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão comum a todas as criaturas que a ela se assemelham”.

Já está claro que os efeitos tanto do Édipo quanto da Castração são diferentes para cada sujeito, não há uma norma. Na menina, por exemplo, sua investigação sobre a sexualidade tem como marco a diferença sexual que a coloca na entrada no Complexo de Castração. A menina percebe que o corpo da mãe é diferente, não incide as mesmas formas que o corpo do pai, há uma alteridade no corpo da mulher. Inicialmente Freud (1923/1996) parte da ideia de que a menina constata em si mesma, é existência de um pênis, porém muito pequeno, e que é encarnado pelo clitóris. Freud (1923/1996) afirma ainda que:

Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas realmente ainda assim veem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a preconcepção dizendo-se que o pênis é pequeno e ficará maior dentro de pouco, e depois lentamente chegam a conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois (FREUD, 1923/1996, p. 159).

Porém notará que lá é um lugar de diferença, seja por sua mãe, a qual não tem um como o do pai, ou tem um menor, e disso decorre a Castração, algo a menos, que lhe falta, ou em proporção menor e por isso recorre ao pai, para efetuar-lhe as demandas de que possui algo que possa lhe oferecer. Nesse caminho diversas situações são encontradas para a formulação da sexualidade feminina que o próprio Freud (1908) delega aos poetas a missão de dizê-lo. Já no menino esse processo ocorre às avessas. Como já portador de um possível representante ou de algo que tenha, faz com que hipoteticamente enderece seus investimentos na mãe como aquela que pode receber o que ele tem, um projeto de falo. Nessa relação há um enamoramento pela mãe que pode ser vislumbrado no processo edípico: lá no lugar da mãe, habitado por um outro que também possui um falo. O menino se sente intimidado por medo de perder, e de ser castrado, e abandona essa posição de amor, embora não toda, desdobramentos que Freud dará sobre as contribuições ao amor.

Postulamos como uma ressalva de extrema importância no processo acima descrito

que o reconhecimento enquanto percepção de uma diferença em relação aos pares primitivos mãe/pai, trata-se de funções realizadas pelo sujeito que pode ou não encarnar esses personagens, o que nos aponta que o Complexo de Édipo não passa exclusivamente por meio da via anatômica. No registro da vida psíquica fica evidenciado que ele pode perceber por meio de sua realidade psíquica a diferença inscrita no campo do outro, e que não pode ser resumida a uma representação apenas pelo corpo, afirmar que o processo da castração tem como única passagem essa via é reduzir o alcance da psicanálise.

Esclarecido esse processo, refere-se sobre as possíveis dissoluções deste caminho tão subjetivo e o que isso tem a ver com as psicoses. Nos postulados de Freud, há uma tarefa em causa nesse processo, e é por uma ausência que a tarefa é gerada “a falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora a criança de depara com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si próprio” (FREUD, 1923/1996, p. 159).

O conceito de defesa empregado por Freud está intimamente ligado ao Complexo de Édipo, e representa, sobretudo, o preço que a cria humana tem que pagar em função de sua jornada ao campo simbólico, ou seja, sua inserção no campo da cultura. Trata-se, porquanto, de uma condição de possibilidade de todo o sujeito, uma vez que estamos diante do esteio que finca o limite decisivo entre a natureza e o cultural.

Sobre a psicose cabe deixar claro que nos fundamentos de emergência das psicoses, trata-se de uma rejeição, eis o ponto universal das psicoses. Daqui cada funcionamento toma seu caminho, a da esquizofrenia por um lado, a paranoia por outro e assim sucessivamente.

Neste contexto o que tem sido incansavelmente investigado é o campo da paranoia, em que não há percepção da diferença. Podemos tomar a seguinte lógica: o falo que a mulher não tem e que seria representado por um pênis é assumido pelo do sujeito psicótico, ele é o falo da mãe, e aqui entendemos o falo como uma representação de função, está colado nela, faz parte, é sua ramificação, tal como um pênis no corpo de um homem, e nessa operação não há a aceitação da existência de uma separação. Mas isso não é tão simples assim.

Freud (1923/1996, p. 160) aponta “parece-me porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração”. Eis aqui uma relíquia que nos revela a dinâmica da paranoia com profundidade. Freud nos estudo sobre a cultura, que podemos palpar ao longo de sua obra, diz que o falo, faz parte do mito edípico e, dessa forma permite pensar na instauração do eu a função da cultura.

Sobre o falo nos conta Roudinesco e Plon (1997, p.221):

O termo falo, portanto, só muito raramente foi empregado por Sigmund Freud, a propósito do fetichismo ou da renegação, e muitas vezes como sinônimo de pênis. Em contrapartida, o adjetivo “fálico” ocupa um grande lugar na teoria freudiana da libido única (de essência masculina), na doutrina da sexualidade feminina e da diferença sexual e, por fim, na concepção dos diferentes estádios (oral, anal, fálico e genital).

Destacamos a diferença conceitual e muito importante de falo para fálico que possibilita desdobramentos sobre a manifestação da psicose, do simbólico ao imaginário respectivamente. O falo por princípio tomado tal como Freud (1905/1996): sendo um representante simbólico, e o fálico como um deslumbramento imaginário dessa posição esse é o que podemos apreender do campo freudiano.

Supomos o fálico como uma condição imaginária de um objeto que possa ser eleito com falo, sendo fálica a medida que o sujeito investe em objetos no campo da imagem de acordo com suas experiências com as figuras parentais. Nessa construção fálica, o psicótico acredita ser uma criação que lhe confira o status das características do falo na tentativa de organizar sua psique.

A lógica freudiana é de que temos uma realidade psíquica para a criação fálica, como uma possibilidade de ligação a um objeto que represente o eu, e que possa organizar o próprio ser e suas diferenças. Depois desta discussão do surgimento do eu e seus desdobramentos cabe ressaltar aqui um ponto de suma importância, sendo ele o conceito de sujeito. Na obra de Freud (1905/1996), não observamos com clareza a formulação teórica sobre o sujeito, podemos apenas mencionar os esforços para a compreensão do eu, do inconsciente e suas manifestações. Deste modo o conceito de sujeito surge com as formulações de Lacan com ligação a linguística e o que será reformulado a partir de Castoriadis e Aulagnier.

3.2 Contribuições de Jacques Lacan

Jacques-Marie Émile Lacan, psicanalista francês, nascido em 1910, estudioso da Psicanálise desde sua adolescência, nome que produziu cisões no movimento psicanalítico na década de 1950 a 1970, destacando algumas colocações freudianas. A contribuição de tal autor se faz necessária à medida que influenciou o pensamento dos psicanalistas, os quais discutiremos a seguir como Cornelius Castoriadis e Piera Aulagnier, e, também, por ter uma obra vasta sobre a psicose, inclusive tema de sua tese de doutoramento publicada em 1932.

A partir da obra de Lacan, principalmente dos Seminários III, V sobre as psicoses, recoloca o termo de negação e o conceito que ele elaborou de forclusão. Deteremo-nos na definição do termo de *Verwerfung*, visto que, no discurso de Lacan tem outras dimensões que

serão tratadas a diante. Rabinovitch (2001) acentua a importância de Lacan sobre o conceito de sujeito e também a definição de *Verwerfung* que segundo ela “exige incluir na sua definição o efeito que ela produz sobre o tecido psíquico: furo, dilaceramento, rasgão, lacuna” (RABINOVITCH, 2001, p. 55).

Diante disso podemos deduzir que a *Verwerfung*, enquanto mecanismo psíquico de negação, tem sua parcela de *Verneinung*, apesar disso exacerbado ao ponto máximo, está para além dela, tanto é que alguns autores psicanalistas que estudam a longo tempo o campo das psicoses como Quinet (2011), Leader (2014), traduzem o *Verwerfung* por renegação, seja em uma e outra, a palavra por si, carrega o *Verneinung* explicitamente. Partindo dessas articulações Lacan (1964) afirma que ao sujeito da psicose cabe uma missão da qual precisará se organizar, uma vez que responde fraturadamente no simbólico e com a qual suporta, por meio de formações delirantes, algo que lhe faltou na formação da psique, manifestando sua função de delírios e alucinações.

Ainda sobre a instância do eu, no seminário intitulado O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise, Lacan (1954/55) circunscreve um prerrogativa sobre a formulação dessa instância na qual inicia com algumas críticas que tangem sobre a própria Psicologia. A criticidade de Lacan reside no fato de esclarecer que o Eu não deve ser entendido como apenas uma formação de identificações com suas figuras parentais e a esse processo Lacan utiliza a nomenclatura em francês como *moi*, que é feito para designar o Eu, enquanto formação de imagem.

Em Freud (1914), é possível encontrar o conceito similar que é o de ideal de eu. Nesse aspecto, Lacan revela que não se deve tomar o inconsciente por essa via, e critica a Psicologia norte-americana justamente por aí se ancorar ao retratar o sujeito, como um produto regido por imagem identificatória de modelos pré-estabelecidos.

Não obstante, com a possibilidade de dar ênfase à linguagem, como sendo uma comunicação do inconsciente, de onde Lacan (1955, p. 215) formulará a frase conhecida como axiomática do “o inconsciente é estruturado como linguagem”, revela-se na fala, a qual pode comparecer o sujeito do inconsciente, a este Lacan nomeia com a palavra *Je*, sendo então o eu do inconsciente e não a consciente enquanto imagem. A instância de *Je* só se apresenta à medida que o *moi* sofre efeitos da linguagem e por consequência, causa por si só uma quebra na imagem fantasística de seu narcisismo, e aí sim, uma implicação da linguagem.

Lacan parte das leituras de Freud, no entanto, toma como substância a linguagem sob a influência da linguística na obra do suíço Fernand de Saussure quando ele formula sua teoria

do significante em 1916. Lacan organiza ontogeneticamente a estrutura do inconsciente criando o axioma do inconsciente estruturado como linguagem. Retornar a uma obra é sempre necessário talvez, tanto quanto avançar por ela, é o que Leader ressalta:

Há sempre uma confiança superficial e inquietante naquilo que se autoanuncia como pesquisa “atualizada”, como se um artigo publicado num periódico sofisticado em 2010 tivesse mais valor que um escrito cem anos antes numa revista de medicina hoje esquecida, à qual só podemos ter acesso numa biblioteca empoeirada (LEADER, 2013, p. 9).

Por isso a história do movimento psicanalítico da década de 50 revela o quanto a construção teórica tornou-se volátil. Lacan ocasiona com esta concepção rupturas institucionais com a dita Psicanálise Ortodoxa da *International Psychoanalytical Association*⁷ da IPA que não admitiu alteridade na construção teórica, o que segundo autores expandiu a Psicanálise, mas acabou instituindo outro estilo de formação, de transmissão e principalmente de escola, já para outros uma redução grosseira da Psicanálise.

Quando Lacan é convidado a se retirar da IPA em 1953, sua saída ecoa com ruídos estremecedores nos corredores da instituição de Paris, em razão de com ele outros 40 analistas se desligaram, entre eles Françoise Dolto, Octave Mannoni que continuam seus estudos. O tempo mostrará que por divergências teóricas haverá outras rachaduras e esse grupo vai se dividindo (ROUDINESCO, 1999).

Lacan psicanalista pivô de muitas críticas ou admirações, atrai o olhar da comunidade psicanalítica internacional, seja por suas vestimentas exuberantes, ou por sua escrita prolixa, seus seminários sempre numerosos, cria um divisor de águas na construção teórica da psicanálise que será indissolúvel. Partindo do Estádio do Espelho marcando um dos momentos iniciais de seus escritos, Lacan assume a base freudiana de inconsciente, o qual elabora a construção teórica da relação entre o *infans* e o outro, que pode fundar o Eu, é para responder ao discurso deste outro que o convite para o comparecimento é feito, tocando diretamente no cerne da Psicose.

Na concepção lacaniana, sublinha-se que o sujeito psicótico, devido ao seu tipo de resposta ao discurso do outro, posiciona-se de um modo próprio, ou seja, sua via de acesso ao mundo se dá de modo peculiar, as exigências externas da realidade lhe afere perigo de extinção por isso cria outro para refugiar-se, problemática essa que será esmiuçada cuidadosamente ao longo da discussão. Diante dessas premissas surge o engajamento para a

⁷ Associação criada por Freud ainda em vida, conhecida como a ortodoxa Associação Internacional de Psicanálise.

pesquisa, na reconstrução da compreensão da psicose, do mesmo modo como outros sintomas que, segundo a psiquiatria, definem o indivíduo.

Nas palavras de Roudinesco (1998, p.223) tem-se a seguinte proposta:

O falo é um atributo divino, inacessível ao homem, e não o órgão do prazer ou da soberania viril, Lacan fez dele, a partir de julho de 1956, o próprio significante do desejo, aplicando-lhe uma maiúscula e o evocando, antes de mais nada, como o “falo imaginário”, e depois como o “falo da mãe”, antes de passar finalmente à idéia de “falo simbólico”.

Lacan, em uma exposição de 4 de Julho de 1956, traduziu *Verwerfung* por *foraclusion*, a qual consiste na psicose, de uma exclusão da função chamada Nome-do-Pai, e segundo Rabinovitch (2001), uma psicanalista renomada na França por seus estudos sobre as psicoses, aponta para uma condição em que o sujeito por seu endereçamento a alguém possa se engajar de outro modo com o significante e assim atravessar o mundo simbólico. O termo *foraclusion* é tomado por Lacan para se referir ao que foi excluído. (ROUDINESCO, 1986). Prosseguindo na elaboração Lacan (1955) utiliza a *foraclusion* como uma exclusão do significante mestre e exclui também, o processo que poderia possibilitar a internalização da simbolização, por isso coadunando com Rabinovitch (2001) estariam os psicóticos presos do lado de fora.

A psicanálise com intervenções de Lacan sofreu muitas mudanças políticas e teóricas com a morte de Freud, o que fez com que ele assumisse militantemente a causa, e ressalta a importância do investimento e os destinos na pulsão na concepção do sujeito. Lacan com seus estudos esclarece os investimentos realizados nas relações primitivas que o *infans* faz sobre a imagem do próprio corpo, no que ele concebeu no conceito de estádio do espelho vejamos:

Basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. A função jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio do *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o (eu) se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1949/1998, p. 94).

Na trilha freudiana, Lacan pontuara que é na relação com o semelhante por meio da construção especular, que o eu poderia advir, no investimento de uma imagem na qual o sujeito está incluído nela, é nessa via que pode ser constituído. Sobre esse pilar da construção de imagem que Lacan desenvolverá este conceito de Estádio do espelho, o qual trata-se de uma alienação necessária, e isso implica numa relação na imagem do outro que toma como

motor a pulsão como combustível. Entretanto, neste percurso é necessário que exista uma separação, e daqui visualiza-se a possibilidade de começar a falar de uma constituição dialética, de alíenação/separação, ida/volta, eis o ponto nodal para a organização psicótica.

A partir de Lacan, tomamos esse pressuposto como referência inicial para tratar da experiência para a teoria das psicoses, a resposta talvez configure uma imagem de si mesmo, ou seja, uma viagem própria, da qual o retorno está para toda história interdito e da forma ao modo de ser do sujeito da psicose.

A possibilidade de desligar do corpo a imagem, isto é, sua imagem especular, a imagem do corpo, e de reduzi-la ao estado cedível, sob a forma de fotografias, ou mesmo de desenhos: conota o choque, a repugnância ou o horror provocados na sensibilidade pelo surgimento totalmente repentino desse objeto, e de uma forma a um tempo indefinidamente multiplicável e passível de ser espalhado em toda parte (LACAN, 1932/1998, p. 343).

Na experiência que Lacan menciona, ainda, está no status de imagem, como início no campo da linguagem e nela a função do estágio do espelho tem o objetivo de revelar a imago e sua função estabelecendo uma relação do organismo com sua realidade (LACAN, 1949/1998). Depois de um profundo e vasto campo que gira em torno do Eu, podemos avançar no eixo que não deixa de estar também na órbita do eu, conhecida como Psicose, faz necessário esclarecer que nesta pesquisa na busca a especificidade da paranoia. Ressaltamos a necessidade de retomar a Freud, que teoriza sobre suas constatações clínicas, é exatamente o que nos instiga nisso trata-se do que ele diz:

[...] as neuroses de transferência correspondem um conflito entre o ego e o id, as narcísicas, a um conflito entre o ego e superego, e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo (FREUD, 1924/1996, p. 170).

E prossegue afirmando:

Poderíamos esperar que ao surgir uma psicose, ocorre análogo ao processo de uma neurose, embora, é claro entre distintas na mente. Assim poderíamos esperar que também na psicose duas etapas pudessem ser discernidas, das quais a primeira arrastaria o ego para longe, dessa vez para longe da realidade, enquanto que a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id. E de fato, determinada analogia desse tipo pode ser observada em uma psicose (FREUD, 1924/1996, p. 206).

Nota-se que o neurótico vive uma parcela psicotizante, referimo-nos sobre a universalização da alteração da realidade, e chamamos de realidade o contato com o mundo externo, na neurose ela não é tão acentuada e nem mesmo operada do mesmo modo que na psicose. Todavia por intermédio do recalque, perde-se o contato com a realidade, em seu

sentido de relação com o mundo externo. Já na psicose, em sua origem, imprimiu-se na relação do significante um agravamento no desligamento da realidade, pela operação da *foraclusion*. Sendo na paranoia seu recalçamento, o que soa muito estranho nessa frase, porém entenda-se que se trata de uma não percepção que origina uma renegação *Verneinung*. Podemos verificar isso em Freud como um exemplo:

Normalmente o mundo externo governa o ego por duas maneiras: em primeiro lugar através, de percepções atuais e presentes, sempre renováveis; e, em segundo mediante o armazenamento de lembranças de percepções anteriores, as quais, sob a forma de ‘mundo interno’, são uma possessão do ego e parte constituinte dele. Na amênia não é apenas recusada a aceitação de novas percepções também o mundo interno, que, como cópia do mundo externo, até agora o representou, perde sua significação (catexia) (FREUD, 1924/1996, p. 168).

Ponto execrável, para a construção desta discussão, trata-se de uma realidade que atende as normas sociais, normas externa, apreendido por idealismos. Deste modo o critério que utilizado continua sendo a normatização do sujeito, desde o senso comum ao meio científico, o normal é aquele que toma forma dos ideais, a norma, contudo é o que o engendra a idealização.

No caso desta discussão sobre as psicoses de modo geral, instigam uma interrogação, colocando em xeque o que é o ideal de funcionamento psíquico? E o que é a normalidade afinal? A resposta admiti a criação de posição subjetiva do sujeito. Nesta premissa não cabe a Psicanálise, e nem foi sua pretensão colocar o sujeito naquilo que deveria ser a norma, talvez aí um dos pontos de enodamento na clínica da psicose, Lacan (1936) já nos alertara sobre essa via perigosa que foi tomada por um grupo de psicanalistas norteamericanos com a adaptação do ego, contrariando evidentemente a realidade que se mostra na clínica que a psicanálise supõe. Aqui deter-se-á cuidadosamente o que há de realidade, este conceito não passou despercebido a Freud, que também assinalou algumas formulações como por exemplo:

Mas o ego normal dessa espécie é, como a normalidade em geral, uma ficção ideal. O ego anormal, inútil para os nossos fins, infelizmente não é uma ficção. Seu ego aproxima-se do ego psicótico num lugar ou noutro e em maior ou menor extensão, e o grau de seu afastamento de determinada extremidade da serie e de sua proximidade da outra nos fornecerá uma medida provisória daquilo que tão indefinidamente denominamos alteração do ego (FREUD, 1937/1996, p. 251).

A respeito dessa questão Freud esclarece as implicações que o discurso exerce sobre as alterações do ego e na mesma direção segue Lacan. O notório na formulação da psicose é uma rejeição nome a qual Freud (1894) chega a mencionar no texto “Psiconeuroses de defesa”, sendo ela mais radical que o recalque. No recalque o conteúdo continua presente, ou

seja, enterrado no continente negro e que nunca deixa de brotar. Já na rejeição não esta enterrado, não houve inscrição, apenas o lugar onde deveria ter um rastro está limpo.

Freud, em 1924, depois de uma década da criação do conceito de Narcisismo (1914/1996), elabora que o eu passa por uma relação semelhante tanto na organização em um neurótico como no psicótico. Essa articulação exige explicações minuciosas para evitar equívocos. Se a neurose é uma resposta à experiência do sujeito, que retira uma parte do conteúdo para o inconsciente, ou seja, uma parcela é renunciada em prol de sua própria existência, o que Freud chamou de autopreservação, mesmo que ao preço de que haja um retorno do recaiado. A semelhança da psicose consiste na existência da retirada de algo, contudo de forma mais radical. A este respeito Lacan se pronunciará, em nome de uma operação que ocorre na psicose.

Jacques Lacan no início de seu ensino discutiu a primazia do significante sobre o significado uma vez que o inconsciente se estrutura pelo significante, priorizado neste momento, e traduz o inconsciente freudiano com uma forma de linguagem (LACAN, 1955/1998), tendo esta premissa como marca de um tempo de seus estudos conhecido como simbólico o qual aponta implicações importantes no campo da psicanálise. Ainda sobre o inconsciente estruturado como linguagem, avança nessa peremptória afirmação, a qual nos apresenta uma lógica de composição de significantes que fora incorporados a constituição de cada sujeito.

Cabe uma nota, no sentido de esclarecer o percurso realizado nesta dissertação, é utilizar da cautela de compreender o Eu formulado na psicose, dentro do nó borromeano⁸ e das pontuações que Aulagnier realiza nesse circuito, uma vez que no ensino de Lacan existem momentos teóricos dedicados aos aspectos do significante/significado. Podemos marcar partindo da década de 1950, inclusive momento o qual elabora o seminário das psicoses, com ênfase do simbólico, ou seja, da linguagem. Já em meados de 1960 começa a abrir outra retórica que gera o conceito de objeto *a*, dando forma aos aspectos pulsionais do inconsciente e que escapam a significações. Por fim a década de 1970 uma grande articulação ao real, colocando os conceitos em equivalência, tal instância toma como referente justamente aquilo que não se pode colocar na palavra, está fora do sentido da letra e do discurso

Conhecido como o último ensino, Lacan coloca-se a instância do Real em

⁸ Lacan formula o conceito de nó Borromeano na década de 70, que comporta três registros, sendo o Real, Simbólico e Imaginário, ele retira do brasão de uma família dos Borromeus que tem como representação um brasão com a imagem de três argolas ligadas entre si, para afirmar que o funcionamento do inconsciente se forma partir dos três, e quando uma esta desligada todo se desfaz essa formulação representa a articulação que Lacan faz, de que a formação do sujeito exige compreender os registro sempre interligados, e qualquer forma de compreender fora disso, pode gerar incidências complicadas.

equivalência aos outros registros, como o imaginário e o simbólico, o que como consequência causa grandes alvoroços na comunidade psicanalítica, e dá novas articulações diretas à clínica e a técnica, que circula do inconsciente estrutura como linguagem, na qual o encontra-se o sintoma-metáfora e no segundo momento o inconsciente pulsional, na qual o sintoma-letra de gozo⁹. Sob esse aspecto existe uma tentativa de percorrer nessa ordem, visando um esmiuçar da articulação clínica/teórica, uma vez que o significante, do simbólico já é uma formação do imaginário, e carrega em sua garupa, a pulsão, que situa-se no campo do Real, ou seja, a insistência desse trabalho em manter um nó entre os registros, e nada separado, sem primazia individualistas.

Retomando a partir de Lacan as primeiras formulações a respeito das investigações sobre a psicose, faz-se necessário atentar para o que Lacan afirma sobre uma operação nomeada como a forclusão de um significante declarado Nome-do-Pai, o que isso que dizer? Do que se trata afinal? Uma vez que Lacan confere um conceito que leva em sua composição esse substantivo, o Pai, na formulação de nome-do-pai, disse já adianta “*o pai é uma metáfora*” e explica de seguinte maneira:

Digo exatamente o pai é um significante que substitui um outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo do Édipo. E, não sendo esse nível que vocês procuram as carências paternas, não irão encontrá-las em nenhum outro lugar. A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno (LACAN, 1955/58, p. 180).

Marcando tais preposições, averigua-se que o fenômeno decorrente da organização da psicose é decorrente de um rechaço do significante do nome do pai, o qual poderia possibilitar a cisão da primeira alienação constituinte que o sujeito opera, hipoteticamente situamos na experiência do estádio do espelho, uma fenda, na relação entre sujeito e o primeiro Outro, o da imagem, porém o sujeito colocação em uma dimensão o qual não opera com a diferença, o que Lacan chamará de forclusão, e fica-nos a pergunta, do que trata-se afinal o *Verwerfung*, e Lacan responde da seguinte maneira:

Do que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se de rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis

⁹ Lacan pretende mostrar que o gozo se sustenta pela obediência do sujeito a uma ordem — quaisquer que sejam sua forma e seu conteúdo— que o conduz, abandonando o que acontece com seu desejo, a se destruir na submissão ao Outro (maiusculo). A partir do seminário do ano de 1969-1970 (*O avesso da psicanálise*) até o do ano de 1972- 1973 (*Mais, ainda*), passando por *De um discurso que não seria do semblante* (1970-1971) e ... *Ou pior* (1971-1972), Lacan elabora sua teoria do processo da sexualização, que ele exprime por meio de um conjunto de fórmulas lógicas (ROUDINESCO, 1998, p. 314).

o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo significante (LACAN 1955/1998, p. 171).

Na psicose Freud já dizia em 1924 que o delírio aparece como uma tentativa de estabilização, uma forma de fazer um remendo na relação entre o eu e a mundo externo, esclarece que “uma confusão alucinatória aguda constitui talvez a forma mais extrema e notável de psicose – o mundo exterior não é percebido de modo algum ou a percepção dele não possui qualquer efeito” (p. 168). A inovação em Lacan é que ele responde do que se trata um fenômeno alucinatório, declarando.

Esse fenômeno tem sua fonte no que chamaremos provisoriamente a história do sujeito no simbólico. Não sei se manterei sempre essa conjunção de termos, pois toda a história é por definição simbólica, mas guardemos por ora a fórmula. A distinção essencial é esta: a origem do recalcado neurótico não se situa no simbólico no mesmo nível da história que o do recalcado de que se trata na psicose, mesmo se há relações entre os conteúdos do modo mais estreito. Essa distinção traz por si só uma chave que permite formular o problema de uma maneira muito mais simples do que se fez até aqui (LACAN, 1955/1998, p. 22).

Lacan (1955) situará outra forma de organização na Psicose, na qual sua experiência lhe permite modos de acesso ao simbólico, em Freud o psicótico está fraturado, quebrado e desligado. Já em Lacan, esse desligamento é constatado, mas não significa que não esteja lá, há simbólico na psicose, pois há linguagem, porém não se estabelece como na neurose. Mas o que existe na paranoia, se no simbólico existe uma quebra.

Lacan responde:

A relação simbólica não é nem por isso eliminada, pois continua falando (e mesmo que só faça isso), mas resulta desse desconhecimento que aquilo que demanda fazer-se reconhecer no sujeito no próprio plano da troca simbólica autêntica – que não é fácil de ser atingida uma vez que ela é perpetuamente interferida é substituída por um reconhecimento do imaginário, da fantasia. Autenticar assim tudo o que no sujeito é da ordem do imaginário é, propriamente falando, fazer da análise a antecâmara da loucura e nos só temos é de ficar admirados que isso não leve a uma alienação mais profunda – sem dúvida, esse fato indica bastante que para ser louco, é necessário alguma predisposição, se não alguma condição (LACAN, 1955/1998, p. 24).

Lacan propõe em cada registro a operação da paranóia, e vai além quando afirma uma concepção de retorno do foracluído, se em Freud temos o retorno do recalcado para o neurótico em Lacan é de outro modo que o retorno opera sob o nome de foraclusão nas psicoses.

Há uma relação estreita entre, de um lado, a denegação e o reaparecimento na ordem puramente intelectual do que não está integrado pelo sujeito, e, do outro, a *Verwerfung*, e a alucinação, isto é, o reaparecimento no real do que é recusado pelo sujeito. Há aí uma gama, um leque de relações (LACAN, 1955/1998, p. 22).

A proposta que Lacan permite formular, não é uma tarefa fácil, mas faz com que seja possível ter uma ideia do sujeito na psicose. Trata-se de uma formação inconsciente que se difere no radical da neurose, tal processo se refere ao *infans*, na qual o referente é bebê constituído de pura pulsão, que poderá se constituir na relação com o seu primeiro outro na maioria das vezes a mãe. Lacan destaca (1955) que esta que se faz imagem de apoio à criança que *a priori* se relaciona com o desejo da mãe, alienando-se nele para que depois possa separar-se, mesmo que não em totalidade e tal movimento é permitido por intervenção de um outro. A postulação de Lacan é que há uma condição de separação a entrada de um terceiro, ou seja, de um significante chamado Nome-do-pai, que tem essa função, porém na psicose não há entrada deste terceiro, é uma não percepção, uma falência que tem sua gênese na experiência do sujeito,

Vejamos:

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere a psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose (LACAN, 1998, p. 582).

Visto que essa experiência funda e afunda o sujeito em uma simbiose com o outro, fica então em uma relação com a imagem deste outro, em que um significante não pode operar, é uma relação com a imagem, e que por ser mais frágil, logo é preciso recorrer ao delírio para tentar manter esta relação. Observando desta maneira é possível pensar que se o sujeito fixa-se na imagem para sustentar-se, não obstante, sempre ao olhá-la ela se modificada, aí situa-se a fragilidade, a imagem nunca é a mesma.

4. A PSICANÁLISE DE CORNELIUS CASTORIADIS: DA MÔNADA À PSICOSE

Nesta pesquisa recorreremos ao pensamento de Castoriadis como fonte de reflexões sobre a posição de Psicanálise e seu escopo teórico das psicoses. O recurso que Castoriadis dispõe em relação a suas contribuições teóricas são resultados de sua experiência enquanto psicanalista e também o conhecimento notório em outras áreas do saber como a filosofia, sociologia, política, história, economia e direito.

Cornelius Castoriadis nasceu em Constantinopla em 1922. Após uma vida política de militância na Grécia e na França pós II Guerra Mundial no grupo *Socialismo ou Barbárie*, sua vida tomou novos rumos quando se naturalizou, retomando seus estudos da filosofia - paixão desde seus 13 anos - e da linguagem. Em 1974 formou-se psicanalista na *École Freudienne* de Jacques Lacan e junto com Piera Aulagnier (dentre outros) integrou o Quatrième Groupe (TAURO, 2003-2004). Castoriadis escreve várias obras, como “Socialismo ou Barbarie”, “Encruzilhadas do Labirinto”, e entre outras sua obra fundamental “A instituição imaginária da sociedade” em 1975 iniciando um giro surpreendente no pensamento ocidental, repensando o que é pensável, inserindo a psicanálise de modo intencional por proporcionar uma forma de repensar o Ser e seus estratos: vivente, social, psíquico e indivíduo e suas duas possibilidades em projeto: a autonomia social e o sujeito (CASTORIADIS, 2007, p.71).

O modo de entender a sociedade como um processo de socialização que se desenvolve no processo das relações humanas sobre as representações criadas pela cultura, custou a Castoriadis rever alguns conceitos da Psicanálise, dando-lhe tantos benefícios quanto desavenças. Castoriadis (1987) assegurou esclarecimentos quanto a equívocos sobre a concepção de inconsciente e o conceito de sujeito, principalmente sobre correntes que atrelam a consistência dele a linguagem, afirmando categoricamente que tal feito seria uma redução grotesca do ensino freudiano, apontamento claro, na seguinte afirmação:

Deseja-se, há algum tempo, substituir o deslocamento e a condensação de Freud pela metonímia e a metáfora. Esta terminologia, que assimila as operações da linguagem de vigília, diminui a genial descoberta de Freud e oculta ainda mais os tesouros do Sexto Capítulo da Interpretação dos Sonhos. No máximo, poderíamos ter dito o inverso: que metáfora, metonímia e as outras figuras de linguagem de vigília tomam alguma coisa das operações do inconsciente, sem poder reconstituir sua abundância e riqueza (CASTORIADIS, 1987, p. 387).

A posição de Castoriadis na Psicanálise é retomar alguns conceitos de Freud, na tentativa de elucidá-lo especialmente sobre o que ele chama de inconsciente, apontando que no percurso histórico dos pós-freudianos algumas aporias foram instaladas, principalmente

por uma corrente lacaniana e similares.

A questão da criação enquanto criação “a partir do nada” (*ex nihilo*) no âmbito humano para Castoriadis surge após um longo caminho de superação do pensamento de vários pensadores, mais explicitamente Marx, onde na primeira parte de sua *magnus opus* “A instituição imaginária da sociedade” ele supera as dicotomias marxistas e demonstra como a economia não determina e nem poderia determinar a sociedade, explicando-a de maneira mecanicista ou causal, nem estrutural, nem funcional, sendo que não há possibilidades de derivação do estrato social-histórico para o que é, então Castoriadis (1975) postula a indeterminação como ponto de partida para a existência, no caso da nossa pesquisa, dos estratos “humanos” por assim dizer: a sociedade e a psique.

Nos estratos há uma parte determinada (lógica conjuntista-identitária) e uma parte indeterminada (lógica dos magmas), sendo que essa parte indeterminada é a parte que iremos denominar com ele de elemento imaginário da psique e dado como criação pela social-histórico e ocultado pela mesma para própria proteção e conservação do seu estrato, da mesma forma que visa um vivente sua auto-conservação (célula, por exemplo), ou seja, auto-finalidade (CASTORIADIS, 2007, p. 76). Para tanto Castoriadis cria o conceito de Imaginário Radical como fonte de criação, mesmo para a psique quanto para a sociedade.

Podemos ressaltar no âmbito psicanalítico a partir de sua concepção de imaginação radical as diferentes características que postula para a psique como: a desfuncionalização, o predomínio do prazer da representação sobre o do órgão, a autonomia relativa do afeto/representação/desejo, a irredutibilidade e indissociabilidade entre a psique e a sociedade, a estratificação da psique através de suas fases de constituição, a definição da psicanálise enquanto atividade prático-poiética e sua redefinição de sublimação. Ainda sobre o conceito de imaginário radical, Tauro, *et al* (2008), chama atenção para uma concepção deste conceito quando afirma:

Por imaginário radical, entende-se a instância que transcende o substrato biológico, permitindo que o ser humano se torne único em relação aos outros animais. É “onde” se dá a criação, possibilitando o surgimento da subjetividade, o que leva à distinção, também, dos demais seres humanos. As produções do imaginário radical podem impressionar porque se caracterizam pela ausência de subordinação à determinidade; não se restringem ao sentido ou às explicações que podemos dar a elas. Castoriadis conceitua o imaginário como fluxo de representação-afeto intenção que é livre das determinações, e cujo produto é o inconsciente. Este é explicado em relação ao seu modo de ser por meio do conceito de “magma”, ou seja, como algo que está sempre em fluxo contínuo de representações e que jamais poderia ser descrito em absoluto pela lógica da linguagem - seria o caos/abismo/sem fundo (TAURO, *et al*, 2008, p. 4).

Vamos então, partindo da mônada psíquica elucidando os conceitos e categorias de entendimento da psicanálise de Cornelius Castoriadis para adentrarmos a formação do indivíduo à possibilidade de criação do sujeito. Por último, focaremos a psicose e faremos algumas referências à Piera Aulagnier que nos são úteis para o entendimento de nosso objeto de análise.

4.1 Da mônada psíquica á sublimação

Castoriadis afirma que “(...) a pulsão só pode manifestar-se na psique por intermédio da representação; a psique submete a pulsão a obrigação da delegação por representação” (1982, p. 324) e as representações aqui não são reflexos do mundo. Parte da criação acontece na fase monádica quando a psique se autorepresenta: ela é o mundo e os efeitos do biológico e o Outro ainda será sentido como pressão para sua ruptura e permitindo a emergência de um fluxo representativo/afetivo/intencional (fase triádica). Para Castoriadis (1982, p. 324), afirma afinal que, “(...) psique é¹⁰ isso mesmo: emergências de representações acompanhadas de um afeto e inseridas em um processo intencional”. Neste contexto a fantasia terá papel preponderante dando forma à essa emergência e substituindo a alucinação onipotente da mônada psíquica.

Esse poder onipotente é projetado para a mãe que detém o poder da significação sobre o sentido desse conceito, posteriormente colocamos em relação com a sublimação e os magmas - e pode ser substituída pela figura paterna, mas não é regra.

Apesar do elemento imaginário radical já fora identificado por Freud (1905/1996) como a fantasia, Castoriadis afirma que a etiologia grega de *phantasia* que tem como função recriar elementos encobridores, recolocando nos seguintes termos.

Se o imaginário é banalmente reduzido ao “especular” (portanto a simples imagem de algo “imagem de ...” algo preexistente, predeterminado e portanto também determinado), e por isso misturado numa confusão lamentável com o “engodo” e a ilusão, então definitivamente o sujeito é ignorado como imaginação radical, autoalteração indeterminável, perpétua, incontrolável, portanto também como sujeito de uma autoalteração possível na e pela atividade prático-poética que é a análise (CASTORIADIS, 1987, p. 85).

Torna-se imprescindível esse percurso visto que o nosso interesse caminha no conceito primordial de Castoriadis sobre o núcleo monádico e a sua construção de mônada psíquica.

Para Castoriadis (1982), a questão é sobre a mônada psíquica, sendo instância formada no

¹⁰ Grifo nosso.

mais primitivo estado da criatura, ainda há de se tornar humana, pois esta na origem do aparelho psíquico.

Tauro *et al* (2008) entende que é esta a primeira forma de existência de algo que se possa dizer psíquico, na monâda, e que não há qualquer diferenciação entre representação e desejo, segundo o postulado de Castoriadis (1982, p. 339) o que se deseja é o que se é, e afirma: “a psique é seu próprio objeto perdido”. Nesta condição o *infans* é um mundo, desconhece qualquer forma de alteridade, esta em si mesmo, ou para-si, cerrado sobre seu universo. Podemos afirmar que é a partir de uma ruptura que este ser passará a perceber um mundo além dele próprio e só ai engendrar a possibilidade de criação inicial, e que poderá representar, caso contrário haverá um impedimento de desenvolvimento desta psique, ficará presa em si mesma, ocasionando o fator patogênico.

Castoriadis (1982) explica que este processo de ruptura ocorre nos primeiros contatos com o seu próximo, e esclarece “a ausência do seio seria a destruição da totalidade fechada da criança, logo o desmoronamento do sentido de seu mundo. Esta destruição é, inicialmente, atenuada pela primeira criação imaginária, a alucinação do seio” (CASTORIADIS, 1987, p. 254). Nesta discussão, Tauro *et al* (2004), traz um exemplo como o próprio nascimento que por gerar sensações desconfortáveis fisicamente, ocorreria o rompimento da monâda, e que caso isso não aconteça impediria o *infans* de estabelecer contato com o mundo até mesmo a alimentar-se, visto que a alimentação vem de outro, ou seja, não esta nele mesmo.

Castoriadis (1986) entende então que com esse processo há uma transfiguração da pulsão, no sentido em que ela passará a assumir em seu circuito um via de representação. A psique passará assim a formar-se enquanto *ontos*, na qual o sujeito se constitui a partir dessa condição de criação da representação que contém um germe do afeto encontrado no rompimento da monâda, e constata o seguinte.

A ruptura de seu mundo, de si mesmo, que numa etapa representou arrombamento operado pelo objeto separado e pelo outro, o sujeito responde reconstituindo interminavelmente, na fantasia, esse mundo primitivo, se não em atitude intocada e agora inacessível, pelo menos em suas características de fechamento, de domínio, de similaridade e da congruência absoluta entre a intenção, a representação, o afeto (CASTORIADIS, 1986, p. 339).

Cabe nos situar a construção desta lógica que vai desde a monâda até o imaginário radical, podemos segundo Castoriadis colocar a fantasia como um caminho percorrido de um ao outro, “o sujeito é a cena da fantasia, porque o sujeito foi esse estado monádico indiferente” (1986, p. 339).

Temos então a fantasia como uma das formas de criação que esta sobre a condição do imaginário. Notamos a diferença do conceito que advém de Lacan (1955) de imaginário, ou seja, não se trata de reduções ou de vias únicas de relação especular, mas sim de condições psíquicas a partir da ruptura, o que levará a criar as próprias percepções, que podem passar pela via especular, mas não unicamente.

A partir do princípio da fantasia e sua forma de criação o funcionamento psíquico e a realidade possuem uma forma de expressão do imaginário, ou seja, uma criação que foi produzida e produz segundo os efeitos de ruptura monádica. Com a seguinte colocação podemos ter maior clareza da questão. “na realidade psíquica todos os desejos são não realizáveis, mas sempre realizados. Como dizer que o desejo edipiano seria irrealizável, quando é constantemente realizado por todos os sonhos edipianos?” (CASTORIADIS, 1986, p. 340) e logo em seguida responde:

[...] realizado no único nível que importa: o da representação inconsciente; se o sujeito é a cena fantasística; se nada limita a onipotência mágica do pensamento é porque estão presentes os efeitos e os restos de um primeiro estado onde o objeto era apenas um segmento do eu, imediatamente empoleirado no sujeito, ou parte de um circuito subjetivo unitário, modificável à vontade por uma alucinação indefinidamente e infinitamente plástica (CASTORIADIS, 1986, p. 341).

Com estes termos entendemos então que não é possível postular o inconsciente como algo que é imutável, ou como fixo, e definido, no sentido de uma repetição sem fim da mesma cena. O inconsciente segundo o que propõe Castoriadis (1986) é uma colocação que nos faz pensar as implicações que tais engendramentos na formação da paranoia, colocando em xeque a posição do delírio como uma condição da criação representada de um processo primevo. É possível supor a ruptura monádica como núcleo de tal funcionamento, uma vez que Castoriadis acrescenta o seguinte “ a monâda psíquica é um formante e formado, ela é formação e figuração de si, figuração figurando-se a partir do nada” (CASTORIADIS, 1986, p. 342), sendo que até então temos apenas o polimorfo perverso. Freud elabora o termo de perverso polimorfo em 1905 para descrever a condição sexualidade infantil, diante da funcionalidade dos investimentos da pulsão. O termo perverso polimorfo significa que a criança exerce seus endereçamentos pulsionais de varias maneiras e em diversos objeto, e não apenas na parte genital do corpo e não há especificidade de um objeto para obtenção do prazer. (FREUD, 1905/1996).

Em seguida à ruptura temos a repressão: o *infans* deve reprimir sua criação livre para que possa materializar a sociedade em forma de *indivíduo social* através de um processo

identificatório (Complexo de Édipo) onde há instituições responsáveis para a transmissão das significações daquela sociedade específica, possibilitando um tipo antropológico que garanta a sobrevivência da mesma sociedade.

4.2 A psique: do individuo social-histórico ao sujeito.

Aqui explicitamos o que é a significação: aquilo que é instituído enquanto tal, valorado, existente, o que é. O que é para tal sociedade pode ou não ser para outra. Para isso é necessário que ela signifique como sendo, crie essa realidade para que a própria “coisa em si” observada seja entendida como “realidade”. Logo, o imaginário social cria significações imaginárias sociais que possuem uma auto-finalidade (conservação) e o indivíduo nada mais é do que a sociedade materializada, não havendo oposição verdadeira aqui. Se há uma oposição é entre sociedade e psique, porém, a psique não sobrevive se não sublimar (isto é, mudar os objetos e fins da pulsão para os fins socialmente visados), e a sociedade não sobrevive se a psique não o fizer, logo a compreensão da psique é indissociável e irreduzível à compreensão da sociedade através desse círculo de criação, onde a sociedade possibilita a psique e vice-versa (CASTORIADIS, 1987, p.121)

Castoriadis elucida e ressalta a fruição do processo de instituição social do indivíduo, isto é, da socialização da psiquê, adentramos no campo da formação do inconsciente e sua característica social-histórica que toma grande destaque na obra do autor.

Para Castoriadis o “inconsciente só existe como fluxo indissociavelmente representativo/afetivo/intencional” (CASTORIADIS, 1986, p. 317), os apontamentos propostos seguem na direção de concluir que não é possível separar a coisa de sua representação, e ainda afirma “já estamos violentando a coisa quando, á propósito do inconsciente (e mesmo do consciente) falamos de representação separando-a do afeto e da intenção inconsciente, o que é impossível de direito e de fato” (CASTORIADIS, 1986, p. 317).

A representação só pode formar-se na e pela psique, esta afirmação é, alias, mais do que redundante, a psique é isso mesmo, emergência de representações acompanhadas de um afeto e inseridas num processo intencional. Deve se, portanto, postular necessariamente que (ainda que implicitamente) que a psique é a capacidade de fazer surgir uma “primeira”. Representação, uma colocação em imagem, mas esta colocação em imagem deve, ao mesmo tempo, ser relativa a pulsão num momento em que nada garante essa relação (CASTORIADIS, 1986, p. 324).

Sobre a representação, Castoriadis conserva seu caráter inalisável, formulando que sua condição não se detém a limites ou fronteiras, mas o seguinte “o que não se encontra numa representação, pode talvez nela se encontrar, e para isso não há nenhum limite” (CASTORIADIS, 1986, p. 319). Tratando assim da representação como a fonte da manifestação multifacetada do inconsciente, e esse toma forma sobre o prisma da fantasia. Propomos aqui um aprofundamento sobre as complicações da fantasia enquanto forma da representação. Na fase do *infans* e seu investimento pulsional sobre o seio, tratado por Freud (1914/1996) para construir o texto do narcisismo, é nesta base que se apoia a representação na qual o sujeito fará de si e de seu investimento sobre o seio. Trata-se de um modo de investir sobre si mesmo, na dinâmica de constituição de um eu representado.

Castoriadis (1982) recorre a aproximações de Laplanche e Pontalis (2001), para estabelecer nexos entre a formulação da pulsão a serviço da representação quando, articula que:

Este investimento narcísico originário é também necessariamente representação (do contrário não seria psíquico) e só pode ser uma representação (para nós imaginável e irrepresentável) de si. Se, como observam corretamente Laplanche e Pontalis, seria preciso procurar este grau primordial lá onde o sujeito já não se situa nos diferentes termos da fantasia, é ela simples razão de que o sujeito psíquico originário é essa fantasia, primordial: ao mesmo tempo representação de e investimento de um si que é tudo (CASTORIADIS, 1986, p. 331).

Obtemos assim a condição para compreender o movimento de fundo que existe na psique, permitindo conceber o avanço de Castoriadis que insiste na condição social-histórica sobre o inconsciente na medida em que é no processo de socialização que cria marcas no sujeito. O modo como ocorre a rompimento da monada é fundamental, visto que para cada um dependendo do seu contexto acontece de maneiras diferentes, ou seja, uma explicação ontológica que vai do sujeito aos efeitos de sua inserção no coletivo.

Com todo este arcabouço sustenta a ideia que representa o processo da socialização na psique, colocando o desejo neste ponto de basculação entre a violência que exige separação, vinda do outro social e percepção subjetiva, que tornar-se-á representado na fantasia. Deve se considerar que Castoriadis (1987) não exclui de modo algum o posicionamento subjetivo do sujeito e suas escolhas, ou, modos com que expressa sua experiência muito menos a substância de seu desejo, mas sim apontar para a forma em que isso acontece, como por exemplo, na seguinte colocação:

[...] o sujeito cria assim, por projeção um esquema de ação e reação, cujo caráter

reflexivo é vidente (o efeito retorna sobre a causa, o desejo de destruição do outro pode ocasionar a destruição do sujeito pelo outro), e faz do outro a primeira, e necessária, encarnação de uma causa separada do sujeito, e o suporte do se... então...(CASTORIADIS, 1986, p 349).

São estas condições que permite a relação de socialização, em que seu desejo por emergir. Caminhamos assim para o refinamento do conceito de sublimação elaborado por Castoriadis como aquilo que compõe a socialização da psique, porém não sublimação como descrito em Freud (1932/1996) , não do mesmo modo. Há uma lógica similar entre Freud e Castoriadis sobre a sublimação, o que significa dizer que o destino da energia psíquica sofre uma alteração em seu percurso, em termos de Castoriadis (1986) é uma transliteração da representação.

Esse conceito torna-se nodal por que nele podemos encontrar a possibilidade de um funcionamento psíquico na paranoia. Castoriadis afirma que “a sublimação é um processo mediante a qual a Psique é forçada a substituir objetos próprios ou privados de investimento por objetos que são e valem na e pela instituição social” (CASTORIADIS, 1986, p. 356), portanto uma via de criação.

Para o autor isso significa que a função da sublimação não é apenas a dessexualização, mas sim revela uma intersecção não vazia no mundo, isto é, entre o privado e o coletivo, o que não exclui a lógica de mudança de objeto em prol ao destino da pulsão. A sublimação estaria inclinada a uma representação da separação, que em si oculta tal objeto de realização. Segundo Castoriadis (1986) temos o princípio que o sujeito é a cena, e desde sempre nele esta contida o que se supõe ser perdido, o que temos como fundamento a condição de monáda.

Castoriadis (1986), ainda esclarece que a sublimação e a repressão não podem ser consideradas destinos da pulsão que se excluem, uma vez que desde a cisão inicial entre inconsciente/consciente acontece concomitantemente pelo processo de repressão. Neste arrolamento teórico constatamos que é a serviço representativo da pulsão que a sublimação opera. Castoriadis ressalta ainda, que não se pode pensar essa questão tomando uma base biológica, afirmando que “a perspectiva psicogenética, por si, só é radicalmente incapaz de explicar a formação do individuo social, do processo de socialização da psique! Truísmo que a imensa maioria dos psicanalistas - a começar pelo próprio Freud – insiste em ignorar” (CASTORIADIS, 1986, p. 360).

Castoriadis (1987) não polpa criticas quanto as tentativas de manter no alinhamento experimental de Psicologia e também de produções que visam explicações biológicas, e disso ainda aponta “o que provoca esta obstinação, e a ocultação do social-histórico que vai junto com ela, ela é a ilusão tenaz da possibilidade de reduzir o psíquico ao biológico”

(CASTORIADIS, 1986, p. 361). Tal colocação seria uma demonstração das formas de eliminação do imaginário, tanto como social, quanto radical da psique. Destacado a formulação do conceito de sublimação articulado o imaginário do social ao radical da psique, o que contribui para pensar o sujeito em sua constituição do processo de indivíduo no meio coletivo, Castoriadis resgata então o carácter social-histórico da sublimação, e declara do seguinte modo:

[...] porque esta sublimação é impossível se seus objetos não lhes forem oferecidos e apresentados sob outro aspecto, e só podem sê-lo se socialmente criados e instituídos. Mas esta sublimação é de cada vez tal como é, especificamente – sem o que não haveria nem psique, nem pulsão, nem psicanálise – mediante a instituição da sociedade que torna obrigatórios para os inúmeros indivíduos da sociedade tais objetos da sublimação com exclusão de tais outros, e estes objetos tomados em relações uns com os outros, que não somente lhes conferem sua significação, mas tornam possível a vida em sociedade (CASTORIADIS, 1986, p. 362).

Fica evidente que a colocação do carácter da sublimação é o que articula o funcionamento das representações e que permite a dobradiça entre indivíduo e coletivo, o ganho que Castoriadis (1986) expõe é romper com a dicotomia entre aquilo que é produzido individualmente e as influências do coletivo. Nesse sentido, a construção de sublimação como modo de operar do imaginário, produz uma continuidade da psique diante do universo socializante.

Podemos recorrer a uma colocação de Castoriadis, sobre a sublimação quando afirma que ela é “a vertente subjetiva, psíquica, do processo que visto, do lado social, e a fabricação de um indivíduo para o que existe uma lógica desperta, uma realidade”. Nesta perspectiva temos então a sublimação como evidentemente social “pois ela significa que o sujeito chega a investir objetos que não são mais objetos imaginários privados, mas objetos sociais, cuja existência só é concebível como existencial social e instituída” (CASTORIADIS, 1986, p. 105).

Portanto é nesse ponto em que insistimos para a compreensão do mundo da psique e o seu processo sobre a paranoia em que há uma tentativa de reproduzir uma representação. Há um mundo de acordo com as experiências do próprio mundo que lhe fora apresentado, uma demonstração de apresentação e apresentado, e por isso temos a afirmação de Castoriadis que seria da tal forma:

[...] a instituição social do indivíduo deve fazer existir, para a psique, um mundo como mundo público e comum. Ela não pode reabsorver a psique na sociedade. Sociedade e psique são inseparáveis e irredutíveis uma a outra. As inúmeras correspondências e correlações que podemos constatar – já indicamos algumas mais

acima – entre, por exemplo, certos traços importantes das significações (CASTORIADIS, 1986, p. 365).

Torna-se assim uma condição muito enfatizada por Castoriadis (1986), o cuidado de pensar que não há divisão do sujeito enquanto dividido para o coletivo, mas construído com os magmas de significações, disponíveis no mundo, ou seja, significações encontradas no coletivo e do qual o sujeito produz em continuidade sua substâncias para produzir suas significações.

À esse conjunto indeterminado de significações Castoriadis denomina de **magma** de significações imaginárias sociais e é a partir do magma que a psique e a sociedade encontram suporte para existir. Magma é um modo de ser dos elementos que não é determinado (estrutural, funcional, etc.), mas que permite novas determinações a todo momento. O ponto central da reflexão de Castoriadis está aqui: rompimento com o determinismo das tradições herdadas (filosóficas, científicas) e posicionamento do determinado enquanto algo oposto à criação, o surgimento do novo, de novas formas.(CASTORIADIS, 1982).

Para Castoriadis (1982) afirma sobre a criação exige postular novas determinações e só podemos fazer isso quando temos uma base indeterminada (senão seríamos derivação lógica), e o magma é justamente uma representação fecunda para esta possibilidade: não há forma fixa. Sendo assim o conceito de magma é a base na qual se repousam os continentes, as determinações, que às vezes se colidem produzindo terremotos, vulcões, e surge lava, e esta lava se solidifica gerando novos sólidos.

A psique é então um magma de representações, desejos e afetos interdependentes, entrelaçados, obedecendo a diferentes lógicas: a mônada (indistinção-fusão), o primário inconsciente (separação, deslocamento, condensação e figuração) e secundário pré-consciente/consciente (lógica formal).

O indivíduo é fruto de um processo de fabricação social, ou seja, materialização das significações instituídas pela sociedade específica em questão do mesmo. Esse processo de fabricação social do sujeito não é uma mera “dominação”, mas constitui um infrapoder radical que possibilita a existência do indivíduo (CASTORIADIS, 1987, p.127).

O social-histórico – indissociável à psique - é determinação em si, isto quer dizer, que a efetividade histórica é criações de formas, e que o objetivo de Castoriadis é criticar os sistemas heterônomos, onde a nomia (lei/ordem) é dada por outrem (CASTORIADIS, 2007, p. 67). E onde reina a heteronomia instituída, onde, exceto o elenco de papéis sociais predefinidos, as únicas vias de manifestação identificável da psique singular são a

transgressão e a patologia. (CASTORIADIS, 1987, p.123). A sociedade também se institui nas e pelas três dimensões indissociáveis da representação, do afeto e da intenção.

Segundo Castoriadis (1982) a subjetividade enquanto atividade reflexiva ou instância deliberada a um projeto social-histórico localizável na história, surgindo como um saber que se sabe e a possibilidade do mesmo. Nesta perspectiva o sujeito se torna explícito enquanto objeto de si mesmo, enquanto objeto não-objetivo por posição e não por natureza, e é isso que permite que o outro exista enquanto objeto não-objetivo também: ele, que tem propriedades e características.

Se a relação de sujeito-objeto se torna por natureza, o outro se torna com propriedades como o café e sua cor (CASTORIADIS, 2007). A auto-referência do sujeito na subjetividade como origem da reflexão é muito mais que simples acompanhamento de si, mas a “fracionar-se”. Freud percebe essa possibilidade na psicanálise: “(...) Afinal, o Eu é sujeito por excelência, como pode se tornar objeto? Ora, não há dúvida de que isso é possível.” (FREUD, 1914/1996, p.194).

No caso, não somente da possibilidade que surge de oposição interna e colocar em questão si mesmo à si. É exatamente no conflito entre pulsões e realidade, junto com a elaboração do imaginário no nosso interior que nos encontramos. (CASTORIADIS, 1982).

Faz necessário expor a tentativa que Castoriadis faz sobre a articulação do inconsciente como um fluxo incessante de representação e criação, o que possibilitaria uma alteridade na relação do indivíduo com o mundo. Cabe chamar a atenção de que não é uma possibilidade de tornar consciente o que existe de mais profundo, uma vez que o que se tem segundo ele o ser é “caos, abismo, sem-fundo” (CASTORIADIS, 1987, p. 381).

Ainda segundo Castoriadis (1987) a significação teria aí uma entrada fundamental e sua relação teria a posição de recobrir esta condição caótica, e continua afirmando o seguinte,

[...] a significação emerge para recobrir o Caos, fazendo surgir um modo de ser que se coloca como negação do Caos. Mas é ainda o Caos que se manifesta nesta e através desta própria emergência, na medida em que não tem nenhuma razão de ser (CASTORIADIS, 1987, p. 377).

Aqui faz ponto de introduzir o projeto de autonomia atrelada a possibilidade que engloba a psicanálise na função de oportunizar tal projeto, que é colocar em objetividade o Eu para si mesmo. Isso só pode ocorrer conscientemente.

O inconsciente é o outro em mim, é aquele em mim que tem pulsões e pretende-se realizar, princípio de prazer, e quando falamos de autonomia em âmbito psíquico pensamos na

vitória do consciente sobre o inconsciente, é o *nomos* (lei/ordem) dado por mim, consciente, e não pelo outro, o inconsciente.

Segundo Castoriadis (1982, p. 122) “a autonomia seria o domínio do consciente sobre o inconsciente. Sem prejuízo da nova dimensão em profundidade revelada por Freud”, é de certa forma estabelecer possibilidade de criação.

O aspecto abordado diz respeito a manifestação do ser, dando outra forma a afirmação de Freud (1914, p. 213), na qual teria “onde era id, o eu deve advir” a criação de Castoriadis (1982, p. 196) “onde era Eu, o id deve advir”, demonstrando a reflexão de outra relação.

Ainda sobre a autonomia que o sujeito pode desenvolver sobre o próprio inconsciente Castoriadis, utiliza a colocação de Lacan (1955, p. 260) sobre a afirmação de que o “inconsciente é discurso do outro” para declarar, que a autonomia torna-se então a condição em que “meu discurso deve tomar lugar do discurso do Outro, de um discurso estranho que está em mim e me domina: fala por mim” (CASTORIADIS, 1986, p. 123). Nesta elucidação Castoriadis coloca um ponto importante, no qual critica a fragilidade da preposição de Lacan, apontando que tal formulação como base do sentido e da alienação, de um conceito de imaginário fixado na imagem especular.

Continuando sobre a crítica elaborada por Castoriadis (1986) referente ao lacanismo, coloca a autonomia enquanto a condição do ser em negar o discurso do Outro, e arranjar-se em seus próprios termos, na medida em que isso é possível, não descarta que o todo do sujeito não lhe seja único. A exposição permite a Castoriadis recolocar o sentido em que o sujeito possa escolher, ou uma posição subjetiva, em que ele não seja apenas falado, mas fale de si. Diante desta complexa colocação vale uma nota preciosa de Castoriadis na íntegra, observamos o seguinte:

Essas características não consistem em uma “tomada de consciência” efetuada para sempre, mas sim numa outra relação entre consciente e inconsciente, entre lucidez e função imaginária, em uma outra atitude do sujeito relativamente a si mesmo, em uma modificação profunda da mistura atividade-passividade, do signo sob o qual esta se efetua, do respectivo lugar dos dois elementos que a compõe (CASTORIADIS, 1986, p. 126).

A partir deste ponto, o princípio de autonomia vincula-se a sublimação em seu conceito enquanto modo de expressão e dos novos meios de relacionar-se. Nas palavras do autor teríamos o seguinte: “trata-se de levá-los no somente a consciência, mas à expressão e à existência” ou ainda o seguinte “ um sujeito autônomo é aquele que sabe ter boas razões para concluir: isso é bem verdade, e: isto é bem meu desejo” (CASTORIADIS, 1986, p. 127).

A lógica proposta para o projeto de autonomia e que envolve os processos do inconsciente requer um sistema reflexivo. Segundo Castoriadis (1982), a psique tem sua própria metalinguagem que refere ao seu momento presente questionando a linguagem objeto, dos seus fundamentos, resultados, desdobramentos e discussão de fundamentos.

Quando Castoriadis escreve lógica conjuntista ou identitária refere-se à linguagem matemática dos conjuntos, da qual Castoriadis cita a definição de Cantor: “Um conjunto é uma coleção em um todo de objetos definidos e distintos de nossa intuição (...) ou de nosso pensamento. Estes objetos são chamados os elementos do conjunto”. (CASTORIADIS, 1987, p. 272).

Essa definição – mesmo que aparentemente “ingênua” atualmente (CASTORIADIS, 1987, p. 397) – corresponde às operações essenciais do *légein* como ao mesmo tempo condição e produção da sociedade, condição produzida pelo que ela mesma condiciona. Castoriadis define *légein* como “distinguir - escolher – postular – reunir – dizer” (CASTORIADIS, 1987, p. 272). Para que uma sociedade possa existir e para que uma linguagem possa funcionar, é preciso que, de algum modo, em certo nível, em certa camada ou estrato da prática e do discurso social, tudo venha a ser congruente com o que essa “definição” implica.

O sujeito então é justamente o objetivo da análise como da política e da educação, mesmo que para Freud (1932/1996) sejam irrealizáveis. É através delas que Castoriadis (1986) vê a possibilidade que foi criada no mundo grego (Autonomia social/psíquica) como projetos realizáveis atualmente.

Castoriadis (1982) manifesta apenas o desejo de que sua sociedade melhore e tome a responsabilidade de si perante seus atos, sua significação e sua auto-limitação para que deixemos de ser dominados pelo Outro, seja inconsciente, ou seja, o Estado/rei/parlamento/tirano/etc.. A finalidade proposta seria a de apossar-se de outra criação grega: a liberdade de julgar e eleger qual a nossa finalidade, como faremos nossa justiça e nossa lei, seja de si próprios enquanto sociedade ou sujeitos. Como a sociedade e a psique emergem e se re-criam *ex-nihilo* (a partir do nada), então não há nenhum impedimento funcional, estrutural, econômico, mecânico que impeça que isso aconteça.

4.4 O ser da psique e seus fundamentos

Antes de prosseguirmos, alguns esclarecimentos se fazem importantes pela necessidade de fundamentação da compreensão ontológica acerca da psique em Castoriadis e

alguns aspectos precisam ser destacados, todos entendidos a partir do capítulo VI de “A instituição imaginária da sociedade” intitulado “A instituição social-histórica: o indivíduo e a coisa”:

1. Defuncionalização da psique: a partir da informação do biológico e o psiquismo animal cujo fim é a função orgânica (sua sobrevivência, reprodução, etc.), a psique humana é justamente o rompimento com esses processos. A exemplo o sexo que os animais realizam de modo fixo com fins de reprodução sem “variações”, sem “criação”, já no ser humano isso se desfuncionaliza, a sexualidade se desenvolve e toma outras formas, significações, variações, funções diferenciadas de acordo com o desenvolvimento edípico da pessoa, etc. O mesmo ocorre com a necessidade de sobrevivência, pois por nascer inapto para a vida diferentemente dos animais, ele precisa romper a mônada para sobreviver, senão pode morrer, como no caso da anorexia infantil alucionatória; justamente essa diferenciação que fundamenta a separação da pulsão do instinto, sendo o limite entre psique e soma; a predominância na psique não é do prazer do órgão em si, mas o prazer da representação desfuncionalizado;
2. Autonomia da imaginação: aqui entendida como imaginação radical, pois é justamente a “capacidade de formular o que não está, de ver qualquer coisa que não está ali” (CASTORIADIS, 1986, p. 115), fruto de um fluxo ilimitado de representações, indomável, rompendo com a correspondência rígida entre a imagem e o objeto. Como por exemplo a linguagem: capacidade de colocar algo no lugar de outro, o simbolismo, pois consta exatamente no momento em que “vemos” uma casa ao ler as quatro letras que a correspondem;
3. Autonomia do afeto: característica também relacionado interdependente com a autonomia do desejo e da representação, autonomia relativa mas importante no trabalho clínico do psicanalista pois há quadros clínicos que se predomina o afeto autonomizado que força o analista a repensar seu trabalho terapêutico e que representações estariam ausentes, por exemplo, no caso de certas depressões (CASTORIADIS, 1986)
4. Capacidade de sublimar: seria dizer, capacidade de mudar o modo de satisfazer suas pulsões, seus objetos valorizados para realizar suas tendências, sendo a linguagem da psique a da representação.
5. Estratificação da psique: conforme vimos, para explicar a psique Castoriadis abrange elementos específicos como o *ontos* (Ser) de maneira estratificada (vivente, psique,

sociedade, indivíduo e duas possibilidades: sujeito e autonomia social), também a psique tem uma parte conjuntizável, ou seja, passível de estratificação, racionalização, e cada qual estrato tem seu modo de representar, seu modo de desejar e modo de afetos.

Então, a partir dos estratos psíquicos, processos e suas possibilidades (mônada, fase triádica, indivíduo social e sujeito), vamos à uma última imersão em suas características para finalmente incidir teoricamente sobre nosso objeto de trabalho, a psicose:

- Mônada psíquica: a partir do estado de tranquilidade psíquica ocorre o processo de autoengendramento (veremos mais profundamente com Piera Aulagnier) tendo como o princípio o “nirvana” com uma “protorrepretação” alucinatória. Este modo de satisfação em um esquema de onipotência monádica, não havendo estratificação diferenciada da psique neste momento, sem diferença entre o Eu e o não-Eu, sendo possível apenas uma espécie de “protoprazer”;
- Fase Triádica: a partir dos processos de ruptura e repressão instalados na psique, os processos são predominantemente primários e também mistos. Temos a miscigenação do princípio do prazer e uma origem do princípio da realidade como guias havendo uma representação das coisas (de forma mista), sendo a alucinação substituída pela fantasia e assim se satisfazendo projetando sobre o Outro a onipotência monádica. Derivados do processo de rompimento da mônada tendo como possível a identificação e a significação/alienação que fundamenta a sublimação. Este fundo possibilita o indivíduo e neste momento a estratificação psíquica é inconsciente/pré-consciente com diferenciação parcial entre o Eu e não-Eu (objeto parcial: Eu, Pai, Mãe). Apresenta –se neste momento também o prazer erótico é o prazer de representar, que situa-se na identificação primária;
- Indivíduo Social: Neste ponto o trabalho da psique é a incorporação da totalidade da instituição da sociedade através da sublimação (Complexo de Édipo). O processo predominante é o secundário tendo o princípio da realidade como guia e a representação pela palavra satisfazendo-se pelo pensamento. A partir deste ponto o Outro é parcialmente destituído, ou seja, autonomia relativa, pois a significação ainda está fora de sua instituição (não se vê/percebe enquanto instituinte) sendo favorecida na estratificação psíquica. O resultado dessa fase é diferenciação clara entre o Eu e o não-Eu, tendo o prazer

nas atividades sociais e em modificar a realidade ou o estado de si, percepção das coisas, e as identificações são preferencialmente secundárias;

- Sujeito: tem por trabalho da psique a sublimação, o processo no indivíduo é predominantemente secundário, tendo também o princípio de realidade e a representação da palavra como pilares, mas o modo de satisfação se altera para a reflexão. A destituição do outro é a da totemização (do instituído) e a autonomia é seu princípio, tendo como estratificação psíquica fundamental a consciência das determinações. A atividade da subjetividade reflexiva, seu prazer se sublima para isto mesmo as identificações sendo secundárias como no indivíduo.

Assim, tendo os subsídios fundamentais à perspectiva de Cornelius Castoriadis para a compreensão da psique elucidada, vamos abordar frontalmente nosso objeto de pesquisa, a psicose.

4.5 Castoriadis, Aulagnier e a Psicose

Apesar de neste momento estarmos visando a compreensão de Castoriadis no que tange ao nosso objeto de pesquisa, não podemos deixar de mencionar destacadamente Piera Aulagnier, devido à diversos motivos, a saber: suas relação com autor, algumas de suas concepções compartilhadas e o motivo central: o artigo que Castoriadis intitula como “A construção do mundo na psicose” (CASTORIADIS, 1990, p. 117) foi feito com referências aos conceitos de análise dela. Deste modo, se faz necessários alguns retrospectos comuns à ambos entendimentos e algumas diferenciações úteis à nossa compreensão.

Mediante as formulações de um mundo fechado em si mesmo da psique, da mônada psíquica, as ideias de Aulagnier e Castoriadis vão florescendo e se influenciando reciprocamente, uma vez que o conceito de Pictograma tem como base a lógica de que há como condição da formação do aparelho psíquico a metabolização, ou seja, a representação do objeto, ou do próprio mundo.

Vejamos:

[...] tanto para Castoriadis como para Aulagnier, desde os primórdios da formação da psique no indivíduo a representação está presente; porém, no começo ela é uma representação de si mesmo para si mesmo, algo que não é possível explicar à luz da lógica da vigília. Isto apenas acontece porque neste momento da atividade psíquica ainda não houve o rompimento da mônada (primeiro estágio da psique), ou seja,

ainda não se pode falar em um indivíduo socializado e humanizado (TAURO, *et al*, 2004, p. 15).

Castoriadis (1990) entende então que na continuidade do processo há uma transfiguração da pulsão, no sentido em que ela passará a assumir em seu circuito um via de representação. A psique passará assim a formar-se enquanto estrato do *ontos* (Ser) na qual se constituirá a partir dessa condição de criação da representação que contém um germe do afeto encontrado no rompimento da monáda, e constata o seguinte.

A ruptura de seu mundo, de si mesmo, que numa etapa representou arrombamento operado pelo objeto separado e pelo outro, o sujeito responde reconstituindo interminavelmente, na fantasia, esse mundo primitivo, se não em atitude intocada e agora inacessível, pelo menos em suas características de fechamento, de domínio, de similaridade e da congruência absoluta entre a intenção, a representação, o afeto (CASTORIADIS, 1986, p. 339).

Destarte, essa posição teórica nos leva a característica do aparelho psíquico do sujeito que atende a lógica tanto da reprodução quanto a criação de sentido da experiência primeira. Aulagnier (1989) atesta também em diversos momentos de sua obra, o que nos levará a um desdobramento muito importante sobre o processo de instituição de representações o que terá o nome de fantasia.

Esta posição teórica de Castoriadis esta atrelada a condição que Aulagnier também coloca a Psicose, resgatando a condição em que a Psicanálise poderia oferecer uma explicação profunda sobre os mecanismos da psicose. Castoriadis (1990) parafraseando Aulagnier em um de seus seminários no Hospital de *Saint-Anne* na França, afirma que se não for possível compreender a psicose, algo de essencial no funcionamento da própria psique ficará obscura.

Acompanhando a lógica das afirmações acima, coloca-se a psicose em sua condição de funcionamento e modo de expressão do ser para além de reducionismos, ou uma manifestação sem sentido. A paranoia seria uma expressão criativa do próprio ser e sua operação de ruptura monádica, o que teria condições de revelar algo dessa experiência. Colocando o sujeito de outro lado, lado de uma criação própria de sentido, o sentido dele mesmo, e não para os outros. Constatamos na seguinte afirmação “o prazer é essencialmente o prazer da representação, prazer disfuncionalizado; mas ainda que ao preço da representação cede lugar à necessidade de dar sentido, ainda que ao preço de um imenso desprazer psíquico, é o que ocorre na psicose” (CASTORIADIS, 1990, p. 121), a condição para esclarecer o principio do delírio como uma representação de sua experiência.

Coadunando com esta formulação nota-se a importância, bem como, o modo em que

como opera a função do sentido e o delírio na psicose. Destacamos a condição que a psique possui enquanto um fluxo incessante de representação à medida que este fluxo fica condicionado ao rompimento da monáda. Torna-se fundamental esta violência, pois sem ela, seria cerrada no para si, impossibilitando a criação de qualquer representação e conseqüentemente laço/vínculo/contato com o mundo ou qualquer forma que se aproxime dele.

A postulação castoriadiana é que houve na psicose um percurso peculiar após o rompimento monádico, na qual a imaginação radical, fonte da criação toma uma direção de representar uma realidade própria do ser, não esta fora do sentido comum a todos, mas sim de um sentido próprio, afirmando:

Dar sentido ao não-sentido da história do psicótico, o que se contradiz pelo fato de que, de certa maneira, essa história não faz sentido, não somente porque em última análise, nada faz sentido (o que é verdade), mas também porque o aparecimento da construção delirante e seu conteúdo são contingentes e contém um componente da criação e que, portanto, o terapeuta tanto o psicótico devem aceitar o terrível é assim, foi assim (CASTORIADIS, 1990, p. 125).

Dando a possibilidade de compreender que o psicanalista deve aceitar a construção que o ser encontrou para sua produção de significação, ou seja, uma criação do ser para sustentar um sentido diante do Caos/abismo/sem-fundo que é a pura essência da psique. Há assim uma saída da monáda em que há um para-si, a um por-si, eis aí um contemplação que podemos verificar levantada por Castoriadis e compartilhada em Aulagnier (CASTORIADIS, 1990).

Desta articulação a proposta é elaborar uma teoria geral das Psicoses, coisa que ainda não havia sido propriamente estabelecida na Psicanálise. A tentativa de teorizar sobre a psicose leva Castoriadis a pensar o ponto talvez mais ousado no campo de investigação psicanalítica pensar sobre a origem da psicose.

Mais uma vez Castoriadis (1986) remete ao leitor de sua obra as colocações elaboradas por Aulagnier (1979), principalmente aos escritos das “A violência da Interpretação: do enunciado ao pictograma” e destaca que o ápice e o mais importante na obra da psicanalista seria pensar sobre a origem, recolocando a questão, deste modo:

A questão da origem é sempre o mito da história pessoal, como da história coletiva, e não estou certo de que uma fratura nesse mito seja condição necessária ou suficiente para o advento da psicose. Dificuldades empíricas, por outro lado: tive e ainda tenho pacientes cuja história, apesar de meus esforços, não consigo encontrar traço de um discurso parental de ódio, ou de um desejo de não-desejo, ou um desejo de morte em relação a criança, o que me interessa hoje é o conteúdo do delírio, a

construção do mundo delirante, a criação do mundo que rompe com o mundo comum (CASTORIADIS, 1990, p. 125).

Retomamos aqui a vertente então de que o interesse repousa sobre o conteúdo do delírio como se ele pudesse fornecer uma significação representativa de seu mito, é justamente o que segundo Aulagnier (1979, p. 226) também declara que “o pensamento delirante visa essencialmente responder a questão da origem”.

Assim, o psicótico não está totalmente negando o mundo empírico, pois ele fala, pode pegar o mêtro, sabe que o fogo queima, participa das significações sociais. O sujeito da psicose utiliza a sua fantasia, representada em forma de construção, seja delirante ou não, para criar o sentido para si. Segundo Castoriadis (1990), o *infans* deve antes de mais nada em sua experiência dar sentido a si próprio, ao seu próprio eu. Castoriadis (1990) se refere ao campo da linguagem como um lugar que possibilitaria uma organização, tornando-se uma *conditio sine qua non* para a vida.

Após esta introdução de alguns postulados de Castoriadis, exige-se mais para compreender o modo que o autor retrata a psicose desde e a epistemologia a técnica, ele afirma que “toda atividade psíquica humana é definida por existir um tri-vetor” (CASTORIADIS, 1990, p. 127) isto significa dizer que a ação psíquica tem três tipos de vetores vejamos minuciosamente:

O espaço da representação, o espaço do desejo, o espaço do afeto. Na psicose, o desejo é substituído pela categoria mais geral da intenção – categoria sempre presente no vivente, pois senão ele não poderia sobreviver. Há uma anulação do desejo e sua substituição por uma intenção pura, seca e abstrata (CASTORIADIS, 1990, p. 128).

O autor explica essa posição do psicótico quanto a substituição do desejo pela intenção, tomando como referência a mesma formulação que Aulagnier fez, ao retratar que essa constatação é fruto da experiência que o ser teve. A afirmação de que “ele foi construído assim, porque assim efetivamente o era, como Piera visivelmente acredita, ou porque apenas assim o sujeito podia experimentá-lo/construí-lo” (CASTORIADIS, 1990, 129). O autor ainda sustenta sua ideia de que é uma representação da experiência, ou seja, um ação psíquica representativa da cena vivida, seja ela, fantasia ou não, o que desembocaria nos efeitos da relação do psicótico com os afetos.

O destaque realizado por Castoriadis em sua obra e principalmente na obra de Aulagnier (1979) em alguns textos específicos como “A potencialidade psicótica” encontrado na obra do “A violência a interpretação: do enunciado ao pictograma”, ou em seus seminários, enverada sua apreciação da psiquê e sobre a criação. Deste modo Castoriadis (1990) elucida e

ressalta a fruição do processo de instituição social do sujeito, isto é, da socialização da psique.

Podemos compreender o lugar da loucura visto que já foi mencionado que em tese ela esta contida a todo criatura humana enquanto aparecimento inicial, em que só há o caos, antes de qualquer tentativa de regras e normas. Em Castoriadis (1990) encontramos as afirmações que tornam substanciada a ideia do caos/abismo/sem-fundo inerente a espécie, eis o estado original da criatura. Entretanto em Freud (1924/1996) constatamos a perda de realidade em contato com o mundo externo e os desdobramentos do afeto como psicogênese da loucura. Por fim em Aulagnier um percurso de impedimento de criação de representação sob a égide de atividade pictográfica, evidentemente compartilhado nas postulações no pensamento de Castoriadis.

Então sobe a condição de ser punido com uma psicose, é que se faz necessária a ruptura da monáda de modo impositivo pelo social ao ser humano, não é uma escolha ou um consentimento, e se apresenta à psique como um ato de violência, indispensável (CASTORIDIS, 1982), recolocando nos termos de que “o grande enigma, e que continuará sempre um enigma, é a emergência de separação” (CASTORIADIS, 1990, p. 344). Tauro *et al* (2004, p.10) afirma:

Com a postulação deste estado monádico, Castoriadis quer justificar o caráter social-histórico dado à psique, o que, para ele, torna impossível a determinação do psiquismo humano. Ele afirma que todo indivíduo passa por uma fase de loucura, sendo esta, então, parte constituinte da psique – uma estrutura psíquica. O que irá influenciar para que a loucura se constitua de fato está relacionado com a qualidade do afeto. Portanto, na fase da ruptura, ainda não se concretiza a total separação entre sujeito e objeto, pois é projetada a onipotência da criança a um outro. As significações ainda não adquirem um desprendimento das representações do sujeito. O que se apresenta é um estado fusional entre o bebê e o mundo.

No entanto continuamos a discussão na órbita das psicoses, Tauro *et al* (2004, p. 11) “o influenciar para que a loucura se constitua de fato está relacionado com a qualidade do afeto. Portanto, na fase da ruptura, ainda não se concretiza a total separação entre sujeito e objeto, pois é projetada a onipotência da criança a um outro”. Podemos destacar tal projeção sobre a estrutura do sujeito a loucura, porém é a partir das relações da instituição social que possibilitará o processo de significações, longe de determinismos. Castoriadis (1990) sugere que é um mistério indesvendável sobre a separação, mas podemos saber de seus efeitos pelo ato da representação daquilo que permanece em si mesmo perdido.

Longe de querer criar uma teoria final sobre psicose, Castoriadis nos lembra a importância da especificidade de cada caso e das possíveis diferenças que podem ter entre si, posicionando-se contra a universalidade da teoria, e anota que somos apenas de “(...) construir

tipos ideais capazes de aclarar a realidade, indispensáveis para pensá-la, mas que dela se afastam, pouco ou muito, segundo os casos.” (CASTORIADIS, 1990, p. 129-130).

Assim sendo podemos apenas ter condições necessárias, mas nunca podemos falar em condições suficientes para a psicose, eliminando qualquer “teoria de causação” da mesma. Sendo impossível a existência de um “sujeito” na concepção de Castoriadis, porque como o psicótico não vê o Outro como sujeito - não há essa possibilidade pois ele “coisifica” tudo – então ele continua com a relação sujeito-objeto-objeto (típico do indivíduo) nunca alcançando o outro enquanto alteridade verdadeira, mas sim como projeção de si, “coisa” que pretende prejudicá-lo e fazê-lo sofrer (CASTORIADIS, 1990, p.129).

A hipótese presente nos escritos de Castoriadis (1982,1986, 1990), aponta a incompatibilidade de seu conceito de sujeito com o psicótico, porém isso produz um divergência com Aulagnier (1979), pois a ele tal criatura na psicose, impossibilita sua autonomia, porém não impede que a psicose seja colocada como uma possibilidade de criação de novas experiências. A autora ainda retrata a condição de potencialidade, no sentido que a psique encontre um meio de construção de engajamento nas significações compartilhadas, e isso o aproxime de uma posição de sujeito autônomo na concepção de Castoriadis.

Ainda sobre a posição de Aulagnier (1989), podemos tomar o exemplo de uma relação transferencial na psicose, em que o paciente pode colocar o psicanalista na função e/ou lugar de escutador-investidor. Nesta formulação há uma relação do sujeito psicótico com o sujeito na pessoa do analista, tanto é, que na atuação psicanalítica o psicótico toma a pessoa do psicanalista para construir suas significações delirantes.

Ainda assim, encontramos na lógica de pensamento de Aulagnier, o compartilhamento de boa parte dos postulados de Castoriadis, e que teve como consequência o engendramento do conceito de pictograma. A posição conceitual de Aulagnier consiste justamente na condição para o desenvolvimento da psique, partindo da gênese da capacidade de romper com um estado inicial o que podemos pensar na monâda e que produz a vida psíquica que deverá compor o pictograma.

Contudo o que Castoriadis nos alerta é que este rompimento não depende exclusivamente do *infans*. O autor coloca também as atenções sobre as influências do mundo externo, e como este se apresenta o sujeito, assim nos articula de que a constituição do sujeito parte da suposição de que é uma lógica inseparável de seu mundo. Coadunando com Castoriadis, Aulagnier também compartilha deste importante aspectos e seus efeitos para o caso.

Sobre essas transformações seguiremos ao pensamento de Aulagnier sobre a criação e

o percurso na psicose possibilitando a esse sujeito o mais próximo da criação de um discurso do outro à um discurso próprio. Isso implica sobre o fato de que não deixa de conter algo da ordem da alteridade, porém que não impeça ao psicótico de exercê-la à seu modo.

Encontramos na lógica de pensamento de Aulagnier, o compartilhamento de boa parte dos postulados de Castoriadis, e que teve como consequência o engendramento do conceito de pictograma. A posição conceitual de Aulagnier consiste justamente na condição para o desenvolvimento da psique, partindo da gênese da capacidade de romper com um estado inicial o que podemos pensar na monâda e que produz a vida psíquica que deverá compor o pictograma.

Entretanto faz imprescindível colocar a ponto em que Castoriadis (1990) afirma então que dificilmente seria possível o processo de autonomia no sujeito da psicose, já em Aulagnier (1979) existe a aposta de um potencia que possibilite ao sujeito da psicose aproximações de inserção e o mínimo de autonomia. Diante da psicose Castoriadis (1990) afirma o seguinte:

Dizer que a psicose faz parte do campo psicanalítico é dizer que os fenômenos psicóticos fazem sentido, é, portanto, colocar-se diante da formidável obrigação de fornecer sentido ao delírio que marca a alienação, o estranhamento, a separação do mundo comum do sentido. É também colocar-se diante da obrigação de produzir a causalidade, ou co-determinação, psíquica desses fenômenos. Devor dizer, imediatamente que essa duas obrigações só podem ser cumpridas, no melhor dos casos, imperfeitamente; não porque a psicose não pertenceria ao mundo do sentido, mas porque em ambas perspectivas, quer seja do conteúdo do delírio e sua função, ou de sua causação, estamos diante de criações psíquicas muito mais excêntricas. (CASTORIADIS, 1990, p 119)

Castoriadis (1990), posiciona a psicose como uma possibilidade de criação, porém permite a possibilidade de pensar que esta criação não possa incluí-lo no projeto político da autonomia, visto que tal feito, ousa a produção de sentido que preserva o compartilhamento na sociedade, a ao sujeito psicótico ato a ser feito, pode lhe causar prejuízo ou talvez não lhe seja possível. É necessário explicitar o que Castoriadis (1990, p. 121) chama de sentido no caso da psicose, e disso ele afirma “o sentido deve ser entendido como a instauração de uma certa coerência representativa, em detrimento do orgânico, do prazer, inclusive representativo, da coerência com a representação dos outros, com as significações sócias, o que Piera chama denominada “o discurso do conjunto”.

Sendo assim, nota-se que Castoriadis acompanha bem de perto o pensamento de Aulagnier sobre as formações da psicose. A percepção de Castoriadis diante da psicose, mesmo observando o ensino de Lacan, não o impede de pontuar como entende esse processo.

Vejamos o que ele afirma:

De modo que a psicose é um conflito, ou não coerência essencial entre o que faz sentido para o pensamento do sujeito e o que faz sentido para o conjunto. Se admitirmos esta definição, a psicose estará essencialmente relacionada ao Eu. É a criação de pensamentos delirantes, de pensamentos que contradizem o discurso do conjunto, isto é, as significações sociais, ou que não são coerentes com este – mas que fazem sentido para o sujeito, ainda que sejam a maior parte do tempo sofrimento para ele, e não somente em conflitos com o que pensam os outros, mas como é conhecido pelo sujeito como fazendo sentido para os outros. Sempre há, de fato, na alma do psicótico, um cantinho que lhe resta e sabe que o que faz sentido para ele não faz sentido para os outros. (CASTORIADIS, 1990, p. 123)

Nesta observação fica evidente o modo como Castoriadis se refere à construção do sentido na psicose. Aulagnier (1989) compartilha o fato de que há uma construção de sentido em causa. Porém entende que esse resto inanalizável e de sentido enigmático também é notável no funcionamento neurótico, e assim não impossibilita ao psicótico um compartilhamento de significações.

O pensamento que Aulagnier (1989), introduz sobre a psicose é complexo, pois ela realiza a conexão dos desdobramentos afetivos do qual o *infans* experimenta em sua formação do eu.

5. A PSICANÁLISE E PIERA AULAGNIER

Não pense que uma pessoa tem tanta força assim, a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro (LISPECTOR, 1900, p. 57, grifo nosso).

Neste pedaço de escrita feito por Clarice Lispector, já evidencia um saber e um enigma a cerca do sujeito. Freud tanto o sabia que recorria diversas vezes à literatura como se pudessem explicar algo. Esta experiência rendeu a Freud à percepção de que a Psicanálise permanece fora do discurso de normalizar o sujeito, e que algo não sabido preservar-se-á. Freud soube muito bem que estabelecer um deciframento total é desastroso, não cabe ao psicanalista retirar ou acrescentar modos de ser ao sujeito, onde há tal coisa, lá certamente não há Psicanálise.

Num momento histórico marcado por situações conflitantes, é que Piera Spairani Aulagnier entra em cena, podemos pensar que isso se deu em tempo inoportuno, porém experiências lhe deram maturidade para o tempo vindouro de sua carreira na formação. A psicanalista nasceu em 19 de novembro de 1923 em Milão, na Itália, Piera Spairani. Aulagnier viveu no Egito durante a II Guerra Mundial e, posteriormente, formou-se em medicina em Roma. Na década de 50 imigrou para Paris, onde terminou sua especialização em psiquiatria, analisou-se com Jacques Lacan de 1955 a 1961, assumindo o estilo da formação de psicanalista nos moldes lacaniano, ocupando o cargo de chefe do Departamento da Escola Freudiana de Paris (VIOLANTE, 2001).

Em 1969 após desavenças com Lacan nas elaborações teóricas principalmente sobre a formação do analista e também no que toca a questão das formulações lacanianas com base no estruturalismo e métodos linguísticos. Aulagnier associa-se a outros analistas dissidentes que formaram o *Quatrième Groupe*, denominado atualmente *Organisation Psychanalytique de Langue Française*¹¹, dos quais nomes importantes produziram vasto conhecimento entre eles Cornelius Castoriadis, Serge Leclair e Jean-Paul Valabrega. Cabe ressaltar que é possível palpar na escrita de Aulagnier este rompimento. Durante os dez primeiros anos como psiquiatra, trabalhou com pacientes psicóticos, tendo organizado vários seminários no Hospital *Sainte-Anne* em Paris, que acabou sendo o principal local da transmissão de suas ideias.

¹¹ Organização Psicanalítica da Língua Francesa

Fazendo desses critérios um dos pontos do trabalho, convocam-se as singulares contribuições de Cornelius Castoriadis e Piera Aulagnier. Procuramos obter, tanto de um quanto de outro, os pressupostos teóricos e metodológicos necessários a essas elucidações propostas. Levando em consideração que esses teóricos colocaram livremente sobre a mesa os questionamentos, pontuações, revendo a construção e conseqüentemente sua validade funcional. O posicionamento de Aulagnier é muito importante no movimento psicanalítico da década de 1970, pois aponta algumas diferenças do ensino de Lacan.

Aulagnier (1989) no texto “Sociedades de Psicanálise e psicanalista de Sociedade”, elabora críticas incisivas sobre os padrões exigidos para a formação do analista. Ainda nesta formulação destaca a posição de um movimento provindo da compreensão de Lacan que contrapõe justamente a crítica por ele feita, sobre o mecanismo do passe. Segundo Aulagnier (1989), o passe é um mecanismo que poderia oferecer garantias de formação do psicanalista porém coloca em risco a autenticidade do processo de formação uma vez que responsabiliza a escola por isso, e não o próprio sujeito. A importância deste rompimento esbarra na questão da psicose e o modo como este fenômeno é entendido pelas escolas de psicanálise lacaniana. Aulagnier explica da seguinte forma sua posição.

As sociedades psicanalíticas não podem mais fazer-se de surdas frentes a uma sociedade à qual estão cada vez mais integradas, O que a sociedade exige delas abole essa extraterritorialidade que poderiam querer reivindicar. Não se pode simultaneamente felicitar-se por um reconhecimento que era já o desejo, ambivalente sem dúvida, de Freud, e declará-la nula e inexistente. Deve se ter lucidez de medir suas conseqüências e perigo. (AULAGNIER, 1989, p. 68)

Trata-se desses apontamentos que permitiram a autora importante avanço na Psicanálise. Partindo da leitura de Freud e sua leitura a respeito da teoria psicanalítica formulada por Lacan, deu-lhe condições reflexivas a prática de psicanalisar principalmente sobre a psicose.

Na teoria da psicose Aulagnier (1989) se destaca de modo peculiar ao propor tanto observações teóricas quanto ao tratamento do sujeito em questão da psicose. Inicialmente podemos citar a contribuição de Aulagnier ao fato de que não se resume ao déficit na formação da psique muito menos uma patologia inapreensível ao método psicanalítico.

Embora haja evidentes discordâncias de Aulagnier e Lacan, nota-se um resíduo da influência de Lacan nas observações de Aulagnier principalmente sobre a condição de identificação do *infans* e seus efeitos na psicose, o que veremos a seguir.

4.2.1 O pictograma e a psicose

Pretendemos utilizar neste trabalho, o conceito de Pictograma elaborado por Aulagnier, como pilar que sustenta a pesquisa para além dos modelos freudianos e/ou lacanianos. O conceito ocasiona um enfrentamento com a relação da sublimação e implica possivelmente como fator imprescindível no desdobramento da direção psicanalítica na paranoia. Esta articulação é de suma importância para compor o par sujeito-inconsciente e permitir do mesmo modo, adentrar na constituição subjetiva, e sua relação com o outro, o outro da Psicose, próprio eu.

Aulagnier (1979) expõe seu interesse de que a psicose que importa, essencialmente do ponto de vista psicanalítico é a psicose onde há criação delirante, construção e criação de um mundo próprio – que não é fundamentalmente redução, mutilação ou soma de fragmentos do mundo comum. Aulagnier ressalta que é de alteração de certos princípios organizadores deste mundo, e desaparecimento ou evanescência do próprio desejo de participação nesse mundo comum.

Neste caminho o que nos leva a Aulagnier é a preposição de uma criação para esse lugar que ficou cerrado sobre si mesmo, um aprisionamento. Mas o que? Como é possível ao sujeito que por si mesmo enveredou-se para um próprio e apenas seu? É nisto que nos debruçaremos, por meio de alguns vestígios desta contundente psicanalista, como, por exemplo, faz referência ao seguinte:

A psicose coloca em dúvida o patrimônio comum da certeza, depósito precioso que se sedimentou numa primeira fase de nossa vida psíquica. De repente, nos apercebemos que este patrimônio é a condição necessária para que nossas questões façam sentido aos nossos próprios ouvidos e não nos projetem na vertigem do vazio (AULAGNIER, 1979, p. 17).

Podemos perceber que a autora conserva com seu estilo cauteloso e, não menos questionador as trilhas freudianas, primeiro dizendo o que a Psicanálise não pode realizar com a psicose, em que afirma categoricamente o que não é, por exemplo, “não é uma simples violência exercida em nome de um suposto saber” (AULAGNIER, 1979, p. 25).

Cabe pontualmente ressaltar que na escrita de Aulagnier (1979), não há afirmações incisivas, e não exerce saber autoritário, o que possibilita compreender a psicose além de afirmações peremptórias. Podemos constatar isso em um dos casos que a psicanalista atendeu que chega afirmar o seguinte.

Tanto na neurose quanto na psicose, é claro, a “boa abertura” será sempre a que der mais chances de me garantir que o lugar que ocupei de início não estará fixado para sempre, nem mesmo pelos meus movimentos de abertura, nem pelos de meu parceiro. Mas embora a mobilidade transferencial, assim como a mobilidade da demanda, reduzem o risco e tal “fixação” pelo lado do neurótico, o psicótico. (AULAGNIER, 1989, p. 195)

Para realizar esse percurso, foram pesquisados em profundidade na obra de autora os textos em seus livros clássicos, como “A violência da Interpretação: Do enunciado ao pictograma”, “Um intérprete em busca de sentido”, sendo esta em dois volumes, “O aprendiz de historiador e o Mestre-feiticeiro: Do discurso identificante ao discurso delirante” e alguns comentadores psicanalistas e docentes nacionais e internacionais como Violante (2001), Hornstein (2001), Leader (2013), e Rabinovitch (2001), sendo todos pesquisadores com uma bagagem no ensino de Aulagnier.

Logo de início, Aulagnier (1979,1989) percebe que aplicar qualquer modelo teórico sobre um sujeito não é a melhor técnica, ainda que esta teoria seja construída com a prática, afinal cada sujeito carrega sua singularidade, o que na verdade Freud em 1912 já recomendava aos médicos que exerciam a Psicanálise. Advindo, dessa forma, uma proposta de continuar com um estilo de construção o que não significa impor um novo modelo de psique, mas ampliá-lo, porém com um desejo não menos ambicioso e conseqüentemente arriscado.

Doravante, pretendemos investigar com essa pesquisa um “antes” ao registro psíquico sobre a formação da psicose, isto é, aquilo que antecede a suas manifestações:

Nossa hipótese sobre este modo de representar que será definido pelo conceito de originário: testemunho da perenidade de uma atividade de representação que usa um *pictograma* que ignora a imagem da palavra e tem como material exclusivo a imagem da coisa corporal (AULAGNIER, 1979, p. 20, grifo nosso).

Aulagnier, com essa expansão, elabora uma caracterização da Psicose que implica em dizer que a psicose é uma organização na formação da psique-corpo, que exerce uma atração ao originário. Esse conceito de originário é complexo, porém, sinteticamente pode-se formular que consiste na repetição de uma cena (imagem) imutável que define um tipo de funcionamento. Retomando o carácter da Psicose, encontramos a implicância do originário impondo uma interpretação delirante (AULAGNIER, 1979).

Porém o retorno de Aulagnier se dá na direção de um enunciado fundamental, cuja função, fica ao discurso materno. Retomamos o princípio, ou seja, um antecedente ao que pode dar origem a psique e formulara o conceito originário. Aulagnier formula instâncias

psíquicas em sua metapsicologia e dará suas aparições no primário, o qual a fantasia terá como componente substancial parte desses enunciados.

Para esta psicanalista a linguagem não é tudo. A psicose esclarece um além de esquemas linguísticos, apontando de modo claro de que não é possível caminhar nas curvas da organização psicótica sob a insígnia dos significantes apenas. Quando Aulagnier se refere em sua construção de metapsicologia de originário, primário e secundário partindo da leitura de Freud, observa-se os traços lacanianos, mas o que ela enuncia em seus escritos é que o conceito de originário – tornar-se resultado dos primeiros efeitos do discurso sobre o outro –, compõe a constituição da imagem do outro e da origem a formação do inconsciente do *infans*.

Esta perspectiva se justifica, pois a direção que se tem hoje na clínica psicanalítica do Psicótico se traduz na construção de um delírio, auxiliá-lo na possibilidade de confeccionar seu rebotalho de simbólico, que possa suturar sua relação com o mundo externo. Porém essa é a função psicanalítica? O que poderia ser feito além disso?

Aulagnier propõe uma análise da função materna como integrante necessário para compreensão do espaço que marca o advento do eu, no entanto é enfática em dizer que esta análise não consiste na responsabilização da mãe pelos efeitos, e que situa antes de qualquer inclinação patogênica. Marca-se o resgate do sujeito, ou seja, a criança como o que sente e retrata sua singularidade nesta relação, afirmando o seguinte:

Todo indivíduo nasce num espaço falante e é por isto que, antes de abordarmos a estrutura do EU como instância constituída pelo discurso, analisaremos as condições necessárias para que este espaço ofereça ao EU um habitat adequado às suas exigências (AULAGNIER, 1979, p. 105).

Neste caminho que a trilha psicanalítica de Aulagnier aparece questionando a possibilidade de existir um espaço em que haveria condições básicas para o surgimento e desenvolvimento do Eu. O momento propõe o conceito de originário que está na gênese da construção psíquica, avança na compreensão de um processo já especulado por Freud com grandes êxitos. Em Aulagnier, esse traço é um resultado do encontro da boca-seio, levando em consideração que ele é medido pela quantificação de afeto, de prazer e desprazer que a criança experimenta nesta relação. Fazendo jus às afirmações encontradas nas observações teóricas citadas, este gasto teórico, ou lacuna, é o que pretendemos elucidar ao longo desta dissertação.

Aulagnier (1989), desde seus passos iniciais na Psicanálise, levava em conta a investigação como liame de sua prática, e apontará firmemente que não se pode colocar sob o prisma da Psicanálise um saber que supõe como verdade, colocando esta condição em risco a

própria existência da práxis psicanalítica, essa constatação fica muito clara em seus escritos sobre “O intérprete em busca de sentido”, publicado inicialmente em 1985. Após um atravessamento turbulento das fontes lacanianas nas quais Aulagnier também bebeu.

Podemos avançar nos contrapontos teóricos verificáveis na pesquisa, sendo possível compreender o título deste capítulo, que tomamos como princípio o significante para um percurso ao pictograma conceito base que Aulagnier inaugura para traçar outros rumos possíveis de articular a clínica das psicoses.

Aulagnier (1989) buscará uma discussão sobre a psicose, que recai sobre a experiência singular do sujeito e sua relação com o afeto em seu advento, tomando primordialmente as colocações de Lacan sobre o modo como a linguagem e o discurso da mãe enquanto genitora infere no *infans* uma imagem fruto de seu próprio narcisismo. Situamos a crítica de Aulagnier (1979) sobre Lacan, no sentido de colocar sobre a linguagem a responsabilidade de encontrar o sentido pleno do inconsciente, como se ele pudesse ser decifrado radicalmente e aí se afasta de Lacan.

O corolário da construção Aulagnier sobre a formação do Eu é um dos pontos de sua metapsicologia, é a condição de representação da psique desenvolvida no conceito de pictograma, lá temos a formação do sujeito como uma relação que não exige apenas uma simbolização como epicentro, e que ocorre a posteriori. A teorização se refere à relação que permite por meio da imagem inscrever-se no mundo das representações. A representação é forjada pela qualidade do afeto que implica naquilo que é sentido, ou melhor, o sujeito não é formado por parte da imagem do outro, como afirmara Lacan, para ela o sujeito cria sua representação daquilo que sentiu (AULAGNIER, 1979).

Para a autora a experiência da psique do *infans* se dá primeiramente na relação boca-seio, como evidência a seguir:

Nada pode aparecer no seu campo que não tenha sido metabolizado numa representação pictográfica. A representação pictográfica do fenômeno é uma condição necessária para a existência psíquica: esta lei é tão universal e irreduzível como a que decide das condições de audibilidade e visibilidade de um objeto (AULAGNIER, 1979, p.44).

Nesse seguimento, na psicose, existe uma condição pictográfica em causa, que é a instância do originário, quer dizer, uma resposta inaugural à parceria desta relação boca-seio. O tornar-se sujeito é um efeito desta relação com outro que segundo a própria experiência forjou uma representação da imago do eu (AULAGNIER, 1979)

Aulagnier, refere-se à condição de energia pulsional como possibilidade deste contato, que

inicia o processo do originário, esta psicanalista também postula três registros em sua obra, conhecido como originário, primário e secundário. Logo, o originário que forja o eu a partir da criação representativa (pictograma), já o primário é “[...] dar uma interpretação cênica de um mundo onde todo acontecimento encontram sua causa na intenção projetada sobre o desejo do Outro” (1979, p. 99). No primário ocorrem as modulações do prazer/desprazer, podem ocorrer como interdição do desejo do Outro, e no secundário, a possibilidade de dialetização, de estar dentro/fora, de representar e ser representado (AULAGNIER, 1979, p. 96).

Sendo assim, tem-se uma condição fraturada também no processo que a autora propõe, situado no primário, uma passagem não se efetua para que a dialetização do desejo do Outro enquanto alteridade possa ocorrer, ela postula assim: “nossa afirmação de que a entrada em função do primário implica no reconhecimento de presença de um seio separado do próprio corpo, fez-nos deixar de lado o que a ela se segue: o reconhecimento do “outro espaço sem seio” (AULAGNIER, 1979, p. 76).

Temos sob o guisa da dissidente das formulações lacanianas em seu esquema Originário onde se localiza o pictograma, o primário e o secundário. Na preposição de uma fratura provocada por meio de uma rejeição da percepção de separação, segundo Aulagnier (1979), gera uma representação que dá a forma pictográfica de um eu que predominantemente investiu a si mesmo como objeto, isso seria uma da função delirante na paranoia.

Podemos localizar o que Aulagnier já conjecturava o campo do afeto, em que o simbólico se aloja de modo claudicante, no qual o que está na espreita é o pictograma. É no campo de um sentir e não do sentido, o que a palavra não pôde traduzir trata-se de um sentir que esta lá na experiência primeva do sujeito do inconsciente e que de longe pode no mínimo ser representado secundariamente na linguagem, falada, escrita, ou mostrada.

Sobre os esforços de Aulagnier, para mostrar a consistência que o pictograma tem sobre o funcionamento, afirma-se que:

“o representante do pictograma não pode existir como uma diferença entre a representação desta experiência na ausência do seio, postulamos no entanto, a percepção muito precoce feita pela psique de um a mais de prazer, o que poderá ser construído como alucinação do seio” (AULAGNIER, 1979, p. 45).

Ela permitiu, desse modo, um ponto em comum a partir das formulações freudianas inerentes as primeiras experiências com o prazer.

A respeito das psicoses, Aulagnier toma pelo “chifre” a questão do desenvolvimento do afeto, no qual inclusive Lacan foi criticado pela instituição internacional de psicanálise pela pessoa de Anna Freud por não dar a devida relevância aos afetos (ROUDINESCO, 1989). Sobre esse *modus operandi* fica evidente que, de acordo com Aulagnier, persiste a

hipótese de Freud, de que nas psicoses existe um desligamento do afeto. A ligação que ela faz é de que foi aplicado tal modelo, a explicitar como o de não-representação, ou seja, de rejeição de apropriação. Contudo faz uma ressalva “[...] é necessário postular a coalescência de uma representação do afeto que é indivisível do afeto da representação que o acompanha” (AULAGNIER, 1979, p. 49). É nesse inconciliável do representado encontra-se o afeto, não sendo possível separá-los, pois os efeitos são sentido na própria existência da formação do eu, e conseqüentemente marcando o corpo do sujeito.

A despeito desse mecanismo de funcionamento, do qual chamamos de Pictograma, ela convocara, antes dessa operação de representação, um recurso inerente atividade psíquica no que se inaugurara, ele chamara o conceito de Originário “define uma forma de atividade e um modo de produção que são os únicos presentes na fase inaugural da vida” (AULAGNIER, 1979, p. 55) para deliberar que existe um momento do *infans* que antecede até mesmo a fase, nomeada por Lacan (1955) como Estádio do Espelho, o originário consiste na criação, explica:

O que a atividade originária percebe do meio ambiente (psíquico), o que ela intui quanto aos afetos dos quais são responsáveis as sombras que a cercam, se apresentará a ela e será por ela representado, mediante a única forma da qual ela dispõe: a imagem dela mesma, torna-se o equivalente de um espaço no qual existe entre os objetos uma mesma relação de complementariedade e de interpenetração recíproca (AULAGNIER, 1979, p. 53).

Em síntese, o pensamento de Aulagnier sobre a formação do eu, com a noção de originário, enquanto a criação de espaço para atividade de representação e, por conseguinte, a formação do pictograma para revelar a forma como se processou as representações afetivas que marcam advento do eu, por um via de apropriar-se ou rejeitar a formas representativas, por exemplo “[...] é possível vomitar o leite, mas é impossível, nesta etapa da existência, tapar o nariz ou os ouvidos” (AULAGNIER, 1979, p. 47), constitui-se de apontamentos extremamente importantes pois o que fica evidente é o sentir e não apenas o sentido que compõe a história de todo sujeito.

Aulagnier insiste nos aspectos que engloba o afeto como aquilo que é visto, escutado, o degustado, o tocado. A autora atribuiu suma importância sobre as experiências iniciais da vida psíquica, sem deixar as relações com a linguagem, mas também sem atribuir a ela excessos “[...] desde que há acesso a linguagem sob a égide de um enunciado que determinará a mensagem afetiva” (AULAGNIER, 1979, p. 48).

Na clínica com as psicoses, percebe que é de uma reminiscência de sentir que o delírio

vem fazer suplência, é do sentir o não representado, por uma rejeição a apropriação do afeto e, conseqüentemente, da representatividade que o delírio vem fazer forma, como um dos aspectos do pictograma. Sobre este processo de metabolização ou não do afeito que poderia acontecer a passagem do significante ao pictograma, no qual veremos a seguir no próximo capítulo específico das nuances do delírio.

4.2.2 A criação do delírio

*No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo,
ele delira. E pois, em poesia que é voz de poeta,
que é a voz de fazer nascimentos — O verbo tem
que pegar delírio
(MANOEL DE BARROS, 1997, p.86).*

Recorrendo, mais uma vez, a proximidade da Psicanálise com outros campos do saber a fim de compreender as relações que a loucura que buscamos na arte uma conexão. Localizamos na arte da *poiesis*, principalmente na escrita, que a escolha foi feita, e pensando na epígrafe, talvez não exista outra tão clara como essa que floresce na caneta de Manoel de Barros. Por quê?

O verbo, o delírio, e suas formas, são construções modeladas com as colocações que realizaremos a seguir e que vai de um sentido do delírio ao delírio do sentido. É sobre estas formulações que a dissertação pretende construir um saber sobre a psicose, e que atropela certezas, isso por meio da tipologia clínica da paranoia que foi a porta de entrada ao campo de Freud e atesta:

[...] alguns problemas se estabelecem sobre a psicose, é verdade, destina-se a reparar a perda da realidade, contudo, não expensas de uma restrição com a realidade – senão de outra maneira, mais autocrítica, pela criação de uma nova realidade, ocasionado o surgimento do delírio. (FREUD, 1924/1996, p. 206).

O interessante é que a psicose, na forma da paranoia, não serviu apenas para o campo que Freud fecundou, porém permitiu que Aulagnier e Castoriadis viessem dele colher alguns frutos. Deixando palpável a colocação da qual Aulagnier trabalha como efeitos da impossibilidade de representação no campo do afeto, e assim, tomando forma as verificações

deste modo, na epígrafe deste capítulo.

Em contrapartida, Aulagnier nos aponta que é justamente uma tentativa de produzir uma representação que o delírio comparece, de um objeto já rejeitado, mas desde sempre sentido em si mesmo em uma relação engendradora de boca-seio (AULAGNIER, 1979).

Trata-se de uma questão de ontogênese, é um modo de ser do sujeito. O delírio neste caso não é a causa, não o fato de se ter um delírio que o faz ser, mas o inverso, sendo o ser dele que faz delírio. Sobre essa possibilidade de representação da fantasia Aulagnier (1989) afirma o seguinte.

A fantasia de autoengendramento que podemos encontrar em certos tipos de psicose em geral pode ser decodificada, se olharmos um pouco mais de perto, como uma fantasia que atribui ao sujeito o poder de engendrar não apenas seu passado, mas qualquer passado, não apenas na origem, mas qualquer origem. A lenda dessa fantasia não reconstrói simplesmente a origem do infans que esse eu foi, e que tenta encontrar um acesso à temporalidade, mas sim a origem de um e de todo ser vivo. (AULAGNIER, 1989, p. 219)

Como já foi observado, tanto na prática clínica como na via de construção teórica, o delírio não é exclusivo da organização psíquica das psicoses isto fica claro. Contudo, vejamos que na paranoia, a funcionalidade do delírio é peculiar, ora vem em suplência à ausência de condição de simbolização, ora da representação. Aulagnier (1979) observa algo de muito importante quanto a substância que compõe o delírio sobre o ouvir vozes, por afirma o seguinte:

“a representação da palavra que ela deve a percepção acústica, uma vez que esta última pode tornar-se percepção de uma significação: a voz do Outro é a fonte emissora de significação, e que participa do funcionamento de metabolização do eu”. (AULAGNIER, 1979, p. 85).

O que possibilitará lidar com as exigências do mundo externo, e nessa relação, uma representação em causa, uma vez que a fantasia dita fundamental do inconsciente é o resultado de uma operação do recalque, o que não se averigua na paranoia do mesmo modo que nas neuroses.

A constituição do delírio apresenta-se como um ponto muito importante. O delírio assume função na qual pode ocorrer tanto na neurose em que existe o recalque, como na psicose em que este mecanismo não se efetivou.

O delírio, assim como alucinações, constitui, na verdade, sintomas que não são primários, mas secundários. O sujeito não é psicótico porque apresenta delírio, na Psicanálise não pode ser tomado como base ou critério para qualquer diagnóstico.

O delírio situa-se muito mais como resposta à loucura do que sua gênese, ou seja, um tipo de resposta à condição própria de sujeito, implicado sobre essa resposta sua razão singular. Os delírios atuam como resposta, ou seja, têm uma razão que só cabe ao sujeito, como dizia um paciente de Manfred Bleuler, “no meu mundo, sou onipotente, no seu exerceo diplomacia” (LEADER, 2013).

Adentrando na dinâmica da formação da psicose, começa-se a vasculhar o que há de mais subjetivo, encontra-se no seu âmago ou o que há de mais próximo aí, uma réplica à condição do ser. Segundo Aulagnier (1989, p. 220) a “ projeção delirante, como tentativa de metabolizar em algo “pensável” esses conteúdos, mostra bem como está seu campo de ação, os efeitos desestruturantes que acompanham a irrupção do afeto, e contra os quais ela é impotente”.

Sendo assim para esta autora, o delírio aponta a possibilidade de revelar a dinâmica da experiência que funda a formação do sujeito. Aulagnier faz menção do processo observado por Lacan do Estádio do espelho na qual Lacan propõe em 1955 como o alicerce para a condição de advento do eu, afirmando:

Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzia no sujeito quando ele assume uma imagem, e do qual o sujeito retira seus tesouros de significação (LACAN, 1955, p. 97)

A partir do olhar do outro, e no endereçamento que este propõe, existe um convite a ver-se neste ser e depois retomar o seu próprio caminho, logo, uma descrição do processo de alienação e separação que são imprescindíveis para os desdobramentos da vida psíquica, o qual Leader, (2013) compõe do seguinte modo:

[...] a identificação com a imagem promete nos unificar, mas nunca chega a cumprir inteiramente a promessa, já que a própria coisa que nos dá unidade também a retira. Apreendemos nossa unidade através de algo que não somos nós, que está fora do próprio corpo que o compõe (LEADER, 2013, p. 59).

Há uma semelhança incontestável da neurose com a psicose, na formação radical do sujeito, há um processo que ocorreu na psicose, talvez daí uma articulação com o dito popular que “no fundo de louco todo mundo tem um pouco”. Porém, o que acontece no sujeito que se envereda na estrutura da psicose é que a alienação lhe é um aprisionamento cerrado sobre si mesmo.

Podemos ilustrar como uma paciente diagnosticada como psicótica que revela durante a sessão “não importa onde me leve estou preso em mim mesmo desde antes de minha

história” (sic).

Isso aponta que na psicose não se trata apenas de uma funcionalidade do delírio, ou retalhos alucinatórios, mas um funcionamento complexo utilizado para compor uma significação que está para além de delírios. Tal hipótese propõe um modo de organização que não consiste na sintomatologia delirante, mas sim em uma operação singular que lhe é possível.

Freud ao escrever especificamente sobre “Neurose e Psicose” (1924), explicitou que o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente aparece uma fenda na relação do sujeito com o mundo externo e na criação de outra realidade estaria a morada da problemática psicanalítica.

No funcionamento neurótico, a operação recaladora esconde algo que retorna, o que Freud rascunhou como retorno do recalcado para designar o sintoma. Já na psicose ocorre que outra operação foi eleita, nela, a realidade externa não se inscreve, é expulsa, rejeitada com tamanha intensidade que retorna como se viesse de fora, base para a sustentação de sintomas delirantes, assim na alucinação psicótica o elemento perturbador vem de fora: “não somos nós, é o outro”. (sic)

Aquilo não vem de “dentro”, mas sim de “fora”: dizia um paciente que se apresenta em surto, não se tratava de uma responsabilidade do sujeito ali implicado, mas por uma invasão de um ser especial que retornava de lugares inimagináveis, e o tomava como interlocutor, se tratando da fala de um delírio de perseguição.

Dentre várias oportunidades e lacunas teóricas da psicanálise na compreensão possível que Freud tentou estabelecer, pode se verificar as colocações de Castoriadis sobre o mundo da psicose, como seu conceito de mônada psíquica. Segundo Castoriadis (1987) a monada como estado primordial de fechamento do sujeito sobre si mesmo, uma condição inerente a toda cria humana, uma instância da psique que precisa ser rompida nas primeiras relações para que então advenha o eu, sendo um ato de criação.

Com um pensamento muito elaborado, retomamos Aulagnier, que testemunha essas formulações com sua experiência na clínica de Lacan e o contato com os psicóticos, trazendo em sua obra as marcas de sua formação. Embasada no ensino da escola lacaniana, porém, diferentemente de seus colegas, não coloca o modo de compreensão desta escola, como um saber absoluto e nem se valida na escuta lacaniana. Aulagnier aposta em sua própria prática e destaca que tal ato consistia em um erro crasso nas sociedades psicanalíticas, o que por si só a torna uma fonte valiosa para a construção do saber, desde a psique até a psicose (AULAGNIER, 1979).

A ruptura de Aulagnier com Lacan, sinaliza resquícios em seu posicionamento teórico divergente, em que a interpretação não se reduz e nem deve ser baseada em matemas¹² de significante, ao que propõe Lacan no axioma do inconsciente estruturado como linguagem. Contudo não se pode desconsiderar o quanto Lacan construiu para a Psicanálise.

Aulagnier mergulha na Psicanálise, para além das divergências de formação do analista, incluindo como um eixo que não se pode fugir, o das psicoses. Temos uma parte da matriz, situamos no campo da imagem e seus desdobramentos como um composto da originalidade psíquica do Eu, nas quais temos coleções de imagens que a transição de objeto para sujeito captura e guarda como tesouro ainda que escondido ou não. A identidade do *infans* sofre efeitos desses desdobramentos, referindo-se ao acesso ou não do recalque, descrito como o processo de metabolização (AULAGNIER, 1979).

Sobre essa discussão da formação do eu, a psicanalista Aulagnier estende-se a questionar o modo como a Psicanálise, segundo Lacan, propõe o mecanismo de análise dessa fundação, e mais, Aulagnier ainda afirma:

É evidente que para todo analista que o primário é criação de sentido. Mais importante, porém é sublinhar o que resultará a co-presença da linguagem, na qual estão presentes significações primárias que dão lugar às produções psíquicas adequadas a lógica da fantasia, e, paralelamente, de produções que levam em conta a significações secundárias, o que implica, na parte do sujeito, um conhecimento do que significa o signo linguístico para os outros (AULAGNIER, 1979, p. 95).

O que ela propõe não é deixar de lado a linguagem, mas repensá-la, é justamente aí que implicou pensar que o sujeito no caso da psicose revela sua relação com o objeto, seus objetos primitivos, aqueles da primeira relação como imagens das quais no delírio ficam claras. O delírio dá forma à imagem, e a seu valor, em suma, uma possibilidade de representação pictográfica, que é indissociável da quantificação afetiva.

Articulando a questão, levantamos o seguinte: se na psicose existe um desligamento ou uma alteração na representação do afeto, seja retirando-o radicalmente da cena infantil ou não, o delírio seria sua representação? Segundo Aulagnier (1989) tal resposta situa se a à margem de uma origem histórica do próprio psicótico. Sendo assim, certamente algo da ordem do afeto deverá compor substancialmente o delírio e seu sentido, é o que verifica se em algumas modalidades clínicas, como na megalomania, ou na condição persecutória.

¹² Lacan durante seu ensino utiliza esquemas gráficos que apontam para um modo de exemplificar funcionamento chamado de matema, ele retira a palavra matema da obra de Levi Strauss, fazendo referências a palavra grega *mathema* que significa o conhecimento (ROUINESCO, 1989).

O que nos interessa em Aulagnier (1989), é justamente o que ela afirma sobre o processo de formação do eu, e conseqüentemente da psicose. Para a autora dissidente do ensino de Lacan, não se pode entender a formação sob um viés estruturado pelas relações do *infans* com a imagem, nem de modo especular. Aulagnier (1989) é muito enfática em esclarecer que é possível que o advento do eu ocorra pela relação especular, mas não só por essa via.

Podemos pensar que a dinâmica lhe é possível pelo acesso ao simbólico, é o que Leader (2013) aponta como prótese simbólica, outros autores também vão caminhar nessa direção, assim como afirma Coutinho Jorge.

Esse discurso pretenderia trazer para o campo do sentido, isto é, das articulações simbólico-imaginária, aquelas experiências que pertencem ao âmbito dos sentidos, do real das vivências, do que resta inefável. O sentido viria unificar o que, nos sentidos, encontra-se pulverizado: da pluralidade dos sentidos se almeja obter a unidade propiciada pelo sentido (COUTINHO JORGE, 2014 p. 73).

A paranoia coloca em questão sobre a possibilidade do sentido. Por esta razão, Aulagnier (1989) partiu em sua jornada como um intérprete em busca de sentido, no qual sua experiência lhe confere ao perceber talvez antecipadamente as obsoletas afirmações de uma era lacaniana. A busca apontou a condição em que possa criar suas representações em sua confecção pictográfica de própria existência.

Nesse esmiuçar da pesquisa sobre a psicose em Aulagnier, torna se imprescindível colocar o conceito que ela desenvolve de potencialidade que é nodal para a direção do tratamento na psicose. Segundo Aulagnier (1989, p. 228) a potencialidade “engloba os possíveis desdobramentos do funcionamento do eu e de suas posições indentificatórias, uma vez terminada a infância”.

A afirmação de Aulagnier (1989) sobre a condição de que o psicótico, é de que o psicótico detém a capacidade de formular suas representações psíquicas da experiência infantil, sejam elas compartilhadas socialmente ou não, concentra a descoberta da psicanálise em relação ao funcionamento da psicose. Vejamos na afirmação de Aulagnier.

A teoria analítica nos oferece critérios – não são os únicos, mas são os nossos – não para definir a totalidade das respostas (neste registro o mesmo ocorre com a história do indivíduo e com a história de uma cultura: ninguém pode prever os possíveis futuros), mas para elucidar as condições cuja presença ou ausência entravam inevitavelmente o funcionamento do eu. Dessas condições nossa teoria parece ter dado, com razão, ao meu ver, um leque completo, por mais extenso que seja o campo de observação ou mais antigos que sejam os escritos que delas tratam. (AULAGNIER, 1989, p. 228)

Torna-se muito consistente que Aulagnier tenha chamado atenção para uma psicanálise que promova a amplitude de seu alcance teórico e não redução em nome de verdades indiscutíveis, influência sofrida pela posição de Castoriadis. O que interessava a Aulagnier (1989) não eram os sintomas, mas o funcionamento do Eu. A psicose por sua vez recoloca com clareza em sua manifestação o funcionamento do eu, exige a compreensão de seus modos de representar.

Na investigação da autora elabora o questionamento das teses lacanianas dizendo o seguinte: “quando Lacan afirma que o sujeito é antes de tudo um sujeito falado, ele anuncia uma verdade indiscutível, mas em nossa opinião essa afirmação esclarece apenas uma face do fenômeno” (AULAGNIER, 1979, p. 103). Ao declarar essa fragilidade, tange ao delírio uma condição especial. Conforme a crítica de Aulagnier, não seria apenas demolição da realidade a formação de um delírio, mas uma modificação, evidenciando o ponto que nos envereda na possibilidade de afirmar que, segundo a psicanalista, o delírio é um resíduo da tentativa de representar as sensações vividas e produções de significações advinda do campo do Outro.

Ainda sobre a formação da Psicose, Aulagnier (1989) coloca em discussão a Psicose como efeito de um encontro. O encontro consiste na formação do eu em sua identificação, sobre o processo identificatório repousaria a estrutura psicotizante.

Destacamos aqui outro ponto crucial de sua formulação teórica, distante de Lacan. Para Aulagnier, a formação da imagem do próprio sujeito não passa por uma experiência similar a de um espelho, a autora afirma “que nenhum olhar pode se pretender único espelho” (1989, p. 230). Mas na verdade o que acontece ao *infans* em suas primeiras experiências é que lhe são fornecidas parte de uma quebra cabeça, o conjunto de olhares possibilita perceber as peças, contudo a sua formação de identidade irá depender de como destaca cada uma delas para compor sua imagem.

Segundo Aulagnier (1989), o momento de formação da identificação passa por dois estados, o primeiro: é a posição que o *infans* ocupa sendo identificado ao desejo da mãe, no qual faz parte dos enunciados relacionados por esta função. O segundo momento é o processo de elaboração, de apropriação que o eu deverá operar sobre seus próprios identificados, ou seja, deve metabolizar os objetos para compor seu ser.

Em outras palavras, podemos deduzir que essa formulação é o primeiro momento de formação do eu, no qual o *infans* é a peça do quebra cabeça que foi nomeado pelo outro. O segundo momento passa pela percepção, investimento do *infans* de escolher as peças do quebra cabeça que lhe dará outra forma, além do desejo materno.

A centralidade da questão da psicose pode ser situada hipoteticamente na potencialidade do conflito causado no registro da identificação.. Aulagnier (1989) exemplifica deste modo:

Continuando esta metáfora podemos acrescentar que para que o quebra-cabeça se sustente é preciso um bom ajuste das superfícies de encaixe das peças. Qualquer que seja a história do construtor, história que decide sobre o primeiro agrupamento, e qualquer que seja o contorno das peças que emprestará dos outros, sempre estarão presentes riscos de desencaixe, de linhas de fragilidade, de potencialidade de uma fissura. (AULAGNIER, 1989, p. 232)

Podemos verificar de forma ainda mais consistentemente que, a potencialidade psicótica situa-se no primeiro agrupamento das peças, trazendo efeitos ao segundo momento de formação da identificação. Freud (1911/1996) havia dados indícios da potencia da psique, ou das condições de inclinação do inconsciente no caso Schreber. No exercício da psicanálise com sujeitos psicóticos, independente da tipologia clínica. Nota-se a queixa na clínica, de uma relação claudicante com a própria imagem, ou com a perseguição de uma imagem, e isso poderia nos revelar um resquício do processo descrito por Aulagnier.

Relevantemente, avançamos sobre as complicações do processo de identificação como engendrador de uma possível psicose. O conflito que ocasionaria a fissura na imagem ou nos objetos que poderiam servir de apoio para sua formação. Segundo Aulagnier (1989) seriam os componentes do próprio eu, entre eles, estariam os enunciados da função materna e os outros objetos percebidos fora deste discurso.

Coadunando com Aulagnier (1989) o denominador comum nas psicoses sobre esse processo de identificação se apresenta na relação com o mundo externo são as condições que ela apresenta. Aulagnier (1989) esclarece o seguinte:

Neste caso a relação entre o primeiro agrupamento e o resto do quebra cabeça é tal que qualquer mudança, mesmo de uma peça só é inaceitável pois comportaria o desencaixe das outras peças centrais. Mas como essas mudanças são inevitáveis, resta ao construtor à possibilidade de decretar equivalência entre os elementos diferentes, mas que, na verdade, são intercambiáveis. A diferença entre eles é uma ilusão, uma enganação, um erro de visão. (AULAGNIER, 1989, p. 209)

Então podemos afirmar com Aulagnier (1989), que na psicose, o estabelecimento da potencialidade da psique acontece de modo peculiar, o que ela chama de potencialidade psicótica é o conflito de percepção dos objetos e sua metabolização. Os efeitos da potência psicótica geram fragilidades e fissuras no campo da formação da identificação, que podem ser resultados do encontro do *infans* com o campo do outro. Vejamos.

O poder maléfico ou benéfico de um episódio, de um encontro, depende de múltiplas razões, mas sua importância será sempre proporcional às suas repercussões sobre a economia identificatória do eu e, mais precisamente, à gravidade do risco que implicam: tornar ineficaz a primeira solução que achara para o conflito identificatório e que lhe tinha permitido, senão superá-lo, pelo menos torná-lo “vivível” (AULAGNIER, 1979, p. 229)

A proposta de compreensão que a psicanalista Aulagnier (1979) levanta, avança no sentido de localizar o possível processo de complicação que ocorre na formação do eu, na fase da identificação. E, ainda, possibilita a compreensão de que, se há um problema na identificação devido à potência da psique de não reconhecer os elementos compositores, poderia também auxiliar na direção do tratamento.

A problemática que se instala na clínica da psicose e que Aulagnier não desconsidera, é a questão do fenômeno da transferência. Freud (1895/1996) identifica o fenômeno da transferência como uma repetição do conteúdo inconsciente dirigido a pessoa do analista. Tal fenômeno é responsável por sustentar o tratamento e também pelas dificuldades que ele impõe. Aulagnier (1989) ressalta que durante o tratamento psicanalítico ocorre na transferência o processo de potencialidade. Vale destacarmos que esse motivo causou em Freud diversos problemas sobre o tratamento da psicose, sua dúvida, a existência da transferência, uma vez que na psicose, não há recalque, e tal fato reconfigura os investimentos da pulsão. Freud (1911/1996) ainda destaca que, o problema da psicose situa-se do lado do psicanalista e não propriamente do sujeito psicótico.

Segundo Aulagnier (1989, p. 196) “a psicose de transferência é um contrassenso”. Levando em consideração a posição de Aulagnier sobre a formação da psicose, cabe abordar esse aspecto do mesmo modo que ela, o primeiro destaque que a autora levante é o seguinte:

E não devemos esquecer o que significa no registro da psicose essa acusação tão frequente presente no discurso dos pais: a criança como falha, as falhas, as doenças do filho como causa do sofrimento deles, do fracasso deles, e sobre tudo de todo o “mal” que possa acontecer com ele; e tampouco devemos esquecer que o campo social e seu discurso vão, por sua vez, explicar ao sujeito as causas de seu “mal” remetendo-o à sua própria loucura. E pouco importa que a causa dessa loucura seja o demônio que tomou posse do seu corpo ou um erro genético. (AULAGNIER, 1989, p. 200)

Torna-se imprescindível fazer menção que Aulagnier (1989), não ignora o meio em que o sujeito está inserido, e os efeitos evidentes destes aspectos. Retomando o ponto sobre a transferência e seu funcionamento da psicose, Aulagnier (1989, p. 201) assinala o seguinte “para o psicótico, se o passado é responsável pelo seu presente, é na medida em que seu

presente já foi decidido pelo seu passado”.

Deste modo, a postulação pretendida afirma: que o psicótico pode relacionar ao psicanalista a projeção de imagem, ou seja, há um enlace entre eles, e tal afirmação pode causar contrassenso. Esclarecemos que quando se fala de transferência na psicose, reportamo-nos ao movimento que Aulagnier (1989), de potência da psique de representar incluindo a pessoa do analista em sua construção delirante.

Podemos relacionar uma experiência clínica do pesquisador na práxis com a psicose. Durante um atendimento com uma paciente diagnosticada como psicose paranoica, ela percebe uma maleta atrás da poltrona do psicanalista, e pede para averiguar se porventura ele também faria parte da organização que a persegue. Tal criação delirante encontra no psicanalista, artefatos para construção e representação de sua experiência de fundação do próprio eu, seja, a maleta, a gravata, ou qualquer outro objeto que margeia a pessoa do psicanalista.

Aulagnier (1989), durante seus atendimentos no hospital *Sant'Anne*, manteve muita proximidade com o delírio e a manifestação da transferência com a psicose, e chama atenção para a história transferencial, afirmando da seguinte maneira:

O sujeito a constrói, desconstrói, reconstrói em fundação dos postulados de seu delírio. Vai emprestar vozes as vozes o conteúdo dos capítulos passados, presentes e futuros, incluindo aquele que supostamente trata de um encontro e de uma história transferencial, que muitas vezes afirmará como já estando prevista e antecipada pelas vozes e por sonhos sonhados na infância. (AULAGNIER, 1989, p. 201)

Prosseguindo com o esclarecimento que se impõe sobre a psicose, que é o fenômeno da transferência Aulagnier (1989) afirma que o psicótico encontrou inicialmente na pessoa dos pais uma percepção própria, de que estes lhe proibiram o acesso ao mundo externo, e aceitou a proibição, senão não seria um psicótico. Sendo assim, o que se verifica na relação analítica entre o psicótico e o psicanalista esta na descompensação, que marca um fracasso desse falso diálogo. Aulagnier (1989) ainda ressalta o seguinte:

O apelo ao delírio é também consequência da recusa ou da impossibilidade do sujeito continuar a acreditar na presença da escuta do outro. Ou talvez a consequência do que descobre: os conflitos que porventura se opuseram, ou a aparente concórdia, ou o suposto acordo dos pontos de vista nunca significaram a presença de dois interlocutores, de dois discutidores. Uma surdez bizarra atingia a escuta de cada locutor, cada vez que o outro toma a palavra. (AULAGNIER, 1989, p. 204)

A evidência segundo Aulagnier (1989), é de que na psicose a transferência ocorre por

uma demanda de escuta e não propriamente de saber como acontece nas neuroses, trata-se de uma função de escutador. O psicanalista ocupa o lugar da orelha do sujeito que se põe a falar, o que esta em questão, é a escuta diante de um saber próprio, e de uma representação muitas vezes não compartilhada.

Durante um atendimento a um jovem de 26 anos encaminhado pelo psiquiatra, com diagnóstico de psicose paranoica foi possível verificar algo da ordem da demanda de investimento da escuta. O rapaz adentra a sala em silêncio e não responde a nenhuma pergunta do psicanalista. A única resposta do paciente foi, quando o psicanalista esclarece de que o mais importante é a verdade que ele tem a dizer, e não o que já foi dito a seu respeito, tal jovem sorriu e a partir daí fala de seu delírio confortavelmente.

Aulagnier (1989) formula a posição de um escutador-investidor, no caso dos atendidos na psicose, pois permite um ponto em que o sujeito poderá metabolizar ao eu, demandas formuláveis. Retomar o conceito de transferência na psicose inclui indiscutivelmente a necessidade de atentar ao que ela coloca em cena: a conhecer, a fantasia. A condição da fantasia na psicose não se reduz a uma projeção de imagem, e a psicanalista francesa Mijolla-Mellor destaca da seguinte maneira:

Piera Aulagnier contesta que se possa ligar a possibilidade de uma psicose a um excesso de frustração imposto pela realidade externa. Ela propõe, em contrapartida, considerar a realidade histórica do sujeito, ou seja, o que efetivamente se desenrolou sobre a cena do mundo e que não se limita a projeção fantasmática. Estes acontecimentos, segundo ela, teriam efetivamente estado presentes ao longo da infância do sujeito e desempenhado um papel particular na encenação fantasmática e na sua atribuição de sentido. (MIJOLLA-MELLOR, 2001, p. 17)

Segundo Mijolla-Mellor (2001), realiza o estudo nas construções teóricas de Aulagnier, na qual afirma que a autora definiu a psicose num duplo movimento, no qual temos a fase do originário como engendrador de objetos, onde ocorre fragilidade em sua internalização e o pictograma, onde são representadas tais condições.

O conceito de fantasia na teoria psicanalítica não se resume a uma junção de imagens ou desejos da imaginação. O conceito de fantasia em Psicanálise esta atrelado ao que Freud (1895/1996) percebeu nas pacientes classificadas como histéricas, ou seja, mulheres com sintomas diversos, como paralisia, afasia.

O que Freud identificou em seus primeiros escritos até 1895 é de que, havia um componente da vida psíquica que permanecia desconhecido por forças repressoras, devido à impossibilidade de satisfação do prazer. Freud já em 1905, com a teoria da sexualidade infantil foi mais preciso ao tratar do assunto da pulsão, o conceito limítrofe entre o psíquico e

o somático. A pulsão seria a força matriz que exige sua satisfação, porém devido ao processo de autopreservação é recalçado, e isso coloca como meta a pulsão necessidades de encontrar outras saídas para sua satisfação (FREUD, 1905/1996).

Desta maneira, podemos entender então a fantasia como um processo inconsciente na psicanálise, como efeito dos desdobramentos da pulsão que precisou encontrar outras saídas. A pulsão e seu circuito são constituídos nas relações que o *infans* estabeleceu com os seus primeiros pares e como percebeu esta relação.

Aulagnier (1979) atentou para as formulações que Freud realizou neste aspecto, para entender o que acontece na psicose, visto que o mecanismo de formação não se trata basicamente de recalque, e constrói da seguinte maneira:

É através da história da relação com os seus objetos que o eu constrói a sua própria. Por que ele não sabe que essa história não é a da psique na sua totalidade, pode continuar ignorando a a-temporalidade e a imutabilidade dos objetos-fins pulsionais, e só conhecer no movimento e na mudança própria aos objetos, alternadamente suportes de seus investimentos narcísicos e sexuais. (AULAGNIER, 1989, p. 210)

A psicanalista Aulagnier (1989) entendeu que a fantasia estava relacionada com a experiência histórica em que o sujeito sentiu seus encontros, e que eles não se desligavam em seu afeto. A autora ainda recoloca em termos claros que a condição do sujeito psicótico questiona a psicanálise lacaniana e sua tentativa estruturalista de explicá-lo.

Podemos então, constatar que a fantasia de auto-endramento notável em algumas formas de psicose em geral pode ser decodificada, se olharmos um pouco mais de perto, como uma fantasia que atribui ao sujeito o poder de engendrar, não apenas seu próprio passado, mas a de qualquer um. Segundo Aulagnier (1989), a transferência na psicose expõe a seguinte lógica:

A irrupção na cena do eu de uma representação originária que, durante o tempo de sua presença, exerce um poder paralisante sobre as funções do eu, impõe o sujeito, como experiência atual, enfrentar novamente um seio de pedra que se recusou a responder ao choro de um corpo, que se recusou a ser para uma boca provedora de um prazer erógeno. (AULAGNIER, 1989, p. 222)

Eis a notável compreensão de que é de um encontro entre boca e seio, ou podemos dizer a psicose enquanto desencontro, marcado por uma formação de identificação do outro, causando efeitos frágeis na própria identificação. Retomamos assim, a formação do eu como decorrente da relação de entre *infans* e o outro, no caso a função materna. A condição *sine qua non*, esta na capacidade do *infans* de metabolizar os elementos compósitos de eu.

O que Aulagnier (1989) chama de potencialidade psicótica são os problemas

encontrados no percurso de formação do *infans* de rejeitar elementos, ou não percebê-los, o que acaba por encaminhá-lo a um funcionamento psicótico. Porém, destaca que a mesma potência de não investimento pode ser retomada na relação transferência como oportunidade de colocar em seu o encontro. A questão de dois, tal como paciente e psicanalista, é apostar na condição não de retirada de delírio, mas de criação de outras formas de deparar-se com a cena que o próprio eu sentiu se ameaçado.

Sobre a condição do delírio, Mijolla-Mellhor (2001), afirma que ele expõe o movimento de relação do *infans* com os pares, e afirma o seguinte:

Bem além da descrição do delírio, eis-nos conduzidos as hipóteses metapsicológicas relativas às origens próprias a qualquer psique, o que, certamente, não significa por isso que cada um detenha aí um “núcleo psicótica”, mas sim que o psicótico apela um fundo representativo que, em contrapartida, é comum a todos. (MIJOLLA-MELLOR, 2001, p. 18)

A explanação realizada por Aulagnier (1989) e também por Castoriadis (1986) é afirmar incessantemente de que o fenômeno da psicose não se trata de escolhas inconsciente, ou esclarecer de quem seria a culpa de ter acontecido à psicose. Os autores destacam que se trata de uma parceria, a relação entre *infans* e as funções seja paterna ou materna, uma incógnita permanece neste ponto. Nas próprias palavras de Aulagnier:

[...] faz parte do verificável o que a teoria nos ensina sobre as causas psíquicas responsáveis pelos possíveis do funcionamento psíquico. Faz parte do inverificável as causas que nesse sujeito singular, dariam conta de maneira exaustiva da “escolha”, feita num passado longínquo passado, desse possível de seu funcionamento psíquico. (AULAGNIER, 1989, p. 215)

Neste percurso, sobre a formação do eu ao funcionamento da psicose, temos os conceitos de eu, transferência e fantasia como nodais para compreensão do sujeito em questão. Entretanto, destacamos o conceito de potencialidade como amêgo das engrenagens, visto que esta nele a possibilidade de dar outra forma ao tratamento, e construir o novo que pode ser ameaçador ao sujeito da psicose.

Se temos a questão de formação do psicose inscrita no processo identificatório, seria nele também a ancoragem de partida para estabilização ao surto psicótico, e seu delírio entendido como representação da cena engendrada em sua origem. A análise não visa a extinção do delírio. O que esta em jogo é o percurso de identidade ligada à representação do ser e suas experiências com o afeto, o qual não pode ser traduzido na linguagem. Aulagnier (1989) define do seguinte modo:

[...] enquanto o identificador permanece vivo, é nunca esta fechado, mas precisa conseguir se ancorar em um ponto de partida fixo, descobrir seu sentido, na dupla acepção do termo, saber de onde vem, onde está, para onde vai. Este sentido que transforma o tempo humano só pode ser apreendido pela psique em termos de desejo. (AULAGNIER, 1989, 230)

Segundo a elaboração de Aulagnier (1989), o sujeito da psicose pode encontrar um percurso, seja por meio da transferência em que haja um escutador-investidor, ou no ato em que ele sinta a possibilidade de construir o sentido de sua existência, atuando em delírio ou não. Destacamos também a importância de que Aulagnier (1989) retrata nesse percurso o mesmo que Freud (1911/1996) há sempre um afeto irredutível em cena.

Podemos relatar a constatação deste aspecto, na criação do delírio como uma tentativa de repetição representativa da cena do encontro, em um caso clínico. O caso trata-se de uma senhorita de 27 anos que procura o consultório porque sofre com vozes que a perturba. Durante o atendimento a paciente relata que tem um chip no braço esquerdo que foi implantado enquanto dormia, e tal feito foi realizado por uma mulher que desejara destruí-la. Entretanto, o que mais lhe causava sofrimento além das vozes, era o afeto da dita mulher, e atesta com a repetição desta fala “porque a mulher me odeia tanto”(sic). Sobre este aspecto os afetos sempre aparecem nos casos de psicose, seja no caso que Freud (1911/1996) interpreta sobre Schreber, que queria saber amado por Deus, como neste fragmento, e dentre tantos outros casos.

Destacar tal ponto concentra o principal objetivo da pesquisa, e vincula o funcionamento da psicose há um modo específico de simbolização da experiência. Aulagnier acentua essa ideia desta forma:

A única linguagem que torna formulável e compreensível a problemática da psicose é a da identificação. O que o psicótico espera do outro é sempre uma mesma coisa: uma significação, uma confirmação do fundamento de certas experiências, de certos pensamentos, de certos testemunhos de sua própria sensorialidade, que permite ao identificador ter certeza das referências necessárias para distinguir o tempo de vida e de morte, o passado do presente, e que lhe garantiam, dessa forma, um direito de olhar e de gozo sobre seus próprios identificados. (AULAGNIER, 1989, p. 235)

Tal afirmação coloca de um lado, o não impedimento de que o sujeito consiga realizar parcialmente um processo identificador e compartilhado socialmente. Podemos visualizar isso em casos de psicose que desencadeiam se apenas na adolescência ou na vida adulta. Mas por outro lado, coloca como estudo a manifestação do processo de potencialidade do conflito, que pode se manifestar a qualquer ameaça de eu, já frágil em sua gênese.

Marcamos durante o desenvolvimento da pesquisa tanto as aproximações quando os pontos em que Aulagnier e Castoriadis, ressaltando encontros e desencontros, compreendendo que isso é de extrema importância. A produção do conhecimento se enriquece na diversidade e não na unidade.

Neste campo, jogamos com todas as afirmações e, também, os coadjuvantes da movimento psicanalítico na contemporaneidade para vasculhar maior clareza, longe de chegar a afirmações narcísicas de qual teria tomado o caminho correto.

Aulagnier e Castoriadis desempenharam um papel fundamental na história da Psicanálise, ao fixar justamente, a variedade das condições do sujeito de existir e mostrar-se ao mundo. Aulagnier em defesa da criação da condição e de outras formas de se relacionar juntamente a Castoriadis, partilhando dessa criação incessante que torna viva a psique, aproxima-se progressivamente a conclusões efetivas.

6. CONCLUSÃO

*Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
 Quem sou? um fogo-fátuo, uma miragem...
 Sou um reflexo...um canto de paisagem
 Ou apenas cenário! Um vaivém
 Como a sorte: hoje aqui, depois além!
 Sei lá quem sou?Sei lá! Sou a roupagem
 De um doido que partiu numa romagem
 E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...
 Sou um verme que um dia quis ser astro...
 Uma estátua truncada de alabastro...
 Uma chaga sangrenta do Senhor...
 Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,
 Num mundo de maldades e pecados,
 Sou mais um mau, sou mais um pecador...
 (FLORBELA ESPANCA, 2003, p.96)*

É preciso saber explicar? Aqui esta o problema. Saber é uma coisa, agora saber enquanto transmissão é o que se faz questão. A leitura precisa fazer sentido para quem lê. É uma perseguição do sentido, uma vez que ela constitui para o homem uma morada histórica.

Nesse movimento, a Psicanálise poderia circular enquanto epistemologia por sua tentativa de explicar, e isso ainda seria questionável, uma vez que os contemporâneos da Psicanálise, afirmam que não é essa a proposta, ainda que possivelmente tenha sido a de Freud (GAY, 1989).

As elucubrações realizadas nessa construção do saber em que a psicanálise se pauta, propõe um método de compreensão deste fenômeno, não como totalitária, sim ontogênica. As variáveis que a psicanálise revela podem ser palpável na construção teórico-clínico, devido às transmutações de verdades que foram propostas na história desse saber e que ficaram ao longo do caminho, apenas como um sinal de sua progressão.

A psicanálise, além da produção de saber, visa à relação do homem com sua cultura transmutada sob a égide do nome de inconsciente, vislumbrando o desconhecido no homem, o que lhe causa uma ferida narcísica. Desta maneira, a pesquisa partiu do ponto em que a Psicanálise permite repensar as psicoses, alicerçando o desvelamento dessa relação que não se rende a emolduramento.

Portanto, objetivamos utilizar das considerações da Psiquiatria, sua fundamentação da psicopatologia para evidenciar que a Psicose permanece fora de um discurso totalitário, e/ou deficitário. Utilizamos para desbravar esse campo da Psicose o percurso utilizado por Aulagnier e Castoridais, que saiu da universalização histórica da loucura, em defesa da

subjetividade, num mergulho das psicoses, e com a especificidade da paranoia, sem reducionismos, acrescenta um alerta constante da clínica do um-a-um, é que não pretendemos fechar a questão da paranoia.

Entendemos que uma pesquisa fecunda não fecha respostas e nem oferece fórmulas, mas sim permite a elaboração de outro conhecimento que não cessa de se fazer em questão, a partir das investigações realizadas até o momento. Poderíamos parafrasear Castoriadis a respeito de que um fechamento seja de mônada ou de uma pesquisa é autodestruição, fechamento de um fluxo de ideias e isso impossibilitaria uma circulação ou discussão do saber.

Fazemos menção de propor o escopo da trilha de Aulagnier ao nos convidar a pensar que na psicanálise não podemos trazer afirmações incisivas baseado em nomes que atravessam século. Visto que a necessidade de conhecer não cessa, é preciso, como diria Barthes (1977, p. 36) um momento em que “se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar”.

Diante do tortuoso caminho teórico, podemos formular como é preciso recolocar a questão do sujeito e de seu para-si na constituição da psicose. A partida da pesquisa tinha como pressuposto de que o conceito de psicose repousa teoricamente sobre o prisma déficit de ordem inconsciente.

Entretanto, utilizando das perspectivas teórico-metodológicas de Aulagnier e Castoriadis notou-se de que a condição do sujeito psicótico não deve ser reduzido a essa modalidade. Para os autores a definição de psicose repousa sobre uma modalidade de criação realizada pelo sujeito, podendo assumir uma passagem do sofrimento a celebração do próprio ser, alterando suas relações com a existência e sua inserção no campo da cultura e no do social-histórico em busca da autonomia.

Detectamos que um dos pontos de alcançados no percurso da pesquisa foi a articulação do delírio como uma representação da experiência do sujeito, ou seja, de representação. Tal função que nos permite pensar a posição inconsciente na psicose como criação, seja de sentido ou de representação do não-sentido, na paranoia nada mais cabível que uma poesia.

Na articulação do conceito *poiesis* com a psicose, destacamos que a ampliação do conceito não vem apenas do sentido, e muito menos da significação das palavras, mas da possibilidade de saber que ela está lá para ser criada. Podemos apontar essa relação de criação com a psicose como uma das diretrizes que alcançamos ao finalizar a pesquisa

Nas palavras de escritora Florbela Espanca, transcritas na epígrafe, retrata a morada

imaginária enquanto condição de criação a ser explorada pelo sujeito, seja ele das psicoses, ou não. Podemos destacar como outro resultado da pesquisa, é que, a condição do sujeito psicótico não o impossibilita de percorrer outros caminhos em sua relação com o mundo, que não sejam apenas delirantes, e nem o impeça de viver em sociedade e partilhar parte de suas significações.

Há uma criação de representação, seja ao tratar-se de imagem ou a linguagem, apenas marca uma posição subjetiva de cada sujeito e nisso não há nada que possa colocá-lo em uma categorização psicopatológica. Talvez, pode se e, provavelmente, outras vias caminhos para um ponto de significação para o próprio sujeito em questão e isso basta, basta que se fale, basta que pense, basta que exista.

Deste modo foi imprescindível retomar os conceitos de Freud a respeito da formação do eu, e as contribuições de Lacan sobre a teorização da psicose, sem perder de vista os limites que cada pensador deixa. Tanto Castoriadis e Aulagnier tiveram contato com Lacan, o que proporcionou diversas reflexões e desencadeou severas críticas do casal ao psicanalista. Porém a pesquisa apontou que a separação e as divergências entres eles permitiram a criação de outras possibilidade de entender o sujeito.

Nessa direção cabe pontuar algumas vírgulas como fizemos ao longo da discussão de Freud, Lacan, Aulagnier e Castoriadis para interpor a possibilidade de permitir o avanço da Psicanálise, sem pretensões fálicas-narcisistas. Desse modo, findamos por ora essa discussão, apostando no que não se finda, e não cessa de não se inscrever, é a abertura que a reprodução pictográfica permite enquanto ato de criação.

7. REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **O Homem e a Serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

ARISTOTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

AULAGNIER, P. **A violência da Interpretação**: Do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1979.

_____. **O aprendiz de historiador e o Mestre-feiticeiro**: Do discurso identificante ao discurso delirante. São Paulo: Ed. Escuta, 1989.

_____. **Um interprete em busca de sentido I**. São Paulo: Editora Escuta, 1990.

_____. **Um interprete em busca de sentido II**. São Paulo: Editora Escuta, 1990.

BARROS, M. D. **O livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARTHES, R. **A Aula**. ed. 14. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOURGUIGNON, A. **O conceito de renegação em Freud**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 1991.

CAETANO, D. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto II**: Os domínios do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **As encruzilhadas do labirinto III**: O mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.

_____. **As encruzilhadas do labirinto V**: Feito e a ser feito. Rio de Janeiro: DP&A Terra, 1990.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Sujeito e Verdade: no mundo social-histórico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CHASLIN, P. **La Confusion Mentale Primiti**: Stupidité, démence Aigue Stupeur Primitive.

French Edition. Paperback – Januarv 1, Paris. 1923-2010.

COUTINHO JORGE, M. A. **Os fundamentos da Psicanálise: A clínica da fantasia**. Vol. II. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2014.

ELIA, L. **O conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2011.

ESPANCA, F. **As Máscaras do Destino**. São Paulo: Aquariana, 2003.

FREUD, S. **Esboço para a “comunicação preliminar”** (1893). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. I Rio de Janeiro: Imago, 1996

_____. **As neuropsicoses de defesa** (1894). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Rascunho H** (1895). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Estudos sobre a histeria** (1895). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Rascunho K** (1896). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa** (1896). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A interpretação dos sonhos** (1900). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Escritores criativos e devaneios** (1908). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*dementia paranoïdes*)** (1911). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise** (1912). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O instinto e suas vicissitudes** (1915). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O ego e o id** (1923). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Neurose e Psicose** (1924). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A perda da realidade na Neurose e na Psicose** (1924). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Inibições, sintomas e ansiedade** (1925). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Além do princípio de prazer** (1920). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Futuro de uma Ilusão** (1930). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise** (1932). Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Construções em análise** (1937). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Moisés e o monoteísmo: três ensaios** (1938). Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ : Vozes, 1991.

GAY, P. **Freud uma vida para o nosso tempo**. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HORNSTEIN, L. **Piera Aulagnier e a potencialidade psicótica**. São Paulo: Psicanálise e Universidade. Setembro de 2001. n. 15.

JASPERS; K. **Psicopatologia Geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia**. Rio de Janeiro: ed. Atheneu. 1965.

JAPIASSÚ, H. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JULIEN, P. **As psicoses: um estudo sobre a paranoia comum**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

KAPLAN, H.; SADOCK, B. **Tratado de Psiquiatria**, 6a ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

LACAN, J. **O seminário livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1954/1988.

- _____. **O Seminário livro 3**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1955/1998.
- _____. A Função e Campo na Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar 1953/1998.
- _____ **Da Psicose paranoica em suas relações com a Personalidade**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1932/2011.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEADER, D. **O que é loucura?** Delírio e sanidade na vida cotidiana. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- LISPECTOR, C, **A Descoberta do Mundo**, Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MANONNI; O. **Freud: uma biografia ilustrada**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994.
- MIJOLLA-MILLOR, S. **Piera Aulagnier ou a busca de sentido**. São Paulo: Psicanálise e Universidade. Setembro de 2001. n. 15.
- PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1996.
- PORGE, E. **Os nomes do pai em Jacques Lacan: problemáticas e pontuações**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.
- QUINET, A. **Teoria e Clínica da Psicose**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária 2011.
- RABINOVITCH, S. **A foraclusão: presos do lado de fora**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.
- ROUDINESCO. E. **A história da Psicanálise na França: A batalha dos cem anos**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1989.
- _____; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.
- TAURO, D. V-E. Cornelius Castoriadis. [1922-1997]. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: **Intermeio, Revista do Mestrado em Educação**. 2003-2004. n. 18, p. 24-37; n. 19, p. 4-18.
- _____; BALTHAZAR, F.M.; FURTADO, V. C. **Algumas contribuições de Cornelius Castoriadis para a psicanálise: da psique monádica ao ser social-histórico**. Rio de Janeiro: Mnemosine. 2008. v. 4, p. 3-1,.
- VIOLANTE, M. L. V. (org). **Desejo e Identificação**. São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. **Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra de Freud**. São Paulo: Via Leterra, 2001.